

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO REGIONAL
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO REGIONAL -
MESTRADO**

Diorginis Luis Fontoura da Rosa

EXPERIÊNCIAS DE VELHICES NEGRAS EM SANTA CRUZ DO SUL-RS

Diorginis Luis Fontoura da Rosa

EXPERIÊNCIAS DE VELHICES NEGRAS EM SANTA CRUZ DO SUL-RS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional - Mestrado e Doutorado, área de concentração em Desenvolvimento Regional, dentro da linha de pesquisa “Estado, Instituições e Democracia” da Universidade de Santa Cruz do Sul-UNISC, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Regional.

Orientadora: Profa. Dra. Silvia Virginia Coutinho
Areosa

Santa Cruz do Sul
2025

CIP - Catalogação na Publicação

da Rosa, Diorginis Luis Fontoura

EXPERIÊNCIAS DE VELHICES NEGRAS EM SANTA CRUZ DO SUL?RS /
Diorginis Luis Fontoura da Rosa. – 2025.

104 f. : il. ; 29 cm.

Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) –
Universidade de Santa Cruz do Sul, 2025.

Orientação: Profa. Dra. Silvia Virginia Coutinho Areosa.

1. Desenvolvimento Regional. 2. Envelhecimento. 3. População
Negra. 4. Racismo Estrutural. I. Areosa, Silvia Virginia Coutinho
. II. Título.

Diorginis Luis Fontoura da Rosa

EXPERIÊNCIAS DE VELHICES NEGRAS EM SANTA CRUZ DO SUL-RS

Profa. Dra. Silvia Virginia Coutinho Areosa

Universidade de Santa Cruz do Sul-UNISC

Professora Orientadora

Prof. Dr. Maikel Pons Giralt

Universidade de Santa Cruz do Sul-UNISC

Professor Examinador

Prof. Dra. Luciana Rodrigues

Universidade Federal do Rio Grande do Sul-UFRGS

Professora Examinadora

AGRADECIMENTOS

Os Racionais MC's ocupam um lugar fundamental na história da música brasileira e, mais do que isso, na vida de milhares de jovens negros, que se reconheceram em suas rimas, dores e sonhos. Eles não somente criaram canções, mas construíram pontes entre a nossa realidade e a esperança de dias melhores.

O álbum **Nada Como um Dia Após o Outro Dia** tem um significado especial para mim. Em muitos momentos, suas letras traduzem sentimentos profundos que, por vezes, não conseguimos expressar em palavras. Por essa razão, gostaria de registrar nos agradecimentos alguns trechos desse álbum que sigo carregando comigo até hoje.

E é por meio dos versos de **Negro Drama** que inicio meus agradecimentos.

–“Atrasado, eu tô um pouco sim, tô, eu acho.”

Na vida, os atrasos são inevitáveis. Eles nos fazem tropeçar, refletir e, por vezes, nos concedem o privilégio de redescobrir histórias que sempre estiveram ao nosso lado, adormecidas. Demorei a encontrar as peças que compõem minha história. Foi um longo caminho até a universidade, até os livros, até compreender verdadeiramente as lutas das pessoas negras e desvendar as raízes profundas do racismo no nosso país.

Durante a pesquisa, descobri alguns fatos sobre meu avô Petrônio. Ele foi presidente do S.C.B. União, espaço de extrema importância para o desenvolvimento desta pesquisa. Mesmo em tempos sombrios, como o da ditadura militar, atuou para trazer outros companheiros negros do Exército e integrá-los ao clube, “para fortalecer os nossos irmãos negros”, como revelou um dos entrevistados. Só conheci esse legado durante o mestrado. Ele partiu cedo, mas não antes de me ver nascer.

–“Luz, câmera e ação, gravando a cena vai, um bastardo, mais um filho pardo, sem pai.”

Tenho certeza de que você teria orgulho da história de sua filha e de seu neto, assim como de todos os anos de lutas e dificuldades enfrentadas quando eram apenas os dois, buscando uma vida mais digna, uma vida que, hoje, podemos dizer que se tornou possível.

–“Daria um filme. Uma negra e uma criança nos braços, solitária na floresta de concreto e aço.”

Minha mãe, Rosette, foi tudo o que ela precisava ser para que eu pudesse crescer bem. Sua força e determinação abriram portas que, para muitos, pareciam inalcançáveis. Mesmo

enfrentando, em diversos momentos, o racismo, ela seguiu em frente, tornando-se um exemplo de resistência e coragem.

-“Família brasileira, dois contra o mundo, mãe solteira de um promissor vagabundo.”

Meus agradecimentos estendem-se também a todas as companheiras que caminharam ao meu lado, ensinando-me que o afeto é uma escolha e que amar, em sua essência, não impõe condições nem exige retribuições.

-À minha avó, Elaine Fontoura, que sempre acreditou no poder transformador dos estudos e me incentivou a ir mais longe do que jamais imaginei.

-Minha irmã, Eduarda, que trouxe alegria e renovou o amor em nossa família com sua chegada.

-À minha companheira, Rafaele Klafke, minha melhor amiga e porto seguro, minha profunda gratidão.

-Agradeço aos meus sogros por todo o apoio e respeito ao longo destes anos.

-À Profa. Dra. Silvia Virginia Coutinho Areosa, minha orientadora, por toda paciência e parceria nesses anos.

-Marta Nunes, presidente do S.C.B. União, que demonstrou tanto carinho e cuidado ao me ajudar com essa pesquisa tão importante.

Além disso, expresso minha profunda gratidão ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da UNISC por proporcionar essa oportunidade transformadora e pelo apoio constante ao longo desses dois anos.

Aos meus colegas, que tornaram essa caminhada mais leve e divertida. Cada um de vocês estará sempre comigo, no coração.

Agradeço profundamente à Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior-CAPES, que me possibilitou realizar esta pesquisa.

Hoje, no mestrado, percebo que a luta do meu avô agora também é a minha. E que no atraso, há poesia. No encontro, há razão. Talvez tenha demorado para compreender e me reconectar com essas histórias, mas o reencontro sempre chega, no tempo e na vez certa. Porque, no final das contas, o que importa é isso: o aprendizado e os laços que construímos ao longo do caminho.

-“E de onde vêm os diamantes? Da lama”.

Guiado pelas palavras que ecoam luta, resistência e força nos versos dos Racionais MC's, dedico este trabalho àqueles que vieram antes de mim, cujas histórias podem ter sido apagadas, mas jamais foram esquecidas. Agradeço também a todos que vierem a ler esta dissertação e, quem sabe, encontrem nela algo de suas próprias histórias.

Que, na força de nossa luta, este cenário possa, enfim, ser transformado.

Nada Como um Dia Após o Outro Dia.

“É necessário preservar o avesso, você me disse. Preservar aquilo que ninguém vê. Porque não demora muito e a cor da pele atravessa nosso corpo e determina nosso modo de estar no mundo. E por mais que sua vida seja medida pela cor, por mais que suas atitudes e modos de viver estejam sob esse domínio, você, de alguma forma, tem de preservar algo que não se encaixa nisso, entende? Pois entre músculos, órgãos e veias existe um lugar só seu, isolado e único. E é nesse lugar que estão os afetos. E são esses afetos que nos mantêm vivos.”

(Jeferson Tenório)

RESUMO

A presente dissertação de mestrado em Desenvolvimento Regional analisa as experiências de velhices negras em Santa Cruz do Sul–RS, utilizando como referência teórica a perspectiva do Desenvolvimento como Liberdade, do economista indiano Amartya Sen. A pesquisa investiga como as pessoas idosas negras do município vivenciam as manifestações de racismo ao longo de suas trajetórias de vida. Para tanto, foi adotada a abordagem fenomenológica com metodologia qualitativa, o que possibilitou compreender as experiências vividas a partir das percepções dos próprios sujeitos. A coleta de dados incluiu a realização de grupos focais, entrevistas semi-estruturadas e relatos de histórias de vida, envolvendo 11 participantes autodeclarados(as) negros(as), com 60 anos ou mais, residentes no município. Os dados coletados foram analisados e categorizados com base na metodologia de Análise de Conteúdo proposta por Bardin. Os resultados evidenciam que o racismo estrutural marcou de forma contínua a trajetória dos participantes, impactando negativamente o acesso à educação, ao mercado de trabalho, à saúde e à participação política e cultural. Observou-se que a pressão para a adequação a padrões de branquitude e a afirmação das identidades negras permanecem como desafios cotidianos, mesmo na velhice. Contudo, foram identificadas formas de resistência, como a atuação em espaços culturais, o fortalecimento da identidade negra e a construção de redes de solidariedade comunitária. A análise final conclui que, embora existam iniciativas de enegrecimento e valorização cultural, as oportunidades de desenvolvimento pessoal e coletivo para a população negra idosa seguem severamente limitadas por barreiras estruturais persistentes. Assim, reafirma-se a necessidade urgente da formulação de políticas públicas interseccionais e de transformações sistêmicas que ampliem as liberdades reais para essa parcela da população, promovendo equidade, inclusão e o reconhecimento de suas contribuições históricas e culturais. A pesquisa, portanto, reforça que o pleno desenvolvimento, conforme preconizado por Sen, ainda é um desafio a ser efetivamente alcançado.

Palavras-chave: Desenvolvimento Regional; Envelhecimento; População Negra; Racismo Estrutural.

ABSTRACT

This master's thesis in regional development examines the experiences of older Black people in Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul. The study investigates how elderly Black residents of the municipality experience manifestations of racism throughout their life trajectories, employing the theoretical framework of Development as Freedom proposed by Indian economist Amartya Sen. The study employed a qualitative methodological approach with a phenomenological viewpoint to comprehend how the participants perceived their own life experiences. To collect data, 11 self-identified Black participants who were 60 years of age or older and resided in the municipality took part in life history narratives, semi-structured interviews, and focus groups. The data were analyzed and categorized using Bardin's Content Analysis methodology. The findings reveal that structural racism consistently shaped the participants' life paths, negatively impacting their access to education, employment, healthcare, and political and cultural participation. The results reveal that structural racism continuously marked the participants' trajectories, negatively impacting their access to education, the labor market, healthcare, and political and cultural participation. The urge to conform to whiteness norms and the affirmation of Black identities remain daily challenges even in old age. Nevertheless, forms of resistance were identified, such as engagement in cultural spaces, strengthening of Black identity, and building community solidarity networks. The ultimate research is that, despite initiatives to advance racial affirmation and cultural valorization, chances for individual and group growth among older Black people are still severely limited by enduring structural constraints. Thus, it is evident that there is a pressing need to develop laws and implement reforms that give this minority more liberties while valuing their cultural and historical contributions and advancing justice and inclusivity.

Keywords: Regional Development; Aging; Black People; Systemic Racism.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS

Figura 1– Secretarias Estaduais Para o Combate ao Racismo.	26
Figura 2– Tia Inácia.	37
Figura 3– Brasão de Santa Cruz do Sul.	37
Figura 4– Monumento ao Imigrante.	38
Figura 5– Hino Santacruzense.	39
Figura 6– Parque da Cruz.	40
Figura 7– Catedral São João Batista.	40
Figura 8– Estátua em homenagem a Exu.	41
Figura 9– Escolhas das Soberanas.	43
Figura 10– Oktoberfest.	44
Figura 11– Monumento a Fritz e Frida.	45
Figura 12– Christkindfest.	45
Figura 13– Mapa Turístico de Santa Cruz do Sul	46
Figura 14– Polêmica na Oktoberfest.	69
Figura 15– S.C.B. União.	75
Figura 16– Localização do S.C.B. União.	76
Figura 17– Participação do Clube União no Carnaval.	78
Figura 18– Trajeto da Farra do Boi.	79
Figura 19– Divulgação Descida da Júlio 2025.	79

QUADROS

Quadro 1– Entrevistados (as) e suas participações.	19
---	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
S.C.B.	Clube Sociedade Cultural e Beneficente União
RS	Rio Grande do Sul
UNISC	Universidade de Santa Cruz do Sul
IMDS	Instituto Mobilidade e Desenvolvimento Social
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
GEPEC	Grupo de Estudos e Pesquisas em Envelhecimento e Cidadania
Profa. Dra.	Professora Doutora
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
LGBTQIA+	Lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, <i>queer</i> , intersexuais, assexuais e demais orientações.
HIV	<i>Human Immunodeficiency Virus</i>
AIDS	<i>Acquired Immunodeficiency Syndrome</i>
OMS	Organização Mundial da Saúde
CRAS	Centros de Referência de Assistência Social
PNB	Produto Nacional Bruto
N.º	Número
Oxfam	<i>Oxford Committe for Famine Relief</i>
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua
NERI	Núcleo de Estudos Raciais do Insper
Cebrap	Centro Brasileiro de Análise e Planejamento
PIB	Produto Interno Bruto
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
IDHM	Índice de Desenvolvimento Humano Municipal
IFDM	Índice FIRJAN de Desenvolvimento Municipal
Codene	Conselho de Desenvolvimento da Comunidade Negra
SES	Secretaria Estadual da Saúde do Rio Grande do Sul
<i>Oktober</i>	<i>Oktoberfest</i>
MNU	Movimento Negro Unificado

UNEGRO

União de Negros pela Igualdade

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	RACISMO ESTRUTURAL E LIBERDADES NEGADAS: UMA ANÁLISE DAS DESIGUALDADES NO BRASIL.....	23
2.1	O Desenvolvimento como Liberdade.....	23
2.2	Racismo Estrutural e Suas Implicações nas Desigualdades Sociais	24
3	O PACTO DA BRANQUITUDE E O DESENVOLVIMENTO EM SANTA CRUZ DO SUL	32
3.1	Desenvolvimento e exclusão: o papel da branquitude	32
3.2	A Exclusão Simbólica e a Centralidade da Branquitude em Santa Cruz do Sul.....	36
4	EXPERIÊNCIAS DE VELHICES NEGRAS	48
4.1	Racismo Estrutural	51
4.1	O Racismo no Cotidiano	51
4.1.2	Impactos da Branquitude	59
4.2	Vivências no Território.....	64
4.2.1	A Cultura Alemã	65
4.2.2	Representatividade.....	71
4.2.3	Movimento de Enegrecimento.....	74
4.3	As Velhices Negras e o Sonho Adiado da Liberdade.....	82
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	85
	REFERÊNCIAS	88
	ANEXO A- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	97
	ANEXO B- PARECER APROVAÇÃO CEP	100
	APÊNDICE A – ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA	104

1 INTRODUÇÃO

A presente dissertação de mestrado em Desenvolvimento Regional aborda a complexidade do racismo estrutural e suas implicações sociais e subjetivas, com foco na experiência das pessoas idosas negras ao longo de suas vidas. A pesquisa fundamenta-se nas ideias do economista e filósofo indiano Amartya Sen, particularmente em sua concepção de desenvolvimento como expansão das liberdades. Sua obra é fundamental para expandir a discussão além do aspecto econômico, contribuindo significativamente para a compreensão das desigualdades enfrentadas pela população negra brasileira.

Para esse fim, o município de Santa Cruz do Sul, no Rio Grande do Sul, conhecido por sua colonização alemã, é tomado como microcosmo. Nesse contexto, busca-se compreender de que forma as narrativas culturais e as construções identitárias influenciam as experiências das pessoas negras nesse cenário específico.

Inicia-se com a premissa de oferecer uma visão atual sobre o envelhecimento da população brasileira, compreendendo-o como um processo complexo e multidimensional que impacta os indivíduos de maneiras diversas. Isso ocorre porque é influenciado por fatores biológicos, psicológicos, sociais e culturais, que interagem ao longo de toda a vida, moldando as experiências e condições enfrentadas pelas pessoas em diferentes contextos (Côrte; Lopes, 2024). No Brasil, o Estatuto da Pessoa Idosa (Brasil, 2003) estabelece que são consideradas idosas as pessoas com 60 anos ou mais.

Nas últimas décadas, o envelhecimento da população, acompanhado pelo aumento do número de pessoas idosas e pela diminuição da taxa de natalidade, tem se intensificado, gerando mudanças significativas na composição da pirâmide etária do país (Camarano, 2022). Como demonstram dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE, no Censo Demográfico de 2022, o número de pessoas com 60 anos ou mais alcançou 32.113.490, correspondendo a 15,6% da população total (IBGE, 2023). Essa transformação demográfica impõe desafios consideráveis ao país, como a reestruturação dos sistemas de saúde e previdência social, a adaptação de políticas públicas e a criação de ambientes mais inclusivos, capazes de atender às necessidades da população idosa.

É essencial destacar que a população idosa brasileira é extremamente heterogênea, e o processo de envelhecimento no país reflete profundas diferenças sociais (Camarano, 2022). Essas assimetrias tornam-se ainda mais evidentes na população negra, cujas vivências são marcadas por discriminação racial e violências acumuladas ao longo da vida, resultando em impactos profundos na saúde física e mental (Lima, 2020).

Embora seja um país de maioria negra, com 56,1% da população autodeclarada preta ou parda (IBGE, 2023), dados do Instituto Mobilidade e Desenvolvimento Social-IMDS (2024), em parceria com o Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional da Universidade Federal de Minas Gerais-UFMG, revelam discrepâncias significativas na longevidade. Entre 2010 e 2019, a expectativa de vida ao nascer para mulheres brancas era de 80,06 anos, enquanto para mulheres negras era de 76,01 anos. Para os homens, a expectativa de vida era de 74,52 anos entre os brancos e 68,65, entre os negros, evidenciando uma diferença de 5,87 anos.

As disparidades entre as populações brancas e negras refletem-se em oportunidades limitadas de acesso a serviços de saúde de qualidade, condições de vida inadequadas e restrições nas oportunidades ao longo do ciclo de vida. Para Bersani (2018), as constantes lutas das pessoas negras contra as condições desfavoráveis ocorrem em todas as fases da vida, frustrando o pleno exercício de seus direitos e influenciando diretamente como vivenciam suas velhices.

A velhice, como apontam Côrte e Lopes (2024), é uma fase específica dentro do contínuo do envelhecimento humano, vivenciada de maneira única por cada indivíduo. Por essa razão, é mais adequado utilizar o termo "velhices" no plural, reconhecendo a pluralidade de experiências que caracterizam essa etapa da vida. Assim, nesta dissertação, será adotado o termo velhices negras para abordar essas especificidades daqui em diante.

A compreensão das velhices negras brasileiras exige uma análise aprofundada das raízes históricas do racismo no país. O racismo, entendido como um conjunto complexo de práticas discriminatórias sustentadas por construções ideológicas, resulta na exclusão sistemática da população negra, fundamentada em diferenças raciais (Fanon, 2008). Essas práticas foram moldadas por mais de três séculos de escravidão, que influenciaram diretamente a estrutura social do país (Gonzalez; Hasenbalg, 2022).

No final do século XIX e início do século XX, ocorreram mudanças significativas que moldaram as estruturas da sociedade brasileira. Entre elas, destacam-se os movimentos de luta e revolta de pessoas escravizadas em busca de liberdade e a proibição do tráfico internacional de escravos, medida que, em tese, reconheceu os africanos escravizados como vítimas, mas não estendeu esse reconhecimento aos negros nascidos no Brasil (Santos, 2022). Nesse contexto, o governo implementou a política de branqueamento, incentivando a imigração europeia para substituir a mão de obra após a abolição da escravidão. Essa política consolidou a valorização da estética branca em detrimento da negra, cujos efeitos ainda se fazem sentir na sociedade contemporânea (Santos, 2022; Nascimento, 1980).

Uma das maiores referências do pensamento e da luta antirracista no Brasil, o autor e ativista negro Abdias do Nascimento ressalta que "a sociedade brasileira se organizou de

maneira a perpetuar privilégios para a população branca, enquanto relegava a população negra a posições subalternas" (Nascimento, 1980, p. 45). Mesmo após a abolição formal da escravidão em 1888, políticas de exclusão social continuam a impedir o acesso da população negra à educação, à terra e a direitos básicos, preservando desigualdades (Gonzalez; Hasenbalg, 2022).

A herança de exclusão e violência reflete-se em indicadores alarmantes, como as altas taxas de homicídios, dificuldades de acesso a oportunidades educacionais e profissionais. Essa realidade demonstra como as marcas do racismo continuam a influenciar as experiências e condições de vida, especialmente nas velhices negras (Oliveira, 2018).

Em termos de Desenvolvimento Regional, ao analisar essa realidade, a relação entre a obra de Amartya Sen (2010) e a segregação da população negra é evidente e profundamente significativa. Na perspectiva do economista, o desenvolvimento genuíno só será alcançado quando as capacidades emancipatórias dos indivíduos forem plenamente reconhecidas e promovidas. Esse ideal demanda uma transformação estrutural capaz de garantir acesso igualitário a oportunidades em educação, emprego e saúde, além de promover um ambiente que valorize a diversidade em vez de negá-la (Sen, 2010).

Historicamente, o Brasil, como explicita Fernandes (1978), perpetuou o conceito de "democracia racial", que sustenta a ideia de ausência de distinções raciais e igualdade entre os brasileiros, independentemente da cor da pele. No entanto, essa concepção mascara a realidade do racismo sistêmico, que persiste desde o período colonial. Tal ideia tem sido utilizada como ferramenta para deslegitimar as demandas da população negra por igualdade e justiça, frequentemente classificando essas reivindicações como subversivas ou divisivas.

Em vez de reconhecer as assimetrias históricas, a sociedade tende a negar sua existência, reforçando a segregação e a marginalização da população negra (Gonzalez; Hasenbalg, 2022). Essa negação não apenas impede avanços significativos no campo da equidade, mas também limita o pleno desenvolvimento de indivíduos e comunidades, contradizendo os princípios de liberdade e justiça social propostos por Sen.

Uma compreensão mais aprofundada do racismo no Brasil pode ser alcançada por meio das análises de Dennis de Oliveira (2021) e Bersani (2018). Os autores demonstram que o racismo se consolidou de maneira estrutural, transcendendo ações individuais e explícitas de discriminação. O racismo está enraizado nas estruturas sociais, políticas e econômicas, impactando áreas como o sistema educacional, o sistema de justiça criminal, o mercado de trabalho e as relações cotidianas. A sua prática desumaniza os corpos negros e naturaliza

práticas de exclusão, resultando em disparidades sistemáticas e profundamente injustas (Bersani, 2018).

Esse cenário contrasta com a visão de desenvolvimento de Sen (2010), que pressupõe que o progresso seja possível quando todas as pessoas desfrutam da liberdade de viver vidas dignas e plenas, livres de discriminação e qualquer forma de preconceito. Nesse contexto, Oliveira (2021) destaca que a história da população negra é marcada pela resistência, uma vez que sua trajetória sempre foi permeada por conflitos. As cidades foram historicamente constituídas apresentando espaços de exclusão, onde pessoas negras enfrentam dificuldades para participar plenamente. No entanto, "onde há território, há um território negro" (Oliveira, 2021, p. 69). Assim, as resistências resultam em movimentos que buscam criar espaços de pertencimento e luta, reconfigurando os territórios.

De acordo com Milton Santos (2000), o território não é apenas um espaço físico, mas também uma construção social e de disputas, onde diferentes grupos e atores exercem práticas e estabelecem relações. Essa perspectiva reforça a importância das lutas territoriais empreendidas pela população negra, que busca não apenas ocupar espaços físicos, mas também redefinir as dinâmicas sociais e culturais que estruturam a sociedade.

Nesse sentido, o recorte da pesquisa direciona a análise para o município de Santa Cruz do Sul, localizado no interior do Rio Grande do Sul. A identidade cultural desse município é profundamente influenciada pela presença histórica dos povos germânicos que se estabeleceram na região (Vogt, 2001).

Atualmente, Santa Cruz do Sul possui uma população de 133.230 habitantes, dos quais aproximadamente 16,69% têm mais de 60 anos. A população autodeclarada preta é composta por 7.693 pessoas (5,77% do total), enquanto a autodeclarada parda corresponde a 15.043 pessoas (11,29%). Assim, 17,6% da população total do município é composta por pessoas negras. Dentre elas, 1.997, com 60 anos ou mais (25,96% do total de pessoas negras), e 3.408 são autodeclaradas pardas (22,66%), conforme a classificação do IBGE (2023).

O surgimento de Santa Cruz do Sul está diretamente relacionado à colonização germânica promovida pelos governos imperial e provincial no século XIX. Enquanto em outras regiões do Brasil a imigração estava associada à produção de cana-de-açúcar e café, no sul do país o objetivo principal era estabelecer colônias de pequenos produtores rurais dedicados ao cultivo de alimentos essenciais (Vogt, 2001).

No início do século XX, o município passou por um processo de urbanização e industrialização que transformou as dinâmicas entre os diferentes grupos étnicos presentes na região. Esse processo foi significativamente intensificado na década de 1970, quando o

crescimento econômico, impulsionado pelo setor fumageiro, atraiu inúmeros migrantes. Contudo, a cidade não estava estruturada para absorver esse aumento populacional, o que resultou em segregação social e espacial, especialmente nas áreas periféricas (Skolaude, 2010).

As periferias de Santa Cruz do Sul passaram a ser estigmatizadas como espaços marginais, marcados por relações simbólicas e práticas sociais que refletem a exclusão daqueles que não se enquadram nos padrões sociais predominantes da cidade. Além disso, a construção de uma “identidade alemã” foi estrategicamente utilizada pelos grupos tradicionais da região como uma forma de manutenção do poder, em oposição à alteridade. Essa narrativa moldou a ideia de Santa Cruz do Sul como uma “nova Alemanha” e reforçada por meio de iniciativas políticas, folclóricas e históricas (Skolaude, 2010).

A narrativa consolidou um mito de origem que se tornou parte integrante da identidade local. Apesar da presença de diversos grupos étnicos que, desde o século XIX, contribuíram significativamente para o desenvolvimento da região, esses grupos foram marginalizados e estereotipados, sendo excluídos da imagem idealizada da sociedade santacruzense (Paim, 2014; Skolaude, 2010).

Essa construção simbólica incorporou valores como ética do trabalho, religiosidade, higiene, honestidade e associativismo, frequentemente contrastando esses atributos com comunidades fora da narrativa cultural predominante, como os afrodescendentes e os luso-brasileiros. A valorização seletiva culminou em fronteiras culturais e étnicas rígidas (Skolaude, 2010).

Com base nas discussões de Milton Santos (2000) e Oliveira (2021) sobre o território, é possível estabelecer uma conexão com a situação do município e as dinâmicas espaciais presentes na região. A construção de uma identidade cultural baseada em valores germânicos reflete uma forma de ocupação e organização do espaço que exclui e marginaliza outros grupos étnicos. Essa realidade ilustra as discontinuidades sociais e territoriais mencionadas por Santos (2000), ao mesmo tempo, em que revela as relações de poder no uso do espaço. Além disso, a atribuição de superioridade aos alemães em relação a outros grupos étnicos, como a população negra, reflete a construção de estereótipos negativos e a perpetuação do racismo no território santacruzense (Skolaude, 2010).

No entanto, a comunidade negra de Santa Cruz do Sul demonstrou resiliência ao longo dos anos, manifestando importantes formas de resistência por meio da expressão cultural. Um exemplo notável é a fundação do Clube Sociedade Cultural e Beneficente União-S.C.B. União, em 1º de julho de 1923. O clube utilizou as festividades do Carnaval como uma estratégia para conquistar visibilidade, tradição que permanece viva até os dias atuais. Mesmo após um século

de sua criação, o S.C.B. União continua sendo um marco para a comunidade, desempenhando um papel essencial na preservação e valorização da história e cultura negra local (Portal Gaz, 2023).

Outra importante manifestação cultural surgiu em 1984 com o concurso Mais Bela Negra, inicialmente organizado pelo Grêmio Recreativo Cultural Escola de Samba Unidos de Santa Cruz. Um evento para a promoção e valorização da cultura afro-brasileira, destacando a importância da representatividade negra no estado do Rio Grande do Sul (Skolaude; Paredes, 2014).

Essas iniciativas conferiram visibilidade ao movimento negro na cidade, fortalecendo sua presença e relevância no contexto cultural e social do estado. Contudo, persiste uma tensão racial, que se manifesta nas experiências da população negra em contraste com a narrativa hegemônica da identidade alemã (Paim, 2014).

Diante desse contexto, esta dissertação parte do seguinte problema de pesquisa: de que forma as pessoas idosas negras de Santa Cruz do Sul-RS vivenciam as manifestações de racismo sofridas em suas trajetórias de vida? Dessa forma, para abordar o problema de pesquisa, foram elaboradas as seguintes questões norteadoras, derivadas da problemática levantada: a) Quais são as experiências vividas pelas pessoas idosas negras em relação ao fenômeno do racismo no município de Santa Cruz do Sul-RS?; b) Que percepções as pessoas negras residentes no município de Santa Cruz do Sul-RS possuem em relação às suas velhices?; c) De que forma as vivências das pessoas idosas negras relacionadas ao racismo estão interligadas com o território de Santa Cruz do Sul-RS?; d) Como as manifestações do racismo afetam as identidades das pessoas negras no município de Santa Cruz do Sul-RS?

Para responder ao problema e às questões norteadoras, definiu-se como objetivo geral analisar como as pessoas idosas negras de Santa Cruz do Sul-RS vivenciam as manifestações de racismo sofridas em suas trajetórias de vida. Como objetivos específicos: a) Investigar as vivências das pessoas idosas negras relacionadas ao fenômeno do racismo no município de Santa Cruz do Sul-RS; b) Identificar as percepções das pessoas negras residentes no município de Santa Cruz do Sul-RS em relação à construção de suas identidades; c) Compreender as interrelações entre o território e o racismo no município de Santa Cruz do Sul-RS.

Como discutido até aqui, os reflexos do racismo estrutural permeiam todos os estratos da sociedade, impondo às pessoas negras o fardo desproporcional de uma divisão social marcada pela injustiça (Bersani, 2018). Nesse contexto, a relevância deste estudo reside em ampliar a compreensão do conceito de desenvolvimento, superando as limitações das abordagens estritamente econômicas e incorporando a perspectiva de redução das

desigualdades sociais. Essa concepção envolve a capacidade das pessoas de viverem vidas significativas e plenas, destacando, assim, a importância do conceito de desenvolvimento como liberdade, proposto por Amartya Sen, para essa análise.

Para a realização da pesquisa, optou-se pelo modelo qualitativo, conforme a proposta de Minayo (1994), por ser mais adequado à compreensão e interpretação de fenômenos sociais, especialmente quando se busca uma compreensão aprofundada da perspectiva dos sujeitos envolvidos. Para investigar a experiência vivida por pessoas idosas negras, adotou-se o método fenomenológico, que se mostra o mais apropriado para esse contexto.

A fenomenologia visa descrever diretamente os fenômenos como experiências conscientes, sem recorrer a teorias explicativas de suas causas (Boava; Macedo, 2011). A análise fenomenológica contempla tanto o contexto histórico quanto o social, reconhecendo que encontros e mediações ocorrem de forma contextualizada e temporal. Essa abordagem enfatiza a vivência do fenômeno na descrição e aprimora a compreensão por meio de análises minuciosas (Triviños, 2009). Além disso, a fenomenologia, conforme proposta por Husserl, destaca a importância de uma fundamentação e justificação absolutas, desconsiderando pressuposições aceitas como dadas e investigando todos os aspectos relevantes do fenômeno em questão (Dartigues, 2005).

Para a coleta de dados, foram utilizadas técnicas alinhadas à abordagem fenomenológica, incluindo a realização de um grupo focal, relatos de história de vida e entrevistas semi-estruturadas, todas visando compreender os significados e as ações das pessoas a partir de suas vivências. A seleção dos participantes ocorreu em duas etapas. Na primeira, os convidados foram pessoas idosas, selecionadas de forma voluntária entre os integrantes do S.C.B. União. Essa instituição centenária é reconhecida por suas diversas atividades, como bailes, projetos educacionais e culturais. Fundada pela comunidade negra local, o clube surgiu como uma resposta às profundas transformações sociais das primeiras décadas do período pós-abolição, diante dos desafios relacionados à conquista da liberdade e da cidadania pelas pessoas negras. Nesse sentido, o S.C.B. União se constitui, como uma importante expressão de resistência do movimento negro, tanto na cidade quanto no estado do Rio Grande do Sul (Portal Gaz, 2023).

Para integrar o grupo, foram definidos critérios de inclusão que consideravam pessoas autodeclaradas negras que atendessem aos seguintes requisitos: ter idade igual ou superior a 60 anos, residir em Santa Cruz do Sul-RS e ser integrante do S.C.B. União. Por outro lado, foram excluídos indivíduos com menos de 60 anos, residentes fora de Santa Cruz do Sul-RS ou que, mesmo residindo na cidade, não fossem associados ao clube. A presidente atual, Marta Regina

dos Santos Nunes, desempenhou papel central nesse processo, sendo responsável por estender o convite aos membros que atendiam aos critérios estabelecidos.

A primeira etapa da coleta de dados ocorreu por meio do grupo focal, um método para a coleta e análise de informações que envolve os participantes nas discussões centrais da pesquisa (Gaskell; Bauer, 2002). Essa técnica é eficaz ao captar as impressões dos participantes e valorizar dimensões simbólicas e subjetivas, excluindo questões objetivas e permitindo discussões mais complexas (Minayo, 1994). Participaram do grupo três pessoas idosas, duas mulheres e um homem. Embora a igualdade de gênero fosse uma meta, algumas pessoas desistiram ou não puderam participar.

Inicialmente, foi apresentada uma breve explicação sobre a pesquisa, para, em seguida, iniciar a discussão em grupo. Realizou-se apenas um encontro, com duração de aproximadamente 50 minutos, nas dependências do S.C.B. União. Durante as discussões, os participantes concordaram que o único encontro foi suficiente para abordar os temas de interesse. Todas as etapas do grupo focal foram registradas com o uso de um gravador, mediante a concordância prévia de todos os participantes em serem gravados.

Após o encerramento do grupo focal, iniciou-se a segunda etapa da coleta de dados, em entrevistas aprofundadas com pessoas idosas, um homem e uma mulher, integrantes do S.C.B. União que não participaram do grupo focal, mas se dispuseram a compartilhar suas histórias de vida, seguindo os mesmos critérios de inclusão e exclusão da primeira etapa. Nessa fase, utilizou-se a técnica da história de vida, que possibilita aos participantes expressarem memórias, valores, crenças e os significados atribuídos a eventos passados e presentes (Corrêa; Guiraud, 2009). Após uma breve contextualização do estudo, deu-se início à condução das entrevistas, nas quais cada participante teve liberdade para falar sobre sua vida e história, sem interferências ou perguntas pré-estabelecidas. Foi realizado um encontro com cada participante. As entrevistas, conduzidas de forma extensiva, tiveram duração aproximada de 1 hora e 30 minutos cada, gravadas com o uso de um único gravador. Todos os participantes dessa etapa consentiram previamente com a gravação das entrevistas.

Na sequência, realizou-se a segunda etapa de seleção dos participantes, bem como a terceira fase de coleta de dados. Esse momento consistiu na realização de seis entrevistas adicionais com pessoas idosas negras não vinculadas ao S.C.B. União, mas que desempenham papéis políticos ou representativos na comunidade negra de Santa Cruz do Sul. Essas entrevistas buscavam enriquecer a historicidade da pesquisa e abranger diferentes experiências de vida.

Para isto, foram definidos critérios específicos de inclusão e exclusão para a seleção dos participantes. Foram incluídas pessoas idosas negras, autodeclaradas negras, com idade

superior a 60 anos, residentes de Santa Cruz do Sul, que não estivessem vinculadas ao S.C.B. União, mas que desempenham papéis representativos no município. Por outro lado, foram excluídas pessoas idosas que, embora residissem no município e cumprissem os demais critérios, não possuíam envolvimento significativo em atividades políticas ou representativas voltadas à comunidade negra. Essa delimitação buscou assegurar que os participantes pudessem contribuir com percepções fundamentadas em experiências de engajamento social e liderança comunitária, alinhadas aos objetivos da pesquisa. Participaram, voluntariamente, três homens e três mulheres, que atendiam plenamente aos critérios estabelecidos.

As entrevistas foram semi-estruturadas, guiadas por um roteiro com questões previamente elaboradas (Apêndice A), e tiveram duração aproximada de uma hora cada. Todas essas entrevistas também foram gravadas, com o consentimento dos participantes.

No total, contribuíram com a pesquisa 11 pessoas, sendo 6 mulheres e 5 homens, com idades entre 62 e 79 anos. Todos os participantes de todas as etapas de coleta de dados assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido-TCLE (Anexo A). Ressalta-se que a pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade de Santa Cruz do Sul-UNISC (Anexo B). Para preservar a identidade dos participantes, foram utilizados pseudônimos. O quadro a seguir apresenta a contextualização dos participantes, incluindo seus pseudônimos, respectivas idades e as atividades das quais participaram.

Quadro 1– Entrevistados(as) e suas participações.

Pseudônimo	Idade	Atividade
Carolina	76	Grupo Focal (G. F.)
Maria	63	Grupo Focal (G. F.)
Luís	63	Grupo Focal (G. F.)
João	75	História de Vida (H.V.)
Dalva	72	História de Vida (H.V.)
Raimundo	79	Entrevista Semi-estruturada (E. S.)
Lino	71	Entrevista Semi-estruturada (E. S.)
Carlos	66	Entrevista Semi-estruturada (E. S.)
Luiza	62	Entrevista Semi-estruturada (E. S.)
Theodosina	62	Entrevista Semi-estruturada (E. S.)
Antonieta	62	Entrevista Semi-estruturada (E. S.)

Fonte: Elaborado pelo autor através dos dados da pesquisa, 2024.

Ressalta-se que as profissões ou ocupações dos entrevistados(as) não estão presentes no quadro, uma vez que nem todos consentiram em divulgá-las. Considerando que algumas histórias ou situações poderiam permitir sua identificação, optou-se por preservar essas informações.

Para a análise do material, utilizou-se a técnica de análise de conteúdo, conforme proposta pela autora Laurence Bardin (1999). Esse método possibilitou reinterpretar o conteúdo das entrevistas e compreender seus significados para além da leitura comum. As informações obtidas foram categorizadas, analisadas e discutidas no capítulo 3 desta dissertação.

Aquele que vos escreve também carrega suas histórias. Neste momento da escrita, permito-me uma breve pausa na narrativa formal da dissertação. Considero fundamental apresentar ao leitor quem é o pesquisador que aqui se expressa, pois esta pesquisa não surge do acaso.

O interesse em investigar o envelhecimento nasceu há sete anos, com minha inserção no Grupo de Estudos e Pesquisas em Envelhecimento e Cidadania-GEPEC, sob a orientação atenta da Profa. Dra. Silvia Virginia Coutinho Areosa, na Universidade de Santa Cruz do Sul-UNISC. Nesse espaço, participei de diferentes projetos, como o estudo “Socioeconômico e Demográfico da População Idosa no Meio Rural do Município de Santa Cruz do Sul (2017–2020)”, a pesquisa “A velhice da população LGBTQIA+ e as políticas de direitos humanos no Brasil (2023)”, e o Trabalho de Conclusão de Curso em Psicologia, que abordou a “Prevenção ao HIV/AIDS e o Cuidado da Pessoa Idosa na Atenção Básica em Saúde no Vale do Rio Pardo (2020)”. Foram experiências que, aos poucos, despertaram em mim uma paixão: compreender o envelhecimento humano em toda a sua complexidade.

Essa paixão, entretanto, é também memória. Cresci em Santa Cruz do Sul. Conheço suas ruas, suas esquinas, suas histórias, especialmente aquelas que, de forma silenciosa, tecem a memória da comunidade negra local. Desde a infância, escutei relatos antigos sobre como era viver e envelhecer nesta cidade. Contudo, ao ingressar na universidade, percebi com pesar que essas narrativas, tão presentes em minha formação, estavam ausentes das salas de aula, dos livros e dos debates acadêmicos. Era como se existissem dois mundos: aquele que vivi e conheci de perto, e aquele contado nos corredores universitários.

Foi desse sentimento que nasceu o desejo de pesquisar as velhices negras em Santa Cruz do Sul. Ciente de que a ciência não é neutra, pois carrega nossas vivências, inquietações e esperanças, abracei este tema não para confirmar verdades prévias, mas para ouvir as vozes silenciadas. Para refletir não apenas sobre a velhice de minha família e a minha própria, mas, sobretudo, sobre a daqueles e daquelas que envelheceram neste território permeado por marcas, desafios e resistências.

Parte da pesquisa foi realizada no S.C.B. União, espaço no qual minha família esteve presente e atuante, embora atualmente esteja afastada. Assim como eu, que, por muitos motivos, também nunca me integrei plenamente. Contudo, ao percorrer esses caminhos, sinto que esta

pesquisa me permitiu ser uma ponte entre o passado e o presente, entre histórias esquecidas e memórias vivas que ainda resistem. Registrar essas trajetórias é, para mim, inscrever no tempo e no espaço a importância daquelas e daqueles que tanto contribuíram para a construção desta cidade.

Este momento representa, pessoal e profissionalmente, uma travessia importante: um processo de crescimento, amadurecimento como pesquisador e compromisso ético com as histórias que me foram confiadas. Não se trata apenas de produzir dados ou estatísticas; trata-se, sobretudo, de honrar a vida.

No âmbito do Mestrado em Desenvolvimento Regional da UNISC, dando continuidade às investigações sobre o envelhecimento humano, encontrei na temática das velhices negras a oportunidade de trazer à luz uma realidade ainda pouco explorada. A pesquisa, alinhada à linha de pesquisa “Estado, Instituições e Democracia”, destaca a centralidade do território nas experiências de envelhecer, especialmente para aqueles cuja existência sempre precisou resistir. Esta dissertação é, portanto, um ato de memória, de reconhecimento e de afeto.

A pesquisa torna-se relevante no momento em que o município debate pautas relacionadas ao envelhecimento populacional, visando à obtenção do título de “Cidade Amiga das Pessoas Idosas”, concedido pela Organização Mundial da Saúde-OMS, a localidades que se destacam no atendimento às necessidades da população idosa (OMS, 2008). Dentre as ações realizadas nesse contexto, destaca-se a inauguração do Cartório do Idoso, vinculado à Polícia Civil, em setembro de 2022, para atendimento e investigação de crimes contra pessoas idosas (Portal Gaz, 2022), o Centro de Referência Municipal do Idoso, que promove atividades de lazer e estímulo cognitivo, e o Conselho Municipal dos Direitos da Pessoa Idosa, responsável pela defesa de direitos e implementação de políticas públicas específicas. Além disso, os Centros de Referência de Assistência Social (CRAS) desempenham um papel fundamental no fortalecimento de vínculos sociais e no atendimento às demandas dessa população (Prefeitura de Santa Cruz, 2025).

O primeiro capítulo, intitulado “Racismo Estrutural e Liberdades Negadas: uma análise das desigualdades raciais no Brasil” fundamenta-se nas discussões de Amartya Sen (2010), enfatizando como as privações estruturais restringem as liberdades reais e impedem o pleno desenvolvimento humano. Demonstra-se o papel central do racismo estrutural, profundamente enraizado nas dinâmicas sociais, econômicas e históricas do país, na consolidação de disparidades em áreas essenciais como educação, trabalho, saúde e segurança. Adicionalmente, o capítulo aborda as especificidades das velhices negras, destacando as vulnerabilidades resultantes dos reflexos do racismo estrutural ao longo do ciclo vital.

O segundo capítulo, intitulado “O Pacto da Branquitude e o Desenvolvimento em Santa Cruz do Sul”, analisa como a branquitude influencia o desenvolvimento e as dinâmicas de exclusão na região. O município construiu uma identidade fortemente marcada pela imigração alemã, exaltando a ética do trabalho e a produtividade dos colonos germânicos como pilares do progresso econômico e social. Discute-se como a exclusão simbólica da população negra das narrativas oficiais restringe suas liberdades e limita suas contribuições para o desenvolvimento local.

O terceiro capítulo, “Experiências de Velhices Negras”, apresenta as entrevistas e o processo de análise de conteúdo, oferecendo uma compreensão de como as pessoas participantes da pesquisa lidam com o racismo, seus impactos ao longo da vida e as formas de resistência que desenvolvem. O capítulo também analisa como o território, com suas especificidades históricas, molda essas experiências. Sob a ótica da teoria de Amartya Sen, examinam-se as condições de vida no município e como elas promovem ou restringem as possibilidades de desenvolvimento enquanto expansão das liberdades.

A quarta seção desta dissertação é dedicada às considerações finais. Nela, o problema de pesquisa e os objetivos são retomados com o propósito de descrever como foram analisados e respondidos a partir das categorias de análise desenvolvidas. As considerações finais também ressaltam as lacunas identificadas, indicando possibilidades para investigações futuras. Por fim, apresentam-se as referências bibliográficas, os anexos e os apêndices, que complementam e fundamentam o trabalho realizado.

2 RACISMO ESTRUTURAL E LIBERDADES NEGADAS: UMA ANÁLISE DAS DESIGUALDADES NO BRASIL

Este capítulo examina o conceito de racismo estrutural e suas inter-relações com as desigualdades no Brasil, à luz da teoria de desenvolvimento como liberdade de Amartya Sen. Trata-se de uma análise de como as privações de liberdade e os obstáculos ao pleno exercício da agência individual são intensificados por dinâmicas de exclusão social e econômica.

2.1 O Desenvolvimento como Liberdade

A obra de Sen (2010) constitui um convite à reflexão sobre a interdependência entre diferentes formas de liberdade, seja política, econômica, social e cultural, no processo de desenvolvimento. Suas ideias surgem a partir de sua vivência em um contexto de profundos contrastes sociais e econômicos em sua terra natal, a Índia, o que moldou de maneira significativa sua perspectiva teórica.

O conceito de desenvolvimento como liberdade estabelece que o progresso humano deve ser avaliado a partir da expansão das liberdades reais de que as pessoas desfrutam, e não somente por meio de indicadores econômicos tradicionais. Para Sen (2010), o desenvolvimento não pode ser mensurado exclusivamente pelo Produto Nacional Bruto (PNB) ou pela renda per capita, pois, tais medidas são insuficientes para capturar as condições concretas de vida dos indivíduos. O autor sustenta que o desenvolvimento deve ser compreendido, sobretudo, como um processo de eliminação das privações de liberdade que impedem as pessoas de exercer plenamente sua condição de agentes sociais e econômicos.

Nesse sentido, Sen (2010) delinea cinco dimensões fundamentais de liberdade, cuja inter-relação constitui a base do desenvolvimento humano. A primeira dimensão refere-se à liberdade política, que compreende o direito de participar dos processos decisórios sociais e políticos, o acesso irrestrito à informação e a efetivação de liberdades civis, como a liberdade de expressão e a realização de eleições livres e transparentes. A segunda dimensão refere-se às facilidades econômicas, caracterizadas pelo acesso a recursos básicos, como emprego, crédito e oportunidades comerciais, essenciais para a manutenção de uma vida digna. A terceira categoria trata das oportunidades sociais, que abrangem o acesso a serviços públicos de educação e saúde, fundamentais para o fortalecimento das capacidades individuais. A quarta dimensão diz respeito às garantias de transparência, relacionadas à existência de instituições confiáveis, à transparência na gestão pública e ao combate à corrupção, fatores que promovem a confiança social e a segurança jurídica. Por fim, a segurança protetiva refere-se a medidas que

protegem os indivíduos contra vulnerabilidades extremas, como a fome, o desemprego severo e desastres naturais.

Essas cinco dimensões são consideradas não somente essenciais, mas também instrumentais: cada uma delas favorece e fortalece as demais. Por exemplo, o acesso à educação, enquanto oportunidade social, amplia o poder de decisão política dos indivíduos e aumenta sua capacidade de inserção no mercado de trabalho, o que, por sua vez, repercute positivamente em sua liberdade econômica.

Assim, as liberdades são simultaneamente meios e fins do desenvolvimento. A promoção das liberdades não somente impulsiona o progresso econômico e social, mas constitui, em si, o objetivo do desenvolvimento. Esse modelo não somente reformula a concepção de progresso, mas também propõe uma prática voltada à construção de sociedades mais justas e humanas, nas quais cada indivíduo tenha a oportunidade de viver a vida que valoriza (Sen, 2010).

Um estudo realizado por Teles e Mariano (2020) analisou a desigualdade racial no Brasil, à luz da teoria de Sen, destacando como o racismo, desde o período escravocrata, estrutura as relações sociais no país. Essa realidade é evidenciada por indicadores de renda, educação, saúde e violência, que apontam disparidades significativas entre pessoas negras e brancas. Os autores aplicam os cinco pilares de liberdade propostos por Sen (2010), facilidades econômicas, liberdades políticas, oportunidades sociais, garantias de transparência e segurança protetora, para demonstrar as diferenças profundas entre esses grupos. Entre os exemplos citados, destaca-se o salário médio inferior recebido pela população negra, a sub-representação política e a maior exposição a homicídios enfrentada por negros. O estudo conclui que os desequilíbrios estruturais comprometem tanto o desenvolvimento sustentável quanto a plena liberdade individual (Teles; Mariano, 2020).

2.2 Racismo Estrutural e Suas Implicações nas Desigualdades Sociais

Para compreender como as desigualdades afetam a população negra e como foram historicamente estabelecidas, é fundamental analisar o contexto histórico brasileiro, conforme explicitado por Teles e Mariano (2020). Considerando que os autores apontam o racismo como o fator central na constituição dessas desigualdades, torna-se necessário, primeiramente, conceituar o que se entende por racismo.

O racismo pode ser entendido como uma forma de discriminação que ocorre quando uma pessoa ou grupo é tratado de maneira inferior ou sofre preconceito com base em critérios

como raça, cor, etnia ou origem (Souza, 2021). No Brasil, o racismo é tipificado como crime inafiançável e imprescritível pela Lei n.º 7.716/1989, que prevê punições para práticas discriminatórias que impeçam ou dificultem o acesso de indivíduos de determinadas raças, ou etnias a direitos fundamentais, como educação, emprego e moradia (Brasil, 1989).

Há também o crime de injúria racial, que, embora relacionado ao racismo, é distinto dele. A injúria racial ocorre quando alguém utiliza palavras ou gestos ofensivos, fazendo referência à raça, cor, etnia, religião ou origem, com a intenção de ferir a honra de outra pessoa. Esse crime está previsto no artigo 140, § 3º, do Código Penal Brasileiro (Brasil, 2010).

Além dessas definições, diversas legislações e políticas públicas foram implementadas para mitigar as disparidades sociais:

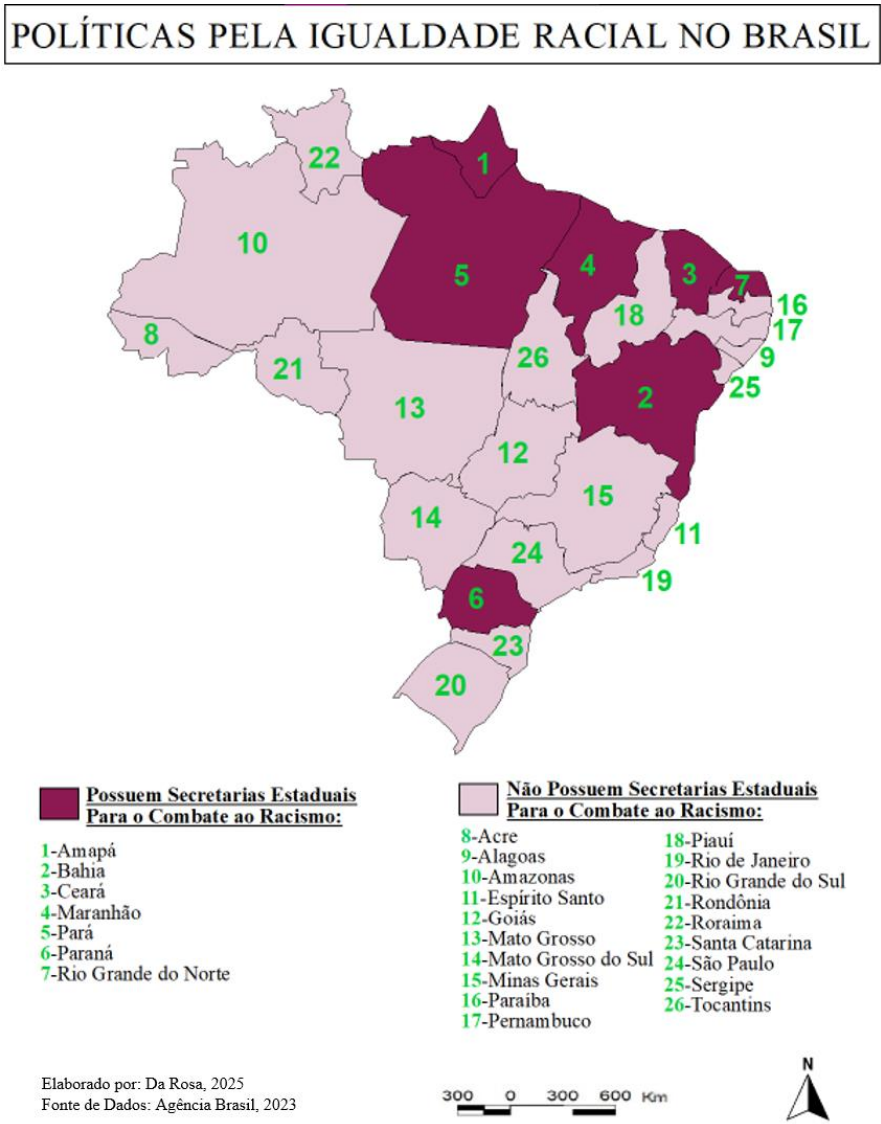
- Estatuto da Igualdade Racial (Lei n.º 12.288/2010): Estabelece diretrizes para combater a discriminação racial e garantir igualdade de oportunidades para a população negra, com foco em áreas como saúde, educação e mercado de trabalho.
- Lei de Cotas (Lei n.º 12.711/2012): Determina a reserva de vagas em universidades públicas e institutos federais para estudantes negros, pardos, indígenas e de baixa renda, com base em critérios socioeconômicos.
- Lei Caó (Lei n.º 7.437/1985): Introduziu o racismo no rol de crimes previstos pela Lei de Segurança Nacional, antecedendo a atual Lei n.º 7.716/1989.

Outra medida importante é a criação de secretarias estaduais para o combate ao racismo, como destaca uma matéria da Agência Brasil (2023). Esses órgãos governamentais foram criados em alguns estados brasileiros para desenvolver e implementar políticas públicas que promovam a igualdade racial e enfrentem o racismo.

Embora não exista uma legislação federal que obrigue a criação de secretarias em todos os estados, leis e decretos fornecem diretrizes e incentivos para que estados e municípios possam estabelecer seus próprios órgãos, adaptando políticas às realidades locais (Agência Brasil, 2023).

Abaixo, apresenta-se um mapa destacando os estados que possuem secretarias dedicadas ao combate do racismo, bem como aqueles que ainda não contam com essa estrutura. É importante ressaltar que, com exceção do Distrito Federal, que não está incluído na representação, o panorama abrange todos os estados brasileiros.

Figura 1– Secretarias Estaduais Para o Combate ao Racismo.



Fonte: Elaborado pelo autor com base em dados da Agência Brasil (2025).

A importância de uma coordenação estadual dedicada ao combate ao racismo é exemplificada por dados do 18º Anuário Brasileiro de Segurança Pública, publicado em julho de 2024. O relatório apresenta os estados brasileiros com os maiores índices de crimes de racismo em 2023:

1. Rio Grande do Sul: registrou 2.857 casos, com uma taxa de 26,3 ocorrências por 100 mil habitantes.
2. Paraná: apresentou uma taxa de 14 casos por 100 mil habitantes.
3. Sergipe: registrou uma taxa de 13,2 casos por 100 mil habitantes.

Desses, apenas o Paraná possui uma secretaria dedicada exclusivamente ao combate ao racismo. Na maioria dos estados, as ações estão alocadas em subsecretarias, coordenadorias ou superintendências dentro de secretarias temáticas mais amplas, como as de Direitos Humanos e Cidadania, frequentemente com recursos financeiros e humanos limitados para atender à demanda (Agência Brasil, 2023).

Além disso, um agravante revelado pelo levantamento publicado pelo portal Terra (2022) indica que os números registrados provavelmente subestimam a real dimensão do problema, uma vez que alguns estados não disponibilizaram dados sobre crimes de racismo ou apresentaram registros significativamente baixos, evidenciando um cenário de subnotificação. Tal constatação também suscita preocupação quanto à confiabilidade de outros dados que serão abordados posteriormente nesta dissertação.

Além da deficiência estatística, outros fatores dificultam a formalização das denúncias pelas vítimas, como a revitimização, a descrença na efetividade da justiça e o medo de represálias. No ambiente de trabalho, por exemplo, 61% das pessoas que sofreram episódios de racismo optaram por não denunciar, sendo o medo o principal motivo apontado para o silêncio diante das agressões (Terra, 2022). Esses elementos revelam não apenas a subnotificação, mas também a profundidade das barreiras sociais e institucionais que perpetuam a opressão das vítimas e obscurecem a violência no Brasil.

Adicionalmente, as iniciativas mencionadas representam esforços significativos no enfrentamento das desigualdades. Entretanto, como apresentado no relatório “A Distância Que Nos Une: um retrato das desigualdades brasileiras”, publicado pela *Oxford Committee for Famine Relief* - Oxfam Brasil, em 2017, as políticas públicas implementadas no país, embora tenham desempenhado um papel relevante, ainda enfrentam desafios significativos para serem aplicadas de forma efetiva. O relatório da Oxfam Brasil (2017) enfatiza a necessidade de uma abordagem combinada por parte do Estado, integrando políticas afirmativas ao combate ao racismo estrutural, destacando que apenas essa articulação é capaz de promover mudanças significativas e duradouras na sociedade.

No que diz respeito ao racismo estrutural, autores como Oliveira (2021) e Souza (2021) destacam que esse é um conceito-chave para compreender como as assimetrias sociais entre pessoas negras e brancas se mantêm e se reproduzem ao longo do tempo.

Dennis de Oliveira, em “Racismo Estrutural: uma perspectiva histórico-crítica” (2021), apresenta uma análise abrangente sobre como o racismo estrutural está intrinsecamente ligado às dinâmicas econômicas, sociais e históricas do Brasil. Para o autor, o racismo estrutural constitui um sistema de poder que transcende discriminações individuais, operando como uma

força organizadora. Não deve ser compreendido como a simples soma de atitudes racistas, mas como uma dinâmica profundamente enraizada nas estruturas sociais. Essa dinâmica molda instituições, políticas públicas e mentalidades coletivas. Na perspectiva de Oliveira (2021), o racismo é central para o funcionamento do capitalismo dependente brasileiro. A racialização do mercado de trabalho organizou as relações de produção desde o período escravocrata, resultando na exclusão da população negra dos direitos básicos, como educação e emprego formal. Essa exclusão é apresentada como uma consequência planejada de políticas estruturais.

Complementa Souza (2021) que a marginalização das pessoas negras é sustentada e mascarada por discursos meritocráticos que ocultam as verdadeiras dinâmicas de exclusão. O autor aponta que o racismo estrutural, aliado a uma lógica elitista, contribui para a formação de uma “ralé brasileira” composta por indivíduos destinados à exploração e à humilhação social.

Nesse contexto, a “ralé brasileira” é posicionada de forma subalternizada no tecido social, com acesso limitado a direitos fundamentais, como educação, saúde e emprego digno. Essa realidade não apenas reflete o desequilíbrio econômico, mas também expõe as dinâmicas de poder que sustentam uma estrutura social profundamente injusta e desigual no país (Souza, 2021). O autor ainda exemplifica que, enquanto as famílias brancas de classe média conseguem transmitir capital cultural e proporcionar condições favoráveis para o aprimoramento educacional, a maioria da população negra enfrenta condições precárias desde a infância, direcionada para ocupações desqualificadas e mal remuneradas.

Os dados apresentados a seguir reforçam a persistência das desigualdades, evidenciando a disparidade entre pessoas negras e brancas em áreas fundamentais como educação e trabalho.

No âmbito educacional, conforme a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua-PNAD de 2023, apenas 16,4% dos jovens negros(as) de 18 a 24 anos estavam cursando ou haviam concluído o ensino superior, em contraste com 29,5% de pessoas brancas na mesma faixa etária. Além disso, a taxa de analfabetismo entre pessoas pretas ou pardas, com 15 anos, ou mais, foi de 7,1%, mais do que o dobro da registrada entre brancos, que foi de 3,2%.

A diferença salarial também é expressiva. Dados do IBGE de 2023 revelam que o rendimento médio por hora dos(as) trabalhadores(as) brancos(as) foi de R\$ 23,02, enquanto os(as) trabalhadores(as) pretos(as) e pardos(as) receberam, em média, R\$ 13,73, uma diferença de 67,7%. Em termos de ocupação, 45,8% dos(as) trabalhadores(as) pretos(as) ou pardos(as) estavam empregados(as) em postos informais, em comparação com 34,3% dos(as) brancos(as).

Estudos do Núcleo de Estudos Raciais do Insper-NERI apontaram que, no segundo trimestre de 2024, o salário médio mensal de trabalhadores(as) negros(as) foi 42% inferior ao de trabalhadores(as) brancos(as), com rendimentos médios de R\$ 2.858 para negros(as) e R\$

4.956 para brancos(as). Essa disparidade salarial é observada em todos os níveis de escolaridade. Entre os(as) trabalhadores(as) com ensino superior completo, pessoas brancas receberam, em média, R\$ 40,24 por hora, enquanto negros(as) ganharam R\$ 28,11, uma diferença de 43,2%.

Dados do Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2023) destacam o aumento expressivo dos casos de racismo registrados. O relatório contabilizou, em 2022, 11.610 ocorrências de racismo, representando um crescimento de 127% em relação ao ano anterior, que registrou 5.100 casos. Em relação à violência letal, a população negra continua sendo a principal vítima. Em 2022, 76,9% das mortes violentas intencionais tiveram pessoas negras como vítimas, enquanto 83,1% das mortes decorrentes de intervenções policiais também atingiram essa população. Em 2022, 62% das vítimas de feminicídio no Brasil eram negras, evidenciando sua maior vulnerabilidade à violência de gênero.

Segundo a Agência Brasil (2023), a desproporção no sistema prisional brasileiro também é evidente e tem se intensificado ao longo dos anos. Em 2022, 68,2% da população carcerária era composta por pessoas negras, totalizando 442.033 indivíduos. Esse percentual representa um aumento significativo em relação a 2005, quando correspondiam a 58,4%. O crescimento do encarceramento entre pessoas negras foi de 381,3% entre 2005 e 2022, enquanto entre pessoas brancas, 215%, comprovando a desproporção no sistema prisional.

Essas assimetrias são fruto de um acúmulo histórico de exclusões que se inicia na infância e perdura ao longo de toda a vida. O racismo estrutural, aliado à precarização do trabalho e à ausência de políticas públicas eficazes, acentua as vulnerabilidades enfrentadas na velhice (Vieira *et al.*, 2023).

Sendo as velhices negras o tema desta dissertação, torna-se igualmente necessário apresentar dados recentes que ilustram a realidade vivida por uma parcela significativa das pessoas negras idosas no Brasil, uma vez que esses dados também revelam indicadores necessários à discussão.

Como apontado no relatório “Envelhecimento e Desigualdades Raciais” do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento-Cebrap (2023), a trajetória de negligência e exclusão social ao longo da vida produz precariedades que se manifestam de forma aguda na velhice da população negra.

Em termos de saúde, tanto homens quanto mulheres negras apresentam índices consistentemente inferiores aos de pessoas brancas em todas as cidades analisadas. Em Porto Alegre, por exemplo, 47% das pessoas brancas utilizam serviços privados de saúde, enquanto

entre as negras esse número é de apenas 24%, evidenciando uma desigualdade significativa no acesso a serviços privados.

Na segurança financeira, as disparidades também são expressivas. Em Salvador, mulheres negras entre 60 e 69 anos registraram 37,6 pontos nesse indicador, em contraste com 53,4 pontos das mulheres brancas, representando uma diferença de 15,8 pontos. Já em São Paulo, 73% dos homens negros com mais de 80 anos relataram dificuldades para pagar despesas mensais, em comparação a apenas 21% dos homens brancos da mesma faixa etária.

Segundo a pesquisa "Impactos Sociais do Envelhecimento Ativo", conduzida em São Paulo, Salvador e Porto Alegre, e apresentada neste relatório da Cebap (2023), a população negra idosa enfrenta maiores taxas de mortalidade, condições de saúde mais precárias e maior exclusão social em comparação à população branca. Essa disparidade começa a se manifestar ainda na juventude, com taxas de mortalidade mais elevadas para negros, especialmente homens a partir dos 15 anos, e mulheres a partir dos 20 anos.

Os dados também revelam que apenas 20% das pessoas idosas negras relatam satisfação com suas condições financeiras, em contraste com 38% das pessoas brancas. Além disso, a exposição à violência é mais prevalente entre pessoas idosas negras, com índices significativamente maiores em relação às pessoas brancas nas três capitais estudadas (Vieira *et al.*, 2023). A insegurança alimentar também é uma realidade persistente, afetando 32% das pessoas idosas negras, em comparação com 14% das brancas (Moura, 2021).

A responsabilidade pelo cuidado de pessoas idosas recai desproporcionalmente sobre mulheres negras. Conforme a pesquisa "Envelhecimento, cuidado e raça", elas representam 68,9% das cuidadoras de crianças e 62% das cuidadoras de pessoas idosas, muitas vezes sem remuneração e em condições que comprometem sua saúde e oportunidades de crescimento profissional. Essa sobrecarga reflete as disparidades interseccionais de gênero e raça no país, que posicionam as mulheres negras como pilares do cuidado familiar, mas também como as mais vulneráveis às precariedades associadas a essa função (Ribeiro, 2023).

Além disso, o acesso a práticas culturais e redes de sociabilidade é significativamente limitado. Por exemplo, enquanto 72% das pessoas brancas entrevistadas afirmaram frequentar atividades culturais regularmente, apenas 39% das pessoas negras relataram o mesmo. Essa disparidade é parcialmente atribuída à segregação espacial, que restringe a mobilidade urbana e o acesso a serviços nas periferias, onde vive a maioria da população negra (Cebap, 2024).

Outro dado importante refere-se à saúde. Enquanto 90% das pessoas idosas brancas vivem em áreas urbanas com fácil acesso a serviços médicos, esse número cai para 82% das pessoas idosas negras. A dificuldade de acesso a serviços de saúde de qualidade, aliada à maior

prevalência de doenças crônicas, como hipertensão e diabetes, contribui para a percepção negativa do estado de saúde entre as pessoas negras. Mais de 45% descrevem sua saúde como regular ou ruim, em comparação com 33% das pessoas brancas (Moura, 2021).

O racismo estrutural impõe barreiras significativas ao desenvolvimento pessoal e coletivo da população negra, perpetuando a desvalorização social (Lima, 2020). Os números mostram como as desigualdades continuam a limitar suas oportunidades no país (Souza, 2021).

Além disso, existe outra forma de violência que impacta a saúde mental e a construção da autoimagem da população negra. Um estudo fenomenológico publicado em 2023 analisou relatos de mulheres negras e revelou que experiências de racismo vivenciadas desde a infância têm efeitos duradouros. Entre os impactos identificados está a insatisfação com características físicas, como o cabelo natural e a cor da pele, vistas como reflexos de uma recusa da identidade negra (Pereira *et al.*, 2020).

Sueli Carneiro, em “Escritos de uma Vida” (2022), esclarece que a desvalorização dos corpos negros vai além da violência física direta. Ela está presente na exclusão de espaços de poder, na invisibilidade na mídia e em outras práticas cotidianas que reforçam a ideia de que corpos negros têm menos valor e legitimidade. Essa violência é um dos mecanismos mais eficazes da hegemonia da branquitude, conceito que se refere ao privilégio histórico, social e culturalmente construído associado à pele branca e à normatividade racial.

Desde o período escravocrata, pessoas negras enfrentam o desafio de afirmar sua identidade em uma sociedade que privilegia padrões estéticos, culturais e comportamentais vinculados à brancura. Isso molda a subjetividade negra em um contexto de opressão racial que impacta não apenas as oportunidades sociais, mas também a autoestima e o senso de pertencimento (Carneiro, 2022).

A branquitude, como argumenta Bento (2022), consolida-se como o padrão normativo contra o qual todas as outras identidades são medidas e marginalizadas. Esse padrão, longe de ser neutro, opera como um lugar de poder que naturaliza privilégios e a desvalorização das culturas e corpos negros. A disputa entre a hegemonia da imagem branca e a resistência da cultura negra transcende o plano simbólico e afeta diretamente as possibilidades de equidade e justiça social (Souza, 1983).

Assim, como discutido até aqui, a análise do racismo estrutural, aliada à utilização da perspectiva teórica de Amartya Sen, permitiu compreender como as privações limitam a expansão das liberdades reais. Além disso, as dinâmicas históricas, sociais e econômicas reforçam um ciclo de exclusão que afeta desproporcionalmente a população negra, privando-a de condições básicas para alcançar uma qualidade de vida digna ao longo de todo o ciclo vital.

3 O PACTO DA BRANQUITUDE E O DESENVOLVIMENTO EM SANTA CRUZ DO SUL

O título deste capítulo faz referência ao livro de Cida Bento (2022), “O Pacto da Branquitude” (2022), que discute a manutenção dos privilégios da população branca, motivada por sentimentos de ameaça e autopreservação, perpetuando, assim, a exclusão de pessoas negras. Neste capítulo, são explorados temas como o papel da branquitude na construção de uma identidade local homogênea em Santa Cruz do Sul, a exclusão de grupos não brancos das narrativas oficiais e as tensões históricas e contemporâneas que emergem entre a valorização da herança germânica e a luta por maior representatividade das pessoas negras. A análise busca refletir sobre como esses elementos moldaram as dinâmicas sociais e culturais do município, destacando o impacto dessas exclusões na construção de um senso coletivo que negligencia a diversidade local.

3.1 Desenvolvimento e exclusão: o papel da branquitude

Remontando à discussão do final do capítulo anterior, Sueli Carneiro (2022) destaca como a branquitude sustenta a exclusão social e limita o reconhecimento pleno das contribuições da cultura negra para a sociedade brasileira. Para a autora, a desconstrução da branquitude é um passo fundamental para superar essas tensões e avançar na construção de uma sociedade mais justa, na qual a pluralidade cultural seja efetivamente reconhecida e valorizada.

Entretanto, sob a égide do discurso que exalta a imigração alemã e valoriza o trabalho, Santa Cruz do Sul construiu uma identidade que se apoia na valorização do esforço e da produtividade como pilares de sua narrativa econômica (Skolaude, 2010). Essa visão, associada à herança cultural germânica, é reforçada por dados que posicionam o município como um dos principais polos econômicos do Rio Grande do Sul. Em 2020, Santa Cruz do Sul registrou um Produto Interno Bruto (PIB) de aproximadamente R\$ 10,49 bilhões, evidenciando sua relevância no cenário estadual. Esse desempenho está diretamente relacionado à força de setores como indústria, comércio e agricultura, além de contar com uma infraestrutura urbana bem desenvolvida (IBGE, 2024).

Seguindo a perspectiva de Desenvolvimento como Liberdade (Sen, 2010), é possível aplicar outro conceito proposto por Amartya Sen: a criação do Índice de Desenvolvimento Humano-IDH, em 1990, em parceria com o economista paquistanês Mahbub ul Haq, para analisar o município de Santa Cruz do Sul. Diferentemente de indicadores puramente econômicos, como o PIB, o IDH considera três dimensões centrais: educação, saúde e renda.

Esse índice varia de 0 a 1, sendo que valores mais próximos de 1 indicam um maior nível de desenvolvimento humano. Em Santa Cruz do Sul, o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal-IDHM foi calculado em 0,773 no último levantamento disponível, realizado em 2010, classificado como alto (IBGE, 2024).

Embora dados mais recentes sobre o IDHM não estejam disponíveis, outros indicadores, como o Índice FIRJAN de Desenvolvimento Municipal-IFDM, de 2021, fornecem uma visão atualizada sobre o desenvolvimento socioeconômico de Santa Cruz do Sul. O IFDM é uma ferramenta que avalia anualmente o progresso dos municípios brasileiros em três áreas principais: emprego e renda, educação e saúde. O município alcançou um IFDM de 0,8502, um valor que reflete um alto nível de desenvolvimento socioeconômico. Esse índice varia de 0 a 1, sendo que valores mais próximos de 1 indicam maior desenvolvimento.

No entanto, sob a perspectiva de Amartya Sen, é indispensável refletir sobre como as condições de desenvolvimento são distribuídas entre diferentes grupos sociais, especialmente diante das desigualdades que afetam a população negra. A celebrada narrativa do "imigrante trabalhador", aliada à forte herança cultural germânica em Santa Cruz do Sul, contribui para a manutenção de tensões étnico-raciais. Como destaca Skolaude (2010), essas tensões evidenciam dinâmicas de exclusão racial que permanecem enraizadas na região. Essa realidade ressalta os desafios de inclusão e equidade que precisam ser superados para que as ideias de Sen (2010) sejam plenamente aplicadas a toda a população.

A branquitude, ao se posicionar como referência, gera um conflito constante entre a cultura negra e a cultura branca, e enfrentar essas tensões exige mais do que a implementação de políticas públicas antirracistas, requer uma transformação profunda na maneira como a sociedade compreende e valoriza suas raízes multiculturais (Carneiro, 2022).

O mito da estética branca no Brasil foi moldado tanto pelos processos de imigração quanto pela história de escravização de pessoas negras e pela consequente exclusão de seus descendentes. A chegada de imigrantes no período pós-abolição foi marcada por políticas de incentivo à imigração europeia, que visavam substituir a mão de obra negra escravizada por trabalhadores assalariados brancos. Esses imigrantes, principalmente de origem italiana, alemã e portuguesa, foram acolhidos com benefícios significativos, como acesso à terra, crédito e programas de apoio. Embora também tenham enfrentado diversas dificuldades, esses imigrantes foram contemplados por políticas públicas que lhes ofereceram uma base sólida para prosperar (Gonzalez; Hasenbalg, 2022). O mesmo ocorreu com os imigrantes que se estabeleceram na região, onde posteriormente se formaria o município de Santa Cruz do Sul (Vogt, 2001).

Se os imigrantes europeus foram bem recebidos, o mesmo não se aplica aos africanos trazidos ao país, que foram submetidos a um sistema projetado para apagar suas identidades. Esse processo de desumanização deliberado foi concebido para torná-los mais submissos ao regime escravista. Os escravizadores tinham como objetivo fragmentar os laços sociais, religiosos e culturais, empregando violência física e simbólica para suprimir suas referências identitárias e impedir a organização coletiva (Schwarcz; Gomes, 2018).

Florestan Fernandes, em “A integração do negro na sociedade de classes” (1978), destaca que, após a abolição, a população negra, recém-liberta, foi deixada à margem, sem qualquer suporte para sua integração social e econômica. As pessoas negras foram inseridas em uma sociedade de classes sem os recursos necessários para competir de forma justa ou ascender socialmente. Em contraste, os imigrantes europeus foram amplamente valorizados, sendo considerados mais adequados às demandas do mercado de trabalho e aos ideais de modernização do país.

Com a chegada de imigrantes europeus, foi implementado no Brasil o projeto de embranquecimento da população, um esforço deliberado e violento conduzido pelas elites políticas e intelectuais entre os séculos XIX e XX. O objetivo era alterar a composição racial do país, com a eliminação gradual das populações negras e indígenas por meio da miscigenação (Gonzalez; Hasenbalg, 2022).

Os processos de embranquecimento não se limitaram a um aspecto biológico, mas também envolveram dimensões culturais e simbólicas. As práticas culturais e sociais negras foram sistematicamente desvalorizadas, enquanto as práticas europeias eram promovidas como modelos de progresso e civilização (Gomes; Vargas, 2015).

Além disso, como relatado por Schwarcz e Gomes (2018), o embranquecimento foi sustentado por práticas de violência física, tortura e estupro, visando opressão e controle. A violência física era sistematicamente utilizada como ferramenta de controle e dominação. Castigos corporais, torturas e execuções públicas não apenas tinham o objetivo de disciplinar os escravizados, mas também funcionavam como instrumentos de intimidação coletiva e repressão de resistências.

Lia Vainer Schucman, em “Entre o encardido, o branco e o branquíssimo: branquitude, hierarquia e poder na cidade de São Paulo” (2014), analisa o “colorismo” como uma manifestação da violência do sistema de branquitude. Esse processo utiliza a hierarquia de tonalidades de pele para criar divisões internas dentro das comunidades negras.

O conceito de colorismo, cunhado originalmente pela escritora e ativista negra Alice Walker em seu livro *In Search of Our Mothers' Gardens: Womanist Prose* (1983), descreve

como mulheres negras de pele mais clara eram frequentemente privilegiadas em relação às de pele mais escura. Essa discriminação reflete o impacto histórico da colonização e da supremacia branca, em que características físicas mais próximas ao padrão branco, como pele clara, cabelo liso e traços finos, eram, e ainda são, mais valorizadas.

Nesse contexto, surge o termo “pardo” historicamente utilizado para designar pessoas de origem mista. Essa classificação, amplamente adotada durante o período colonial, teve o efeito de fragmentar as identidades raciais, dificultando a união das populações não brancas contra sistemas de opressão, como o escravismo.

Muitos indivíduos que se identificam como pardos evitam se reconhecer como negros, seja pela internalização de padrões racistas, seja pelo desejo de se distanciar do estigma associado à negritude. Isso é exemplificado por uma pesquisa realizada pelo Datafolha, divulgada em novembro de 2024, que revelou que 60% dos pardos não se consideram negros, enquanto 40% se veem como tal. Os resultados desta pesquisa surgem em um contexto de aumento no número de indivíduos que se identificam como pardos, conforme registrado no Censo 2022 do IBGE, quando a população parda ultrapassou, pela primeira vez na história, a população branca no país.

Em suma, as desigualdades e a valorização de uma estética eurocêntrica continuam a desafiar a construção de uma sociedade verdadeiramente plural e justa. A desconstrução da branquitude, conforme destacado por Sueli Carneiro (2022), emerge como um passo essencial para promover a inclusão, o reconhecimento e a valorização das contribuições das culturas negras, possibilitando, assim, um desenvolvimento humano mais amplo e democrático, como idealizado por Amartya Sen (2010).

Para entender como essa dinâmica ocorre em Santa Cruz do Sul, é necessário voltar o olhar ao passado. Como explica Seyferth (2002), as regiões de imigração alemã no Brasil, especialmente no Sul, refletem uma complexa interação entre essas dinâmicas históricas. Embora a miscigenação fosse celebrada em alguns locais, como um aspecto da identidade nacional, no Sul, a imigração europeia foi concebida como uma estratégia para “branquear” a população e evitar a “africanização” do país. A exclusão de negros das colônias europeias foi justificada por argumentos raciais que consideravam a mistura com negros um fator de degeneração moral e cultural. O isolamento cultural e étnico das comunidades alemãs reforçou ainda mais a exclusão dos negros, que, quando presentes na região, eram frequentemente relegados a funções periféricas, como trabalho doméstico ou empregos temporários fora das colônias.

A ausência de integração e as políticas de segregação racial retiraram os negros do discurso sobre o progresso agrícola do Sul (Seyferth, 2002). Essas tensões históricas levam ao contexto do município de Santa Cruz do Sul, como discutido a seguir.

3.2 A Exclusão Simbólica e a Centralidade da Branquitude em Santa Cruz do Sul

Colocando Santa Cruz do Sul no centro da discussão, torna-se essencial compreender como as privações afetam as liberdades das pessoas negras. A exclusão do legado da comunidade negra das narrativas e dos espaços de pertencimento comunitário não apenas compromete o reconhecimento de sua história e identidade, mas também restringe sua capacidade de participar plenamente da vida social e econômica da região. Sob a perspectiva de Amartya Sen (2010), essas limitações representam privações que vão além das dimensões materiais, impactando as capacidades individuais e coletivas de moldar escolhas e aspirações. Quando a história e as contribuições da população negra são negligenciadas ou marginalizadas, dificultam o avanço de uma sociedade verdadeiramente inclusiva e equitativa.

Como aponta Skolaude (2008), a historiografia regional enfatizou o papel dos imigrantes como pioneiros e principais agentes de desenvolvimento econômico e social da região, criando uma visão essencialista e homogênea da identidade local. As narrativas valorizaram a ética do trabalho, o associativismo e a moralidade germânica, frequentemente contrastando esses valores com uma imagem depreciativa de outros grupos étnicos.

Embora tenha sido por muito tempo negligenciada, reconhece-se atualmente a presença da população negra, incluindo pessoas escravizadas, na região antes e durante o processo de colonização. Antes da chegada dos imigrantes, a área já abrigava fazendas vinculadas à região de Rio Pardo, onde a utilização de mão de obra escrava era predominante. Apesar da proibição legal que impedia os colonos germânicos de possuírem escravizados, registros históricos indicam a utilização de trabalho escravo em obras realizadas no período (Spindler; Radünz; Vogt, 2016).

Evidências da presença de pessoas negras na região foram reveladas por meio de registros paroquiais, com livros de batismo, óbitos e alforrias da Paróquia de São João de Santa Cruz (atualmente Catedral de São João Batista, conforme figura 7), que forneceram informações detalhadas sobre pessoas escravizadas e libertas entre os anos de 1861 e 1886. Esses documentos incluem dados sobre nomes, ocupações, senhores e localidades. Além disso, inventários *post-mortem* também contribuíram para o levantamento de informações sobre

propriedades escravistas, detalhando bens deixados por proprietários de escravos (Spindler; Radünz; Vogt, 2016).

Um exemplo desta presença é a história de Inácia Garcia de Souza, conhecida como Tia Inácia. Nascida escravizada em Rio Pardo, ela viveu grande parte de sua vida no Bairro Bom Jesus, em Santa Cruz do Sul, falecendo em 1956, supostamente aos 131 anos. Sua história foi posteriormente registrada na obra de Gomes, Lauriano e Schwarcz, “Enciclopédia Negra” (2021), que destacou sua resistência e longevidade notáveis. A história de Tia Inácia é um símbolo da população negra no município.

Figura 2– Tia Inácia.



Fonte: Portal Gaz (2024).

Apesar de constatar a presença de pessoas negras na região desde seus primórdios, a luta para que suas contribuições à história e ao desenvolvimento de Santa Cruz do Sul sejam devidamente valorizadas persiste. As obras historiográficas, em sua maioria, continuam a apresentar o município como um produto quase exclusivo do esforço dos imigrantes alemães (Skolaude, 2008). Isso é exemplificado pelos símbolos espalhados pela cidade, como o brasão de Santa Cruz do Sul, instituído pela Lei n.º 1.140, de 29 de dezembro de 1964:

Figura 3– Brasão de Santa Cruz do Sul.



Fonte: Prefeitura de Santa Cruz do Sul (2025).

O escudo é dividido por uma cruz de prata, simbolizando o nome do município. No primeiro quartel, em campo vermelho, há três pinheiros representando os cerros que formam o perfil geográfico local. No segundo quartel, em azul, apresenta-se a figura estilizada de um casal de colonos em ouro, os imigrantes alemães pioneiros. O terceiro quartel, em verde, destaca-se um arado antigo em ouro, simbolizando os trabalhadores. Por fim, em vermelho, exibem-se símbolos do comércio e da indústria em prata, representando o progresso e desenvolvimento do município (Herberts, 2009).

Se no brasão o imigrante já é representado como a imagem do trabalhador, também é exaltado em um dos pontos turísticos da cidade: o “Monumento ao Imigrante”, conforme destaca o próprio *website* da Prefeitura Municipal:

Figura 4– Monumento ao Imigrante.



Fonte: Prefeitura de Santa Cruz do Sul (2025).
Registro fotográfico: Dinho Barbosa.

A construção destes monumentos e iniciativas simbólicas em Santa Cruz do Sul é mencionada por Skolaude (2008) como elementos que reforçam a identidade germânica. Essas iniciativas consolidam narrativas de pertencimento étnico e destacam a centralidade da identidade no imaginário coletivo do município. Outra maneira de reforçar essa identidade pode ser observada no hino do município, cuja letra exalta a chegada dos imigrantes, enaltecendo a figura do “loiro alemão” como símbolo de bravura e de laboriosidade. O desenvolvimento de Santa Cruz do Sul é apresentado como fruto direto desse árduo trabalho. Além disso, o hino valoriza a fé e a prosperidade, destacando a referência à cruz de Jesus como reforço à religiosidade da comunidade, elementos profundamente enraizados na construção da identidade local.

Figura 5– Hino Santacruzense.

Hino de Santa Cruz do Sul - RS

Letra: Elisa Gil Borowsky

Música: Lindolfo Rech

Por sobre as nossas lindas terras
Loiro imigrante andou
Transpôs as nossas verdes serras
E longe do lar chorou ... chorou!
Mas, nosso dadivoso chão,
Como enorme coração,
Desvendou-lhe a sorrir
Mil promessas de provir.

Deus te salve, terra amiga,
Santa Cruz fiel,
Santa Cruz gentil,
Onde reina a Paz,
Onde brilha a Luz,
Sob o lenho de Jesus!

Ao sol ardente destes céus
Acenderam-se os ideais
Nas forjas surgem os troféus
E na campina em flor as catedrais
E foi brotando deste afã
Da bravura alemã
A cidade crente e santa
Que sua Cruz ao sul levanta.

Fonte: Prefeitura de Santa Cruz do Sul (2025).

Em 2001, o Conselho de Desenvolvimento da Comunidade Negra-Codene, hoje extinto no município, apontou a presença de elementos racistas na letra do hino. Segundo reportagem da Folha de São Paulo (2001), o debate girou em torno de uma proposta para revisar o hino de modo a contemplar todas as etnias que contribuíram para a formação do município. Um dos autores da música, o maestro Lindolfo Rech, defendeu a letra original, argumentando que as referências aos alemães apenas refletiam a história da cidade. Por outro lado, o então prefeito Sérgio Moraes minimizou a relevância do tema, declarando que o assunto não era importante o suficiente para merecer o envolvimento do governo municipal. Sem apoio político ou institucional, o debate foi encerrado sem quaisquer mudanças no hino. Esse episódio reflete como as dinâmicas de exclusão persistem, mesmo diante de questionamentos e demandas por maior representatividade. O hino, além de exaltar a figura do imigrante, apresenta-o como uma

figura idílica, símbolo de beleza e progresso do município, refletindo os pressupostos da branquitude (Schucman, 2014).

Além da controvérsia em torno da representatividade no hino, há também um debate no âmbito religioso. A letra faz referência a símbolos que remetem ao catolicismo, uma influência marcante na formação das comunidades santacruzenses desde a colonização (Skolaude, 2008). Essa presença não se limita ao hino. Na cidade, dois marcos arquitetônicos se destacam pela sua representatividade e visibilidade: a Cruz, localizada no Parque da Cruz, e a Catedral São João Batista, situada no centro da cidade. A catedral, considerada o maior templo católico em estilo neogótico da América do Sul, foi concluída em 1936 e se destaca por suas torres imponentes de 83 metros de altura (Prefeitura de Santa Cruz do Sul, 2025). Além de ser um símbolo religioso, tornou-se um ícone arquitetônico e turístico, reafirmando a forte presença do catolicismo na cultura local.

Figura 6– Parque da Cruz.



Fonte: Portal Gaz (2024).

Registro fotográfico: Rafaelly Machado.

Figura 7– Catedral São João Batista.



Fonte: Portal Gaz (2023).

Registro fotográfico: Alencar da Rosa.

Esse debate em torno da religião também se mostra relevante, considerando que reportagem publicada no Jornal da USP, em 21 de novembro de 2024, destaca que as religiões de matriz africana, como o Candomblé e a Umbanda, continuam sendo os principais alvos de intolerância e racismo no Brasil. Dados da Ouvidoria Nacional dos Direitos Humanos revelam que, no primeiro semestre de 2024, foram registradas 1.940 denúncias de violações à liberdade religiosa, número que representa 91% do total de denúncias do ano anterior. Dentre os 575 casos em que houve identificação da vítima, 276 envolviam adeptos de religiões afro-brasileiras.

Em Santa Cruz do Sul, a tensão em torno da religiosidade decorre da presença significativa de adeptos de religiões afro-brasileiras, que há muito tempo reivindicam maior visibilidade no espaço urbano da cidade. Conforme reportagem do Portal Gaz (2024), o Conselho Municipal do Povo de Terreiro propôs a construção de uma estátua em homenagem a Exu, uma divindade das religiões afro-brasileiras. A proposta gerou debates intensos na comunidade local. Nas redes sociais virtuais, o tema também ganhou destaque: na página do Portal no *Instagram*, a postagem sobre a notícia, no dia 5 de setembro, foi a mais comentada do ano de 2024, com 481 comentários. As discussões foram marcadas por posições divergentes sobre o tema e opiniões preconceituosas, levando inclusive o Conselho do Povo de Terreiro a registrar queixa criminal (Portal Gaz, 2024).

Figura 8– Estátua em homenagem a Exu.



Fonte: Portal Gaz (2024).

Seguindo a discussão e considerando a mídia santacruzense como exemplo, os fatos anteriormente citados evidenciam a dificuldade de aceitação da diversidade no município. Nesse sentido, os autores Skolaude e Paredes (2018) e Ciecelski (2021) destacam a influência dos meios de comunicação no fortalecimento de um arquétipo da identidade germânica na comunidade local. Um ponto central nesse processo é a *Oktoberfest*, reconhecida como o principal evento para celebrar e promover a cultura alemã. Amplamente divulgada pelos meios de comunicação, a festa não apenas reforça uma herança germânica como elemento identitário, mas também serve como símbolo de pertencimento cultural para a comunidade. Paralelamente, projeta Santa Cruz do Sul como um relevante polo turístico e cultural no estado, fortalecendo sua imagem no cenário regional e além (Ciecelski, 2021).

Publicações como a revista Alto Falante (atualmente fora de circulação) e o jornal impresso Gazeta do Sul utilizaram diversas estratégias de midiaticização, incluindo capas, editoriais, entrevistas, reportagens, colunas e fotografias, para divulgar a festa (Ciecelski, 2021; Skolaude; Paredes, 2018). A narrativa construída estabeleceu a *Oktoberfest* como uma celebração das tradições germânicas, destacando aspectos históricos da cidade, sua identidade e sua herança de colonização alemã.

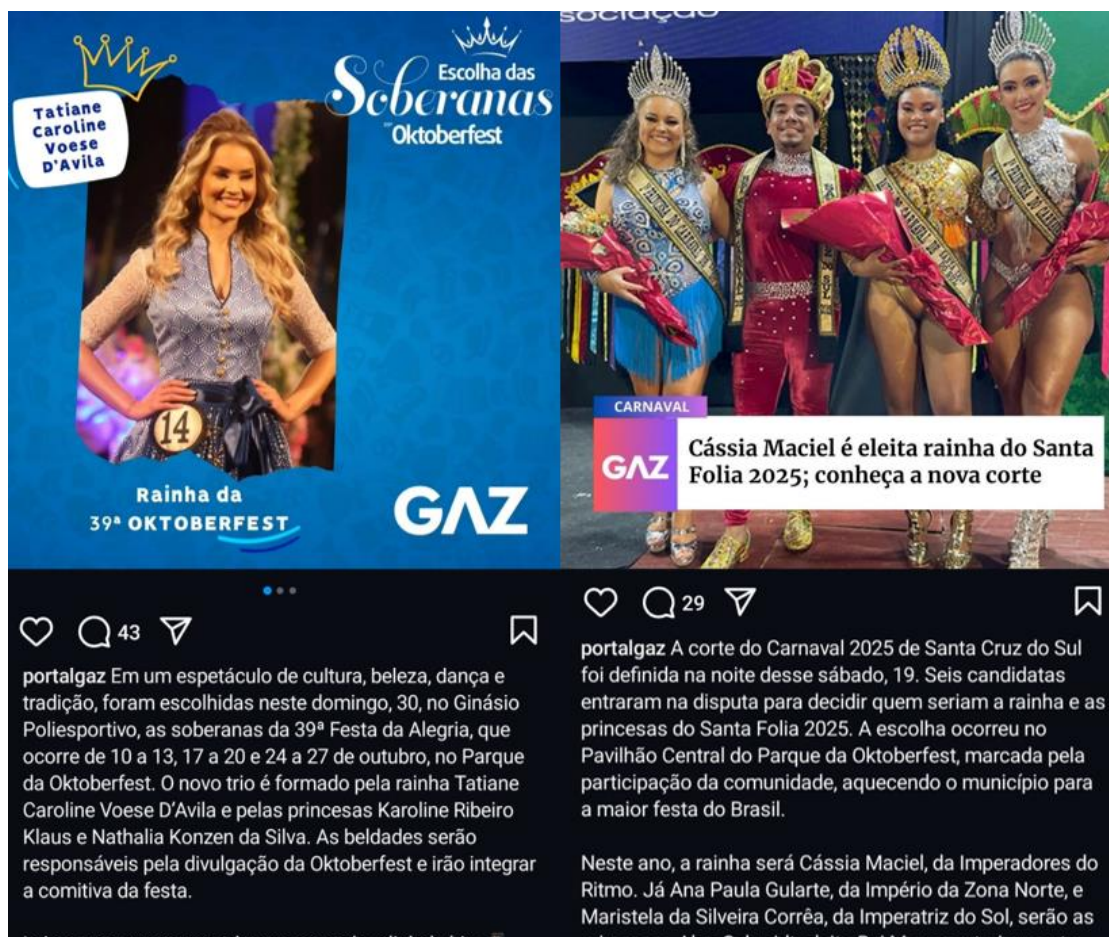
O jornal Gazeta do Sul também foi identificado como um agente importante na perpetuação de estereótipos étnicos, conforme análise de Skolaude e Paredes (2018). Notícias, reportagens e editoriais frequentemente reforçaram hierarquias sociais ao apresentar a população negra de forma marginalizada ou problemática. Um exemplo significativo relatado pelos autores refere-se às diferenças no tratamento dado a eventos como a escolha da Mais Bela Negra, realizada em 2011 em sua 27ª edição, mesmo número de edições da *Oktoberfest* naquele ano, em comparação com a eleição da rainha da *Oktoberfest*.

Enquanto a coroação da rainha da *Oktoberfest* era amplamente celebrada, com manchetes que retratavam o evento como um marco cultural para toda a cidade, a eleição da Mais Bela Negra recebia cobertura reduzida, limitada a um relato simples do local e do momento do evento. A disparidade de tratamento evidenciava a diferença de valor atribuído a cada celebração, com a *Oktoberfest* consolidada como um evento central e representativo da cidade, enquanto as festividades ligadas à comunidade negra eram marginalizadas na narrativa midiática (Skolaude; Paredes, 2018).

De forma semelhante, 13 anos depois, a diferença de abordagem permanece evidente nas redes sociais. Na conta do *instagram* do Portal Gaz, versão digital do grupo Gazeta de Comunicações, a postagem sobre a eleição da rainha da *Oktoberfest* é exaltada como "um espetáculo de cultura, dança, beleza e tradição", recebendo, inclusive, uma cobertura especial.

Por outro lado, o anúncio da escolha da rainha do Santa Folia, festa de carnaval intimamente ligada à comunidade negra do município, é tratado de forma simples, com um relato factual sem o mesmo destaque ou exaltação.

Figura 9– Escolhas das Soberanas.



Fonte: Elaborado pelo autor com base no Portal Gaz (2024, 2025).

Inicialmente, a cobertura da festa enfatiza seus aspectos comerciais e econômicos, no entanto, com o passar do tempo, essa abordagem evoluiu para uma romantização da cultura alemã, incorporando Santa Cruz do Sul como parte dessa tradição (Ciecelski, 2021).

Destacam os autores Martins e Hirt (2009) que o evento reflete um processo de (re)construção cultural, no qual os elementos simbólicos da cultura alemã são adaptados ao contexto local. Por meio de práticas como desfiles folclóricos, gastronomia típica e danças tradicionais, a festa reforça os vínculos culturais e históricos entre a comunidade e suas origens germânicas. Por meio dessa reinterpretação e ampliação das tradições, a *Oktoberfest* não apenas resgatou elementos culturais, mas também ajudou a moldar uma ideia de identidade coletiva, a arquitetura e a paisagem da cidade (Kronbauer, 2016).

Figura 10– Oktoberfest.



Fonte: *Oktoberfest* Santa Cruz do Sul (2022).

Segundo Milton Santos (1996), a paisagem é a materialização das práticas sociais no espaço, enquanto o lugar é o espaço carregado de significados culturais. Nesse sentido, a *Oktoberfest* não apenas utiliza a paisagem de Santa Cruz do Sul, mas também a ressignifica, incorporando elementos como a arquitetura típica, desfiles folclóricos e festividades que evocam a memória dos imigrantes. Isso cria uma “paisagem-marca” que serve como referência identitária e territorial.

Como exemplo dessa ressignificação, destacam-se as figuras de Fritz e Frida, as mascotes oficiais da *Oktoberfest*. Eles simbolizam os imigrantes alemães e tornaram-se ícones da celebração, amplamente reconhecidos por suas roupas típicas. Além disso, as mascotes ganharam um monumento, inaugurado em 1º de outubro de 1997, localizado em uma das entradas da cidade. Esse monumento reforça seu papel como representação visual da identidade alemã local, conforme destaca o *website* da prefeitura.

Figura 11– Monumento a Fritz e Frida.



Fonte: Prefeitura de Santa Cruz do Sul (2025).

Como discutia Milton Santos (1996), a globalização impactou as identidades locais, tensionando tradições com influências externas. Nesse contexto, a *Oktoberfest* exemplifica uma resistência local à homogeneização cultural global, promovendo uma celebração que reafirma a singularidade da identidade germânica. Sehn (2009) complementa essa perspectiva ao destacar que a festa foi concebida como uma resposta à Campanha de Nacionalização, que, durante o século XX, reprimiu manifestações culturais de origem estrangeira no país. Entretanto, essa resistência é permeada por adaptações estratégicas que dialogam com o mercado turístico e as demandas globais, evidenciando a interação constante entre tradição e modernidade (Santos, 1996). Isto é representado na imagem a seguir, com a *Christkindfest*, festa de Natal, que assim como diversas outras festividades, é celebrada no município com uma forte ênfase na temática alemã. Esse reforço reafirma a identidade local e também funciona como um elemento estratégico para o turismo.

Figura 12- Christkindfest.



Fonte: Olá Jornal (2022).

Em 2024, durante a 39ª edição da *Oktoberfest*, a movimentação financeira estimada foi de R\$ 60 milhões, com um público de aproximadamente 410 mil pessoas (Portal Gaz, 2024). Esses números destacam o impacto da festa como um símbolo consolidado da identidade alemã e um importante pilar econômico e turístico para Santa Cruz do Sul.

Como mostrado na figura abaixo, a prefeitura municipal fornece um mapa ilustrado para turistas, que inclui muitos dos pontos já mencionados, com destaque, inclusive, para o parque onde ocorre a *Oktoberfest*. Isso reforça a ideia de que esses são os lugares e símbolos que constituem Santa Cruz do Sul.

Figura 13-Mapa Turístico de Santa Cruz do Sul



Fonte: Prefeitura de Santa Cruz do Sul (2025).

As dinâmicas de branquitude consolidaram narrativas que diminuíram as contribuições da população negra. Essa exclusão, evidenciada em elementos como os monumentos, o hino e as festividades locais, reflete um pacto de manutenção de hierarquias sociais e culturais persistentes.

No entanto, é importante destacar que as pessoas negras no município não aceitaram essa situação de maneira passiva. Ao longo dos anos, têm se organizado, promovido eventos culturais e reivindicado seus espaços, resistindo às dinâmicas de apagamento e exclusão. Como destaca Achille Mbembe (2018), o pensamento negro possui uma potência transformadora, capaz de reimaginar o futuro longe das amarras do racismo. Essa perspectiva está diretamente ligada à ideia de Amartya Sen (2010), segundo a qual o desenvolvimento não se trata apenas de remover privações, mas de criar condições para que todos possam exercer suas capacidades e reivindicar seus espaços.

A resistência negra, como afirma Abdias do Nascimento (1980), não se resume à luta contra o racismo, mas também constitui uma narrativa de força, organização e transformação social, expressa na ocupação de espaços historicamente negados. Os movimentos negros ao redor do mundo têm se articulado não apenas para garantir a sobrevivência, mas também para reivindicar o direito a uma vida plena, criativa e digna (Mbembe, 2018).

Essas reflexões evidenciam que a resistência negra não é apenas uma reação ao racismo, mas uma força ativa que questiona, ressignifica e transforma as estruturas sociais, culturais e políticas. No caso de Santa Cruz do Sul, as formas como as pessoas negras moldaram suas experiências e criaram caminhos de resistência ao longo de suas vidas serão exploradas no próximo capítulo.

4 EXPERIÊNCIAS DE VELHICES NEGRAS

As discussões apresentadas anteriormente constituem a base para a compreensão das experiências de velhices negras, que serão exploradas neste capítulo. A percepção sobre essa fase da vida é marcada por uma diversidade de vivências. Enquanto alguns a enxergam como um período prazeroso e significativo, outros a associam aos desafios que acompanham o avançar da idade. Isso ocorre porque a velhice é vivida de maneira heterogênea, conforme destacam Jardim, Medeiros e Brito (2006).

Neste ponto da pesquisa, o papel do pesquisador, orientado pela abordagem fenomenológica e fundamentado na obra de Triviños (2009), revela-se especialmente delicado e fundamental. Ao ingressar no campo, adotou-se a suspensão das pré-compreensões acerca do tema, atitude conhecida como *epoché*, a qual possibilita que o fenômeno se revele a partir da perspectiva dos próprios participantes, sem a imposição de interpretações prévias.

Nesse sentido, a interação com as pessoas idosas não teve como objetivo confirmar hipóteses ou validar teorias já estabelecidas, mas sim compreender as experiências tal como são vividas e narradas pelos sujeitos, valorizando suas percepções singulares e os significados que atribuem às suas trajetórias. Esse cuidado ético-metodológico estendeu-se também à etapa de análise do conteúdo. Durante a interpretação dos relatos, procurou-se manter a mesma suspensão dos pressupostos teóricos iniciais. Assim, tanto no contato direto com os participantes quanto na análise dos dados, houve comprometimento com uma atitude de abertura e respeito profundo à experiência do outro, permitindo que as realidades fossem manifestadas de maneira autêntica.

Outra consideração importante diz respeito ao perfil dos voluntários que participaram da pesquisa. A seleção intencional de participantes com forte vínculo nas lutas antirracistas pode ter favorecido relatos mais politizados. No entanto, esse aspecto não invalida as conclusões obtidas. É fundamental destacar que as experiências relatadas refletem o contexto específico em que essas pessoas vivem, marcado pelas particularidades do território de Santa Cruz do Sul. Assim, tais vivências podem não representar outras velhices negras em diferentes localidades, regiões do país ou contextos culturais. Cada realidade carrega suas próprias nuances, moldadas pelas condições sociais, econômicas e históricas que a constituem.

A coleta de dados foi realizada utilizando três métodos: grupo focal, relatos de história de vida e entrevistas semi-estruturadas. O processo de coleta ocorreu ao longo do segundo semestre de 2024. Para a organização do grupo focal, foi estabelecido contato com Marta Nunes, presidente do S.C.B. União, que auxiliou na elaboração de uma lista de sócios(as) com

60 anos ou mais. Após um diálogo prévio com os potenciais participantes, em que foi explicado o objetivo da pesquisa, foram identificados aqueles que demonstraram interesse em participar. Em seguida, os contatos foram repassados e as combinações necessárias foram realizadas por meio do aplicativo *WhatsApp*. O encontro do grupo ocorreu na tarde do dia 24 de agosto de 2024, na sede do clube S.C.B. União, com a presença da presidente Marta, que recepcionou os participantes e abriu gentilmente as portas do espaço. Em seguida, a atividade prosseguiu com a participação exclusiva dos integrantes do grupo. As cadeiras foram dispostas em círculo, de modo a favorecer o diálogo, e um gravador foi posicionado ao lado para registrar as falas. Após uma breve conversa inicial, destinada à apresentação da pesquisa, do pesquisador e dos próprios participantes, o grupo decidiu, de forma espontânea, iniciar a discussão. Da mesma forma, foi o próprio coletivo que, de maneira natural, indicou o momento em que os principais temas haviam sido contemplados, encerrando o debate.

A escolha do grupo focal também se justifica pelo fato de que, em pesquisas sobre envelhecimento, essa técnica é fundamental para aprofundar a compreensão das experiências de pessoas idosas. O grupo proporcionou um espaço coletivo no qual os participantes puderam expressar suas percepções e sentimentos, favorecendo a discussão de temas sensíveis, como o racismo (Oliveira; Silva, 2023). A utilização de questões disparadoras durante o encontro também foi essencial, não para obter respostas objetivas e diretas, mas para estimular um diálogo espontâneo e fluido entre os participantes.

Para esse propósito, foi feita uma leve adaptação das perguntas norteadoras: a) Quais foram suas experiências vividas em relação ao racismo no município de Santa Cruz do Sul-RS?; b) Quais percepções possuem em relação às suas velhices?; c) De que forma suas vivências estão interligadas ao território de Santa Cruz do Sul-RS?; d) Como as manifestações do racismo afetam suas identidades?

Durante o mês de setembro de 2024, foram realizados relatos de história de vida com duas pessoas que, por diferentes motivos, não puderam participar do grupo focal, mas demonstraram interesse em contribuir com a pesquisa. Cada relato foi registrado em um único encontro, realizado nas respectivas residências dos participantes. A disposição em abrir não apenas suas casas, mas também suas histórias, foi um gesto significativo. Por estarem em seu ambiente doméstico, é possível que se sentissem mais à vontade, o que pode ter favorecido a abordagem de temas pessoais e sensíveis com maior tranquilidade. As entrevistas foram conduzidas com a presença exclusiva do participante e do pesquisador, utilizando-se apenas um gravador e um caderno para anotações pessoais pontuais.

A utilização de história de vida em pesquisas sobre velhices é de fundamental importância, pois permite compreender as múltiplas dimensões do envelhecimento, ampliando as perspectivas sobre essa etapa da vida e rompendo com narrativas homogêneas ou estigmatizantes. Além disso, valoriza as vozes e singularidades destas pessoas idosas. Esse método ressignifica imaginários e representações sobre a velhice, contribuindo para uma compreensão mais ampla e inclusiva desse período da vida.

Por fim, durante o mês de outubro de 2024, foram realizadas entrevistas semiestruturadas. A identificação de possíveis participantes ocorreu por meio de diversas fontes, incluindo indicações de professores, grupos vinculados ao movimento negro, matérias jornalísticas e pessoas com atuação político-partidária alinhadas à causa antirracista. Essa abordagem permitiu identificar indivíduos cujas experiências e trajetórias poderiam contribuir significativamente para a pesquisa. No entanto, considerando que o período coincidiu com as eleições municipais, houve a necessidade de remarcações de algumas entrevistas, e, em alguns casos, não foi possível realizá-las. Ainda assim, conseguiu-se atingir o número de participantes inicialmente previsto para esta etapa, assegurando a riqueza e diversidade das perspectivas coletadas. As entrevistas foram realizadas em locais previamente acordados com os entrevistados, contando apenas com a presença do participante e do pesquisador, a fim de garantir a privacidade.

Para a análise do material, utilizou-se a técnica de Análise de Conteúdo, proposta por Laurence Bardin, mas aqui aplicada sob a ótica de Moraes (1999), o que permitiu compreender o teor das entrevistas e seus significados para além de uma leitura descritiva. Seguindo a abordagem metodológica de Moraes, o processo foi dividido em cinco etapas: preparação das informações, transformação do conteúdo em unidades, categorização, descrição e interpretação.

A preparação das informações consistiu na organização do material coletado. Para essa etapa, utilizou-se a plataforma *online Clipto.AI*, na qual os áudios das entrevistas gravadas foram transcritos por meio de uma ferramenta de Inteligência Artificial. Posteriormente, foi realizada a conferência manual das transcrições, por meio de leitura simultânea à audição dos áudios, garantindo a fidelidade das informações.

A etapa seguinte envolveu a transformação do conteúdo em unidades, com a identificação e delimitação de elementos que seriam posteriormente classificados. Na fase de categorização, os conteúdos foram agrupados com base em características comuns, possibilitando a construção de categorias de análise. A etapa de descrição consistiu na seleção de trechos representativos das entrevistas, que sintetizam os significados atribuídos a cada

categoria. Por fim, a interpretação buscou compreender as relações entre os significados identificados e os referenciais teóricos discutidos na revisão de literatura da pesquisa.

Os resultados apresentados neste capítulo estão organizados em duas categorias temáticas principais: Racismo Estrutural e Vivências no Território. A primeira categoria, Racismo Estrutural, relata as suas manifestações em diversas escalas. Para abranger as especificidades dos temas abordados, essa categoria foi dividida em duas subcategorias: “O Racismo no Cotidiano”, que detalha como o racismo estrutural esta presente nas experiências diárias dessas pessoas, e “Impactos da Branquitude”, que discute de que maneira a branquitude influencia a formação das identidades dessas pessoas. A segunda categoria, Vivências no Território, analisa como o contexto local influencia as experiências da população negra e foi subdividida em três subcategorias: A Cultura Alemã, que aborda a hegemonia cultural germânica no município; Representatividade, que trata da baixa presença de pessoas negras em diferentes espaços sociais e institucionais; e Movimento de Enegrecimento, que explora ações de valorização da identidade negra no território. Além disso, essas categorias dialogam diretamente com as questões norteadoras e os objetivos que orientam a dissertação, proporcionando uma análise estruturada e coerente dos dados coletados.

4.1 Racismo Estrutural

Esta seção explora de que maneira o racismo estrutural influencia as vivências das pessoas negras, evidenciando as desigualdades presentes em diversas esferas sociais. A análise desta categoria está organizada em duas subcategorias principais. Na primeira subcategoria, abordam-se as vivências relacionadas ao racismo estrutural no cotidiano. A segunda subcategoria, por sua vez, discute os impactos da branquitude, evidenciando como ela contribui para a manutenção de privilégios. Por fim, a discussão enfatiza a importância do rompimento com essas dinâmicas opressoras por meio do resgate e da valorização da identidade negra.

4.1.1 O Racismo no Cotidiano

Até este momento, a discussão teórica demonstrou como o racismo estrutural impacta as vivências das pessoas negras em diversas esferas sociais. A partir de agora, a análise passa a considerar como as pessoas idosas entrevistadas compreendem e percebem esses impactos, articulando seus relatos com os referenciais teóricos e verificando em que medida essas experiências refletem uma realidade mais ampla no contexto brasileiro.

É importante destacar que o racismo molda as experiências de forma sistematicamente desigual e opressiva, consolidando um ciclo contínuo de marginalização. (Bersani, 2018). Como evidencia a fala de Luiza, que reflete sobre suas vivências e o sofrimento contínuo:

O racismo estrutural faz com que as pessoas negras tenham que viver em constante estado de alerta, provando que são boas o suficiente. Isso não é apenas cansativo, é desgastante para a saúde mental. (Luiza, E. S.).

O "estresse racismo-induzido" é uma forma específica de estresse crônico devido à exposição contínua a experiências de discriminação racial. Esse tipo de estresse está associado a problemas como ansiedade, depressão e transtornos de estresse pós-traumático (Lucena, 2022). Além disso, a Secretaria Estadual da Saúde do Rio Grande do Sul- SES alertou que o racismo estrutural constitui um fator de risco significativo para o suicídio entre a população negra, utilizando dados do Segundo o Boletim Epidemiológico das Lesões Autoprovocadas e do Suicídio no Estado do Rio Grande do Sul, o portal SES demonstra que em 2023 foram registrados 145 suicídios entre pessoas negras. Fatores como ausência de sentimento de pertencimento, sensação de inferioridade, rejeição, negligência, maus-tratos e abusos contribuem para o desenvolvimento de transtornos mentais, aumentando a vulnerabilidade ao suicídio.

O enorme desafio de enfrentar essa situação ao longo de toda a vida, como aponta Luiza, levanta a questão sobre a possibilidade de se imaginar uma velhice com qualidade de vida após sobreviver a tantas condições adversas. Esse desafio torna-se ainda mais complexo diante das falhas persistentes no sistema de saúde. Como destaca Oliveira (2021), o racismo estrutural está presente nos sistemas de saúde pública, criando barreiras no acesso a serviços médicos de qualidade para a população negra. O autor exemplifica essa realidade ao relatar que, durante a pandemia de COVID-19, a maioria das vítimas fatais eram pessoas negras. Isso ocorreu porque muitas delas viviam em condições socioeconômicas que dificultavam o isolamento social, uma vez que precisavam continuar trabalhando para sobreviver. Além disso, postos de saúde e locais para testagem e atendimento médico frequentemente estavam em áreas de difícil acesso, e poucas ações foram direcionadas às regiões mais vulneráveis. Dessa forma, o sistema de saúde, atravessado pelo racismo estrutural, compromete a equidade no atendimento entre pessoas negras e brancas.

Não era para ser assim. Essas pessoas não deveriam ser apenas estatísticas. É isso que eu digo: por que ainda não temos uma saúde preventiva voltada para a população negra? Por que as pessoas negras não podem envelhecer com respeito, dignidade e qualidade de vida? Por que não há um direcionamento adequado? Por que não há equidade? A saúde pública é lei, e, como tal, deve ser cumprida. Todos deveriam

receber tratamento igual: médicos, medicamentos, atendimento adequado. Mas o que o sistema de saúde não faz e que deveria fazer? O que falta para garantir que as pessoas negras não envelheçam da forma precária como acontece cotidianamente? O sistema não oferece oportunidades. Ele não se disponibiliza para entender as necessidades específicas da população negra, para compreender as peculiaridades que tornam a equidade essencial e, portanto, garantir justiça social. É um monstro. (Luiza, E. S.).

E, nas palavras de Luiza, 'lutar contra o monstro' é uma tarefa árdua, pois, como também destaca Ribeiro (2019), o racismo estrutural se fixa na mente das pessoas por meio de processos históricos, sociais e culturais que naturalizam a ideia de superioridade racial branca e a inferiorização das pessoas negras. Isto ocorre de forma tão profunda que, muitas vezes, torna-se imperceptível. Essa naturalização do racismo contribui e dificulta a conscientização e o enfrentamento desse sistema opressor, como relatado pelo entrevistado Carlos, ao explicar suas discussões sobre o tema. Ele destaca que muitas pessoas justificam seus atos afirmando que não são racistas.

Mas 90% da população é racista, não está escrito na testa das pessoas, e sim na ideologia, que foi impregnada. Que o negro só veio para ser escravo, para ganhar pouco, para trabalhar como empregado. As meninas negras bonitas só para rebolar no carnaval e mostrar o corpo, porque são sensuais, porque são gostosas, porque são quentes. Como se fosse só para isso. Só que não é assim. Ah, a gente está lutando exatamente para que aconteça o que tanto se fala...igualdade social. (Carlos, E. S.).

Ressaltando a fala de Carlos, a percepção de que as pessoas negras são vistas como aquelas destinadas a realizar os trabalhos mais árduos e mal remunerados remonta ao período colonial, onde sociedade brasileira foi configurada com base em uma lógica escravocrata que relegou as pessoas negras a posições de subalternidade. Esse processo consolidou um imaginário coletivo eurocêntrico e branco, que associa os negros a características de inferioridade, despreparo e incapacidade, enquanto exalta os brancos como o padrão de beleza e competência (Bersani, 2018). Em contrapartida, as pessoas negras acabam sendo vistas como o oposto desse padrão idealizado, precisando constantemente se esforçar muito mais para alcançar algum reconhecimento ou valorização. Como expressa Luiza, que atuou por alguns anos na prefeitura municipal e desenvolveu trabalhos com a comunidade negra local, testemunhando de perto essa realidade:

Eu percebo, eu percebo com muita dor, que há uma grande hipocrisia em nossa *high society*, nos espaços de poder... Precisamos ser melhores que o padrão para sermos vistos como capazes. (Luiza, E. S.).

E isso é reafirmado por Maria em uma de suas falas no grupo focal:

Mesmo assim, a gente cresce sabendo que as coisas são difíceis para nós. Então, quando vamos fazer um teste, um processo seletivo, já sabemos que temos que dar o nosso melhor. Mas não deveria ser assim. Não deveríamos ter que provar o tempo

todo que somos melhores. A gente pensa: Será que vai dá certo? Será que vão me escolher? Isso pesa na nossa mente. (Maria, G. F.).

Essa é também a visão de Lino, um dos primeiros negros a ocupar um cargo de gerência na cidade. Apesar de sua qualificação e preparo para a função, ele sempre teve a percepção de que seu desempenho nunca era suficiente.

Como negro, sempre tinha que fazer aquele algo mais dentro das competições, dentro do trabalho, dentro da vida da gente. A gente parece que tinha que sempre fazer um pouquinho mais pra realmente obter aquela confiança. (Lino, E. S.).

Muitos estereótipos foram consolidados ao longo do tempo e associam a população negra a características negativas, como preguiça ou incapacidade, criando barreiras ao seu acesso a posições de destaque. Isso faz com que, quando pessoas negras ocupam cargos de alto escalão, sejam vistas com desconfiança e tenham sua capacidade constantemente questionada (Oliveira, 2021). Essa dinâmica é exemplificada no relato do grupo focal, no qual a discussão levou à experiência compartilhada por Luís. Ele descreve os constantes estranhamentos que enfrentava quando descobriram que ele ocupava um cargo de chefia em uma empresa:

-Eu comandava. Foram vinte e três caminhões. A gente gerenciava toda a frota. Eu era responsável por tudo: pelos embarques, pela logística. Naquele tempo, nem se chamava logística...era esse o tipo de trabalho a gente fazia. Então, o roteiro era feito junto com o pessoal da firma. Eu tinha total controle da situação, eu tinha tanto controle que o pessoal não conseguia jogar pra mim, fazer essa coisa... (Luís, G. F.).

-Racismo né? (Maria, G. F.).

-É, eu tava lá. E quando eu chegava em determinados ambientes, eu percebia que as pessoas se surpreendiam ao ver que tinham que perguntar para mim. Então muito tempo a gente passou por cima, não dando bola né, mas sempre observando. Mas assim, racismo assim, a gente sofreu sim. Sob meu comando, muitas coisas eram feitas. Durante muito tempo, eu mantive a postura, não me importava com certos olhares, sempre seguindo em frente. Mas, ao mesmo tempo, tava atento, observando tudo o que acontecia ao redor. Porque a maioria de nós não consegue alcançar essas posições. 99% dos nossos não conseguem chegar a uma posição de liderança, de gestão. É muito mais difícil. Depois, fui trabalhar no DETRAN, no interior do estado, sofri de outra maneira. Quando chegava no CFC para aplicar as provas, eu sentava lá, chegava lá de manhã cedo...já fazia isso meio de propósito...então ficava lá. Daqui a pouco eu ouvia os comentários: "Bah, o cara não vai vir, né, vamos ver, e tal, né?". Daqui a pouco eu levantava e falava: Pode abrir a porta, vamos entrar todo mundo." E então eles ficavam surpresos, com uma cara... perguntando-se o que eu estava fazendo ali. Quando entrava na sala para aplicar as provas de direção, era complicado. As pessoas ficavam inquietas. No interior do estado, principalmente no norte, é bem diferente...o racismo é... o pessoal lá não se adapta bem mesmo. Quando viam um preto no comando, aplicando a prova de direção: "To ralado", eles pensavam, era um choque. Mas eu seguia firme. E, no fim das contas, a gente supera. (Luís, G. F.).

-Mas conta aquela que tu contou da rodoviária...foi a poucos dias... (Maria, G. F.).

-Ah, da rodoviária. Agora há poucos dias, na rodoviária. Eu cheguei lá, né Peguei um ônibus e cheguei. Lá dentro da rodoviária, não sei se vocês sabem, tem um espaço reservado para a fiscalização, um intervalo. E tem uns bancos que só os fiscais podem sentar. Aí eu cheguei lá e sentei em um desses bancos. Um pessoal ia me buscar lá, aí...chegou uma fiscal da empresa... Ela se aproximou e perguntou:

- Ô, o senhor está aí? E eu respondi: Tô, tô esperando meu colega pra gente buscar.

- Ela então disse: É, mas o senhor não pode ficar aqui. Aonde? — perguntei.

- Ah, moço, aqui é só para a fiscalização. O guarda já passou aqui.

-O que eu fiz? Me levantei...peguei minha mochila, botei meu jaleco, botei meu crachá e perguntei: Posso ficar aqui agora? Ela ficou sem saber o que dizer. Não sabia que eu era fiscal. (Luís, G. F.).

-Pra ti ver a maldade né. (Maria, G. F.).

-É, falei pra ela da próxima vez, procura saber quem tá aqui primeiro, antes sair falando. (Luís, G. F.).

-São coisas que não tem né logica né. (Carolina, G. F.).

As situações vivenciadas por Luís são mais comuns do que aparentam. Esse preconceito é reforçado por instituições e pela mídia, que raramente representam pessoas negras em posições de liderança ou sucesso, contribuindo para a naturalização de sua presença em trabalhos manuais ou subalternos (Oliveira, 2021). Como aponta Dalva em seu relato:

Tem uma farmácia na esquina da minha casa. Com muitos funcionários. Olha aí até que tem funcionário negro, sabe? Até que tem. Do balcão. E também na faxina. Mas a gente vê, em geral, o negro, a negra, servindo de cafezinho, sendo faxineira, faxineiro, sabe? E isso parece que é... que tá tudo tão natural assim. (Dalva, H.V.).

Durante mais de três séculos, o sistema escravocrata brasileiro estruturou o trabalho das pessoas negras como uma força exclusivamente voltada para atividades manuais, exaustivas e desvalorizadas. Mesmo após a abolição da escravidão, em 1888, não houve políticas de inclusão para os ex-escravizados, que foram marginalizados econômica e socialmente. Essa exclusão forçou as pessoas negras a se submeterem aos trabalhos mais precarizados e mal remunerados, como forma de sobrevivência (Bersani, 2018).

Mesmo quando possuem qualificação igual ou superior, pessoas negras enfrentam discriminação no momento da contratação, sendo preteridas em favor de pessoas brancas. No ambiente de trabalho, enfrentam ainda barreiras à promoção e à ascensão profissional, como o chamado "teto de vidro" racial, uma metáfora que, segundo Oliveira (2021) descreve as limitações ocultas, mas extremamente reais, que impedem pessoas negras de alcançarem posições de liderança ou destaque em organizações e na sociedade.

A frustração enfrentada durante a inserção no mercado de trabalho está presente na história de vida de João. Filho de um pedreiro, cujo pai desejava que ele seguisse sua carreira e o ajudasse no ofício, entretanto, João conseguiu uma bolsa de estudos em uma renomada escola

particular do município. Diante dessa oportunidade, sempre se esforçou muito, manteve boas notas e concluiu todo o ensino básico na instituição. No entanto, no momento de buscar um emprego, percebeu que, mesmo com um bom histórico escolar, a inserção no mercado de trabalho não seria tão simples quanto imaginava. Ele relata que sempre era preterido nas entrevistas, até que um amigo o indicou para um concurso na área de contabilidade:

Para a nossa cor, para o negro, era difícil conseguir um emprego, né? Eu decidi fazer esse concurso. Aí eu fiz. Caramba, estava em casa, tranquilo, quando de repente apareceu um rapaz me procurando. Eu tinha passado no concurso. Tinha uma parte da fiscalização da empresa e tal, e também uma prova oral. A prova escrita eu passei. Depois veio a prova oral, que era na empresa, com o contador e o diretor. Cheguei lá e começaram a fazer as perguntas. Eu respondia. Sabia mais ou menos tudo, né? Daí os caras se admiravam:

- Mas o senhor nunca trabalhou? Você nunca trabalhou? Eu respondi:

- Não, nunca trabalhei. Nunca tive oportunidade de emprego em Santa Cruz.

Mesmo assim, gostaram de mim. Estava ali, e eu estava praticamente aprovado. Mas... sempre tinha alguma coisa para eliminar a gente do emprego. Naquele tempo, sempre inventavam alguma desculpa para nos eliminar. Aí vieram com o psicotécnico. O responsável era um capitão do Exército... Fiz o teste psicotécnico, e foi ali que me eliminaram. Mas eu já sabia que eles queriam me eliminar. O psicotécnico foi só uma desculpa. Eu sabia que ia bem, mas a justificativa deles foi que eu tinha ido mal. Tá tudo bem. (João, H.V.).

Assim como no relato a seguir de Antonieta, que, mesmo sendo uma das poucas mulheres negras com ensino superior, enfrentava barreiras para conseguir um emprego:

Eu tenho isso comigo até hoje. Quando eu tinha 18 anos, fui procurar trabalho, na época, a Galeria Farah havia sido recentemente inaugurada e estavam precisando de uma secretária para um consultório. Me inscrevi e fui para a entrevista. Chegando lá, havia mais de 100 pessoas na fila, guardando. A única pessoa que tinha curso superior era eu. Fui chamada para a entrevista, fiz tudo direitinho. Naquela época, diferente de hoje, em que tudo é pelo celular, a gente recebia a resposta por telefone. Recebi a ligação me notificando que eu tinha passado na entrevista e que deveria comparecer ao escritório às 13h30. Fui selecionada. No dia seguinte, cheguei ao escritório. A recepcionista me atendeu e perguntou:

- Pois não, senhora?. Respondi:

- Vim em relação à vaga de emprego. Ela disse:

- Só um momento, vou chamar o gerente. Pouco depois, o gerente apareceu e perguntou:

- A senhora?. Eu confirmei:

- Sim, fui classificada para a vaga de atendente. Ele me olhou e disse:

- Acho que houve algum equívoco. Respondi:

- Não, está tudo certo. Está aqui a notificação que recebi. Ele pegou meu currículo no meio da pilha de papéis, leu e disse:

- Ah, dona... Nossa... Sim, mas preciso lhe dizer uma coisa. Fiquei esperando. E então ele soltou:

- A gente não aceita mulheres casadas na empresa. Fiquei surpresa:
- Como assim?. Ele repetiu:
- Não aceitamos mulheres casadas. Respondi:
- Mas em nenhum momento, na entrevista, eu escondi que era casada. Inclusive, mencionei que tinha dois filhos.
- Sim, mas a empresa tem essa política - ele insistiu. Questionei:
- Qual é a diferença entre uma mulher casada e uma mulher solteira? Ele justificou:
- Quando uma mulher tem filhos, a criança pode ficar doente, e a mãe acaba faltando ao trabalho. Argumentei:
- Mas existem mulheres solteiras que também têm filhos.
- Sim, mas são normas da empresa - ele encerrou. Respirei fundo e perguntei:
- Era só isso que o senhor tinha para me dizer?
- Sim.

Então, saí e fui embora. Mas voltei no dia seguinte ao mesmo estabelecimento. E lá estava a pessoa que contrataram para a vaga. Era uma menina jovem, devia ter uns 17 anos. Uma loira. Estava assumindo a vaga para a qual eu tinha sido aprovada na entrevista. Naquele momento, percebi: estava declarado o racismo. Alguém pode perguntar: Mas por que você não denunciou na época? Quando cheguei em casa e contei o que aconteceu, ouvi:

- Melhor não denunciar. Estamos começando no mercado de trabalho. Se fizer isso, depois ninguém vai te contratar. Acabei ficando quieta. Se fosse hoje, eu não pensaria duas vezes. Com a experiência que tenho agora, teria denunciado na hora. (Antonieta. E. S.).

A dificuldade de inserção de pessoas negras no mercado de trabalho deve-se, na maioria, aos estigmas mencionados anteriormente. No entanto, além dessas barreiras, há outro estigma: no Brasil, pessoas negras são desproporcionalmente alvo de abordagens policiais, prisões e execuções. Isso ocorre devido à associação racista que as enquadra como “naturalmente” perigosas ou criminosas. Como resultado, são os principais alvos da violência policial e do encarceramento em massa (Lucena, 2022). Esse cenário faz com que estejam em constante estado de alerta, desconfiadas ou tomando precauções excessivas, independentemente de onde estejam, como forma de lidar com as ameaças implícitas à sua segurança e dignidade. Como relatam Antonieta e Luiza:

As pessoas olham desconfiadas no comércio, como se eu fosse roubar algo, é muito horrível a gente ter essa sensação de estar sendo vigiado. (Antonieta. E. S.).

Uma pessoa branca, um homem, especialmente um homem, no caso masculino, numa esquina, à uma e meia da madrugada, fumando um cigarro, ele é um homem branco numa esquina fumando um cigarrinho. Um preto, numa esquina, de madrugada, ele é um suspeito. (Luiza, E. S.).

Os meios de comunicação têm um papel poderoso na formação deste imaginário coletivo. No Brasil, é comum que notícias e programas retratem pessoas negras como criminosos, enquanto pessoas brancas recebem tratamento mais humanizado, mesmo quando cometem crimes. Essa repetição reforça estereótipos que associam cor da pele à criminalidade (Ribeiro, 2021). Na fala a seguir, Carlos relata uma situação vivida durante o período em que servia como militar no Exército:

Dentro da escola de formação de soldados, estava grifado na parede: “Negro parado é suspeito, negro correndo é culpado.” Quando vi aquilo, enlouqueci. Fiquei fora de mim. Queria saber quem era o comandante. Ah, não vou repetir o palavrão que disse na hora, mas exigi saber quem era o responsável por aquilo. Então, veio o coronel, tentando amenizar a situação:

- Prazer em te conhecer, cara. E eu respondi:
- Você tem 24 horas para apagar essa porcaria, essa merda que está escrita lá. Desculpa a palavra. Deixei claro:
- Nós vamos pernoitar aqui hoje, o congresso vai até domingo. E amanhã cedo eu volto. Quero ver se aquilo ainda vai estar lá. O aspirante ficou espantado e disse:
- Sargento, o senhor é louco! Respondi na hora:
- Não, eu sou um membro da coordenação de um movimento que luta pelos nossos direitos e pela nossa sociedade. Não por uma instituição que se diz defensora, mas que, na verdade, abriga grupos de extermínio contra a comunidade negra. E enquanto eu for vivo, não vou permitir que isso continue no nosso sistema. (Carlos, E. S.).

A fala de Carlos também evidencia como as forças policiais tratam a população negra no Brasil. Ao mencionar grupos de extermínio, ele retoma as discussões dos capítulos anteriores sobre as abordagens policiais, violência e encarceramento. A prática do perfilamento racial faz com que pessoas negras sejam consideradas mais suspeitas pelas forças de segurança, mesmo na ausência de indícios concretos de crime. Essa realidade se traduz em revistas constantes, violência verbal e agressões físicas. Como no relato de Luiza, que sublinha essa realidade:

Todas essas histórias me marcaram, mas essa, em especial, pela sua peculiaridade. Era um funcionário público negro, morador do bairro Higienópolis. Como ele era bem-sucedido, conseguiu morar nesse bairro, que sempre foi estereotipado como um bairro nobre. Hoje, claro, existem outros bairros ainda mais nobres, projetados para serem super, hiper, mega exclusivos. Mas esse rapaz, com seu bom carro, era um morador dali. Ele estava saindo de casa, dirigindo seu carro, e recebeu uma ligação. Obviamente, fez o certo: estacionou em uma das ruas do bairro para atender o telefone. Ele fez tudo corretamente. Mas, por ser preto, alguém, talvez, tenha desconfiado de que ele era um criminoso. E o que a Brigada fez? A abordagem não foi com um pedido educado para que ele saísse do carro, largasse o celular e prestasse esclarecimentos. Nada disso. Eles já chegaram metendo o coturno nele. Só depois vieram as perguntas. E essa história me marcou demais. Porque eu sou visceral quando se trata de agressão física somada à agressão emocional. A agressão emocional, por si só, já é nefasta e perversa. Mas quando se junta à agressão física, o impacto se potencializa de forma brutal. Nessas horas, a gente tem que ter muito equilíbrio. E esse rapaz...Ele foi humilhado. Ele apanhou até conseguir provar que não era um criminoso, que morava

ali, que era funcionário público, que tinha curso superior, que o carro era dele porque ele ganhava bem. Isso é uma dor imensa. dói na gente...a impotência. (Luiza, E. S.).

Esse sentimento de impotência, relatado por Luiza, é abordado por Ribeiro (2021), que destaca como a sociedade trata frequentemente o racismo como um problema de “comportamento inadequado”, em vez de reconhecê-lo como uma questão estrutural. Essa visão ignora seu papel nas configurações econômicas e sociais, o que gera a sensação de que não há para onde correr nem como encontrar soluções efetivas. Além disso, embora muitos entrevistados demonstrem uma postura de resignação ou afirmem seguir em frente apesar das adversidades, suas falas revelam mágoas e tristezas profundas em relação às experiências vividas e ao racismo no país. Essa aparente resiliência, portanto, não deve ser interpretada de forma simplista. Como apontado no início desta discussão, o dano emocional causado por essas vivências é significativo, aspecto que se tornará ainda mais evidente nos trechos das entrevistas apresentados nas seções seguintes.

O sofrimento com a violência constante faz com que as pessoas negras vivam sob uma constante vigilância, tanto externa (pela sociedade) quanto interna (de si mesmas). Elas sentem a necessidade de monitorar suas ações, fala e aparência para evitar situações de discriminação ou interpretações negativas (Lucena, 2022). Esse “manual de conduta” inclui falar de forma educada, evitar confrontos e, muitas vezes, tentar parecer mais “aceitável”, o que pode envolver mudanças no modo de se vestir, falar ou até no estilo de cabelo. Essa pressão reforça a ideia de que a identidade negra, em sua expressão mais natural, é vista como inadequada ou indesejada (Bersani, 2018). Esse tema será discutido de forma mais aprofundada na subcategoria seguinte.

4.1.2 Impactos da Branquitude

A branquitude é responsável por reforçar estereótipos que associam pessoas negras a características negativas, submetendo-as a uma constante necessidade de provar seu valor para não serem questionadas. Ao mesmo tempo, essa estrutura também estabelece divisões dentro da própria população negra (Ribeiro, 2021).

Cida Bento (2022) explicita que a branquitude cria mecanismos para fragmentar a identidade dos negros, introduzindo categorias intermediárias, como a de 'pardo', já abordada no Capítulo 3, para afastar certos grupos do movimento negro e enfraquecer a luta coletiva contra o racismo. Dessa forma, pessoas pardas podem ser incentivadas a se distanciar da negritude para acessar determinadas vantagens, embora continuem sendo sujeitas ao

racismo. Essa divisão contribui para que muitas pessoas pardas não se reconheçam como negras. Pessoas de pele mais clara encontram maior facilidade para transitar em espaços predominantemente brancos, o que pode reforçar o desejo de se distanciar da identidade negra. Além disso, essas pessoas, por vezes, enfrentam rejeição dentro da própria comunidade negra, o que dificulta a construção de uma identidade. Esse tema é brevemente debatido no grupo focal, a partir do incômodo de Maria ao relatar que pessoas próximas a ela não a consideram negra:

-E tem outra coisa também, algo que eu não consigo explicar... Eu sou negra, mas tem gente que diz: Tu não é negra. E eu respondo: Sou, sim! Aí vem outra justificativa: Ah, mas tua pele é mais clara...E então, onde fico? Não sou vista como branca, mas também não sou completamente reconhecida como negra. Aí dizem: Ah, então tu é parda. (Maria, G.F.).

-E isso, às vezes, dificulta até a construção da identidade. (Luís, G. F.).

-Se a gente não estuda um pouco sobre isso, se não se aprofunda, fica perdido. (Maria, G.F.).

-Se não tá ligado, acaba indo na onda dos outros. (Luís, G. F.).

Apesar da consciência e do estudo de Maria sobre essa questão, muitas pessoas são influenciadas sem sequer perceberem. Ao se identificarem como pardas, podem entender que ocupam um lugar distinto das pessoas negras, utilizando essa identificação até mesmo como uma estratégia defensiva contra discriminações. Como aponta Conceição (2020), essa estrutura faz com que pessoas negras, para serem aceitas ou evitarem a discriminação, muitas vezes sintam-se pressionadas a adotar comportamentos, formas de vestir ou modos de falar que se aproximem do padrão branco. Essa necessidade de adaptação é vista por Carlos:

Muitas vezes o próprio negro age com a ideologia do branqueamento. Pensando como branco, eu me sinto melhor. E aí eu deixo de ser eu, negro. (Carlos, E. S.).

Como exposto por Bento (2022), essa dinâmica de adaptação pode ser compreendida como uma estratégia de sobrevivência numa sociedade racista. Contudo, ela traz profundas consequências psicológicas e culturais, como a perda de autoestima e o enfraquecimento da identidade. Nesse contexto, consolida-se a ideia de que pessoas negras "devem andar na linha", uma exigência diretamente vinculada à manutenção de um sistema de privilégios. Esse sistema utiliza mecanismos explícitos e implícitos para moldar comportamentos, restringir oportunidades e reforçar a subordinação racial. Um exemplo disso é o relato de Raimundo, que, ao longo de sua vida, sempre se preocupou em manter uma "postura correta", acreditando que isso foi essencial para alcançar a ascensão social. Raimundo teve muitos trabalhos na juventude, mas sempre buscou uma carreira que lhe proporcionasse boas condições de vida. Em um período em que era ainda mais raro ver pessoas negras em cargos de destaque, ele conseguiu

trilhar esse caminho. Hoje, aposentado, sente orgulho de sua trajetória e compartilha como a construiu. Seu relato ilustra como as dinâmicas de adaptação muitas vezes se tornam uma exigência para evitar discriminações e alcançar reconhecimento:

Eu procurei andar na linha. As pessoas diziam, esse é honesto, esse pode ensinar aos outros. Isso foi muito bom para a classe negra. Quer dizer, um homem negro, bem vestido, estava sendo reconhecido. E por quê? Porque não pode se desvalorizar, não pode se jogar para baixo. Então, eu entrei nessa linha, né? (Raimundo, E. S.).

Eu fui homenageado, fui patrono, amigo da turma, mais de cinquenta vezes. Alguma coisa boa eu fiz, né? Mas dentro da minha linha, né? Me vestia bem, trajava bem. (Raimundo, E. S.).

Eu estava numa festa...Os caras daqui não sabem beber. Bebem demais. Fui ao banheiro e, quando saí, já tinha um tentando me encarar. Eu ficava com a minha arma, e eles aproveitam. Quando o cara está bêbado, a língua solta, né? Mas tudo bem, eu mantive a calma, fiquei na minha. Me mantive na miúda né. Mas eu sempre olhava minha conduta, onde eu estava, tudo o que eu fazia, olhava todas essas coisas. Até na hora de pegar um lanche, eu ficava ali, esperando, e sentia os olhares sobre mim. (Raimundo, E. S.).

Ele também menciona a demissão do ex-ministro dos Direitos Humanos e da Cidadania, Silvio Luiz de Almeida, devido às denúncias de assédio sexual, em 2024. Lamenta, ainda, que sua postura, enquanto homem negro em uma posição de destaque, tenha comprometido sua imagem negativamente:

É aquela piada, até evito falar, mas ouvi muito, ainda agora, que preto, quando não caga na entrada, caga na saída. E tu vê o caso do ministro agora... se envolver com a menina lá... o que os brancos vão pensar disso? (Raimundo, E. S.).

A frase reproduzida por Raimundo remete a uma lógica violenta de culpabilização coletiva, na qual a falha de um indivíduo negro é utilizada como justificativa para deslegitimar a competência de toda a população negra. Como discutido ao longo desta pesquisa, o racismo estrutural opera por meio de mecanismos que fazem com que os erros de pessoas negras sejam percebidos como representativos de todo o grupo, enquanto falhas cometidas por pessoas brancas são tratadas como exceções individuais. Essa dinâmica é ilustrada na reflexão de Frantz Fanon (2008) sobre “o olhar do outro branco que determina quem o negro é”, aplicando-se diretamente ao caso em questão. Raimundo, ao expressar sua opinião, revela não apenas um julgamento moral, mas também medo e vergonha racial. Sua fala não se refere unicamente à conduta de um ex-ministro, mas ao temor de que tal comportamento seja usado como argumento para justificar o racismo e reforçar barreiras à ascensão de outras pessoas negras.

O entrevistado Raimundo possui uma trajetória notável, tendo contribuído significativamente para a comunidade negra do município. No entanto, suas falas refletem uma postura defensiva, demonstrando a necessidade de manter uma conduta irrepreensível para não

ser visto como o 'negro problema'. Dessa forma, ele buscava ser reconhecido como um trabalhador digno e competente, assim como eram tratadas as pessoas brancas.

A autora Cida Bento (2022), discute o pacto narcísico da branquitude, que consiste em um acordo tácito entre pessoas brancas para preservar privilégios e excluir pessoas negras de espaços de poder e destaque. Esse pacto opera por meio de barreiras eficazes, que forçam pessoas negras a se ajustarem aos padrões brancos como condição para sobreviverem ou progredirem socialmente. Nesse contexto, para "provar" sua competência, pessoas negras precisam constantemente se adequar, evitando qualquer comportamento ou expressão que possa reforçar os estereótipos negativos disseminados pela branquitude. Essa exigência de adequação perpetua a ideia de que pessoas negras só podem ser aceitas se não transparecem ser "problemáticas", frequentemente retratadas nas narrativas que sustentam o pacto da branquitude.

Em consonância com a fala de Raimundo, destaca-se o relato de Lino, que chegou, inclusive, a ser convidado para o cargo de secretário da Fazenda de Santa Cruz do Sul. Compartilhando sua trajetória, ele compartilha desse mesmo pensamento e afirma que busca instruir os mais jovens dentro dessa perspectiva de "seguir uma linha correta" e um comportamento exemplar, para conquistar respeito social:

Nós precisamos de negros de linhas corretas que apareçam e ocupem esse espaço e vá buscar esse espaço que realmente nós temos que ocupar. (Lino, E. S.).

E mesmo quando pessoas negras conseguem alcançar cargos ou posições de destaque, a dinâmica da branquitude está presente. Segundo Souza (1983), muitos acabam internalizando valores e comportamentos associados à branquitude como uma estratégia de sobrevivência, e essa "mimetização" frequentemente se manifesta em mudanças na forma de falar, vestir-se e até mesmo no distanciamento de elementos culturais da negritude, na busca por aceitação e respeito.

João, cuja trajetória está profundamente ligada à sua história com o S.C.B. União, percebeu, ao longo dos anos, que algumas pessoas negras começaram a conquistar melhores condições de vida, com mais oportunidades de emprego, entre outros avanços. Ele também relata uma mudança de comportamento entre alguns frequentadores do clube:

Porque o racismo, às vezes vem do próprio negro. Tem negro que tem poder, é mais racista com os seus do que o próprio branco, eu acho, viu? Tem muito negro que, quando está por cima, não quer mais se misturar. No meu tempo, lá nas tardes da União, os negros que tinham um carrinho ou alguma coisa a mais não participavam com a gente. (João, H. V.).

A fala de João é problemática por diversas razões, pois revela uma compreensão equivocada do conceito de racismo e reproduz ideias que acabam por reforçar o discurso da branquitude hegemônica. Essa lógica está relacionada ao que Frantz Fanon (2008) denomina "epidermização da inferioridade", processo pelo qual pessoas negras introjetam valores racistas, adotando comportamentos de rejeição à própria identidade e aos seus pares como estratégia de sobrevivência ou de mobilidade social. Trata-se, portanto, não de racismo, mas de alienação racial, fruto da violência exercida cotidianamente por uma sociedade racista.

Assim, ao afirmar que “o racismo às vezes vem do próprio negro”, João contribui para invisibilizar o caráter estrutural do racismo e transfere às próprias vítimas o peso da opressão que sofrem. Essa lógica aproxima-se da análise de Oliveira (2021), que discute como o racismo estrutural atua de forma despolitizadora, ao personalizar um problema sistêmico e, desse modo, enfraquecer a luta coletiva contra a opressão racial.

Esse processo tem consequências significativas. Por um lado, pode oferecer vantagens momentâneas ao reduzir o impacto direto do racismo; por outro, tende a causar conflitos internos, perda de identidade e até sensação de alienação, pois essas pessoas muitas vezes se encontram em um limbo social: não são completamente aceitas pelos brancos e, ao mesmo tempo, podem ser vistas como distantes ou desconectadas da comunidade negra (Bento, 2022).

Theodosina, que recentemente ingressou na política partidária, e afirma ter uma visão positiva da negritude, evitando focar nos aspectos negativos. Ela pretende levar essa perspectiva para sua atuação no campo político. Apesar de relatar ter sofrido racismo na infância, prefere não dar voz ao discurso da discriminação contra pessoas negras.

Olha, para te ver... Eu nunca entrei na política, né? E também nunca levantei bandeira dizendo: Ah, o negro é discriminado. Prefiro ver o lado bom. (Theodosina, E. S.).

Apesar da entrevistada valorizar a negritude, como aponta Bento (2022), é fundamental que as pessoas negras reconheçam e apoiem as lutas antirracistas. Isso porque a branquitude frequentemente se apropria desses discursos, esvaziando seu conteúdo radical. Esse fenômeno ocorre, por exemplo, quando empresas e instituições adotam políticas superficiais de “diversidade e inclusão” que não enfrentam, de fato, as desigualdades estruturais. Esse movimento serve para manter o *status quo*, criando a ilusão de mudança sem promover transformações reais.

É interessante notar que tanto homens quanto mulheres negras enfrentam pressões específicas impostas pela branquitude, mas, neste recorte da pesquisa, destaca-se como essas pressões afetam mais intensamente os homens. Como expõe Conceição (2020), homens negros

lidam frequentemente com uma hipercriminalização em sociedades racistas. Eles são vistos como ameaças potenciais, o que torna a pressão para "andar na linha" extremamente forte, já que qualquer comportamento que se desvie dos padrões impostos pela branquitude pode resultar em consequências severas, como violência policial, encarceramento ou exclusão social.

Essa vigilância constante reforça a necessidade de estarem sempre controlados, evitando ações que possam ser mal interpretadas ou que legitimem os estereótipos atribuídos a eles. A masculinidade negra é frequentemente estigmatizada como agressiva, perigosa ou sexualmente ameaçadora. Para neutralizar esses estereótipos, muitos homens negros sentem-se compelidos a adotar comportamentos considerados mais "aceitáveis". Isso pode incluir vestir-se de forma formal, adotar tons de fala suaves e até mesmo demonstrar submissão em ambientes majoritariamente brancos (Bento, 2022).

Esse esforço para provar que são "inofensivos" ou "competentes" reflete uma adesão forçada a padrões eurocêntricos de comportamento, uma tentativa de reduzir os riscos associados ao racismo estrutural e estereótipos. Contudo, essa conformidade imposta traz impactos emocionais profundos, levando à supressão de sua identidade cultural e à internalização de uma narrativa que associa a própria sobrevivência à negação de quem realmente são (Conceição, 2020).

Assim como Conceição (2020) e Bento (2022), Neusa Santos Souza (1983) já destacava como os aspectos estruturantes nas relações de poder e subjetividades. Sua obra "Tornar-se Negro" é fundamental para compreender a construção da identidade negra. Um ponto central do livro é a ideia de que o processo de se tornar negro não é apenas uma condição dada, mas um movimento ativo de rompimento com as tentativas de assimilação ao padrão branco imposto pela sociedade. Souza (1983) argumenta que esse processo exige a desconstrução das narrativas que inferiorizam a negritude e a reconstrução de uma identidade que reconheça, afirme e valorize a cultura, a história e a estética negras. Esse ato de se reapropriar da própria identidade é, em si, um gesto de resistência contra a branquitude e contra as dinâmicas opressoras que buscam apagar ou diluir a singularidade da experiência negra. Esse tema será debatido mais detalhadamente na próxima categoria de análise.

4.2 Vivências no Território

Esta categoria, dividida em três subcategorias, abordará a presença da cultura alemã como elemento identitário de Santa Cruz do Sul, destacando suas celebrações e o impacto dessa hegemonia na marginalização de outras narrativas, especialmente da população negra. Também

serão discutidos os desafios enfrentados na busca por representatividade política e cultural, além do surgimento de movimentos de enegrecimento, cujo objetivo é resgatar, valorizar e reafirmar a identidade negra em resposta ao apagamento cultural histórico.

4.2.1 A Cultura Alemã

Para Milton Santos (1996), conceituar o território é compreendê-lo como um espaço de disputa cultural, que vai além de um mero suporte físico. É uma construção social, marcada por relações de poder, resistência e apropriação simbólica. Em Santa Cruz do Sul, essa perspectiva se manifesta nas dinâmicas entre os diferentes grupos étnicos e culturais que historicamente ocuparam o município (Vogt, 2001). Essas interações, marcadas por tensões e negociações, moldaram o território não apenas em termos econômicos, mas também como um palco de afirmação identitária, onde culturas coexistem, se enfrentam e se ressignificam, criando um mosaico de disputas e potências culturais.

A cultura alemã é exaltada como um elemento central para reforçar a identidade local e construir uma narrativa histórica que conecta a população ao legado dos imigrantes. Eventos como a *Oktoberfest* e outras celebrações folclóricas são símbolos dessa narrativa, apresentando Santa Cruz do Sul como uma "nova Alemanha", onde valores como trabalho, bravura e espírito associativo são amplamente enaltecidos (Ciecelski, 2021; Skolaude, 2008).

É a *Oktober* que existe em Santa Cruz. O resto não é evento. Então, essa é a minha percepção. (Carlos, E. S.).

No entanto, a exaltação da identidade alemã não é aceita passivamente por todos. Como discutido no encontro do grupo focal, há um sentimento de incômodo em relação à forma como o município se estrutura em torno dessa identidade. Esse desconforto é evidenciado na fala de Maria, ao relatar como se sente envelhecendo em Santa Cruz do Sul e as dificuldades que enfrenta nesse contexto. Da mesma forma, Carolina destaca a necessidade de desenvolver estratégias de adaptação para viver nesta realidade:

- Principalmente com a questão da imigração alemã, né? Tudo é pra exaltar a cultura alemã, né? Enquanto é difícil de crescer, viver e envelhecer nesse ambiente.” (Maria, G. F.).

- Conviver com Fritz, com "alemoada", como eu digo, isso pra mim sempre foi normal. Deus me colocou no mundo assim, e para mim é natural. Se tiver que brigar com eles, eu brigo. Se tiver que ser amigável, sou. Trabalhei a vida inteira no meio dos alemães. Porque, nas fumageiras, sinceramente, eu me destaquei muito. Depois que o fumo entra pela porta de uma fumageira, não tem o que eu não faça. Não tem o que eu não saiba fazer. E, nesse sentido, me sobressaí. Lá dentro, era eu, uma preta, cercada por quatro ou cinco alemães. Sim, a gente nunca foi muito representado. Não dava para se destacar tanto nessas profissões. Mas era o que tínhamos, né? Era a

fumageira. Muita coisa, os alemães ensinaram. A gente não sabia nada de plantação, não entendia nada disso. Tudo aprendemos dentro da fumageira. (Carolina, G. F).

As falas de Maria e Carolina dialogam diretamente com a discussão anterior sobre a branquitude, proposta por Cida Bento (2022), ao denunciarem, de modos distintos, ações racistas que definem quem pertence e quem é excluído. Enquanto Maria expressa o incômodo com a invisibilidade e a sensação de não pertencimento, Carolina revela como enfrentou esse sistema, ainda que reconhecendo os limites impostos pelo racismo estrutural. Ambas evidenciam que, em um espaço social marcado pela centralidade da branquitude, como apontado por Neusa Santos Souza (1983), viver, envelhecer e trabalhar enquanto pessoa negra exige estratégias constantes de enfrentamento, resistência e reinvenção de si. Ao reconhecer o protagonismo dos “alemães” nas relações de trabalho e na cultura local, Carolina não nega o poder da branquitude, mas mostra como construiu caminhos para se destacar em um sistema que não a valorizou. Sua fala revela uma negociação contínua com as estruturas sociais e uma luta interna pela afirmação de sua identidade negra. Apesar de seu tom resiliente, a afirmação de que “a gente nunca foi muito representado” evidencia a carência de espaços de visibilidade e reconhecimento para a população negra no município, tema que será aprofundado na próxima subcategoria.

Retomando a fala de Carolina, a inserção no mercado de trabalho em Santa Cruz do Sul também apresentava particularidades marcadas por dificuldades. Como aponta Skolaude (2008), perpetuou-se, ao longo do tempo, um acesso desigual a recursos econômicos e oportunidades. Durante várias décadas, muitos estabelecimentos comerciais da cidade exigiam o domínio da língua alemã como critério para a contratação de funcionários. Essa realidade é exemplificada na fala de Luiza, que expressa os impactos diretos dessa exigência em sua trajetória profissional:

Já sofri por não saber falar alemão, porque eu não conseguia emprego em Santa Cruz. (Luiza, E. S.).

Mesmo aqueles que conseguiam emprego, como no caso de Antonieta, sentiram-se desrespeitados, pois muitos clientes preferiam ser atendidos por pessoas brancas:

No atendimento, a gente sentia isso o tempo todo. As pessoas chegavam, me olhavam e começavam a falar em alemão. Quando eu dizia que não sabia falar, simplesmente passavam para o colega ao lado, ignorando minha presença. Isso acontecia o tempo todo. Elas chegavam e já falavam em alemão porque, no fundo, pensavam: Claro, como uma negra vai falar alemão? Então, para elas, eu não tinha capacidade. E, automaticamente, me descartavam para serem atendidas por outra pessoa. Foram muitas situações constrangedoras. A gente passa por isso o tempo todo. (Antonieta, E. S.).

O relato de João também é pertinente nesse contexto, ao mencionar a falta de oportunidades motivada unicamente pela cor da pele. Sua fala evidencia o racismo como um fator determinante na dificuldade de acesso ao mercado de trabalho.

Santa Cruz tem racismo, tem racismo. Eu falei, né, e é um racismo mascarado. Na sua frente é uma coisa, na hora de se dar a oportunidade, não tem. (João, H. V.).

Apesar de relatar episódios de preconceito, João também afirma que o racismo está "mascarado", o que pode parecer contraditório à primeira vista. No entanto, sua fala reflete uma percepção comum entre os entrevistados, segundo a qual o racismo em Santa Cruz do Sul não se manifesta de forma explícita, mas sim de maneira sutil e disfarçada. Essa compreensão está alinhada ao discurso recorrente de que o racismo na cidade seria “velado”, termo utilizado, inclusive, por Skolaude (2008) em seu estudo realizado no município. Alguns dos participantes da pesquisa também recorrem a essa expressão, como será possível observar nas falas que seguem:

O racismo aqui é mais velado. Ok, é verdade, ele não é público, né? Mas, às vezes, surgem umas frases esdrúxulas com as quais você simplesmente não concorda, né? (Raimundo, E. S.).

Eles fingem que não tem, e a gente finge que não vê. (Carolina, G. F.).

Ah, uma vez eu ouvi alguém dizer: Não tem racismo em Santa Cruz! Claro que tem! Só que a gente não fica toda hora gritando, falando em alto e bom tom sobre isso. Muitas vezes, acabamos deixando passar. A gente também erra ao fazer isso, mas seguimos em frente. (Antonieta, E. S.).

O que se observa em muitas das falas apresentadas até o momento são relatos de discriminação e de crimes de racismo que acabam sendo naturalizados no cotidiano. Essa normalização contribui para a construção de uma percepção enganosa de que o racismo “não existe exatamente” ou de que não representa um problema real. Como argumenta Antonieta, ao se “deixar passar”, dificulta-se tanto o reconhecimento quanto o enfrentamento do racismo na região. Essa dinâmica é ilustrada na fala de Luiza, que relata uma situação claramente caracterizada como crime de racismo, mas que, segundo sua percepção, foi tratada como algo banal, uma “brincadeira corriqueira”. A ausência de responsabilização gera a sensação de impunidade, reforçando a ideia de que tais casos não terão consequências.

O chefe dele, de origem alemã, quando chegaram novos macacos mecânicos na empresa, chamou ele e disse: Olha aí, Pelé, chegaram teus parentes. (Luiza, E. S.).

O racismo, até aqui descrito como “velado” em Santa Cruz do Sul, opera por meio da naturalização das desigualdades e do silenciamento das questões raciais. Neste momento, é

fundamental que esta dissertação aponte tais práticas como expressões concretas do racismo estrutural, práticas que não estão ocultas, mas sim claramente evidenciadas no cotidiano, como revelam os relatos apresentados ao longo da pesquisa. Se há quem afirme que o racismo não existe, outras pessoas o vivenciaram, e ainda vivenciam.

Como relembra João, ao descrever um episódio de racismo em meados dos anos 70, ocorrido no clube Corinthians, que, na época, era um espaço predominantemente frequentado por pessoas brancas. Durante um evento em que uma escola de samba de Bom Retiro se apresentava, dois homens negros, seus amigos, foram barrados na entrada. Ao perceberem a discriminação, os membros da escola de samba decidiram se retirar em solidariedade aos homens impedidos de entrar. O incidente refletiu um padrão de exclusão presente em espaços sociais da época, incluindo outros clubes, como o próprio Corinthians. João relata:

Ele dizia, pai, pai, aqui eu não mando nada! Não posso ser nada, pai! O cara chorava, pedindo desculpas ao próprio pai, pelo amor de Deus. E o pai só dizia: Meu filho, é assim mesmo. Não adianta, não adianta... É o racismo. O Corinthians anos 70, nem queriam que a gente entrasse lá. Não gostavam nem de nos ver no Corinthians. Foi assim que aconteceu. (João, H. V.).

A falta de tolerância com a diversidade também se evidencia em um relato curioso apresentado por Raimundo, referente a um episódio ocorrido na cidade, que, desta vez, não envolve diretamente pessoas negras, mas se refere a um casamento que, segundo ele, parou a cidade. Todos se reuniram em frente à Catedral São João Batista (Figura 7) para presenciar o evento. Ele conta:

Se um cara branco tivesse cabelo preto, já diziam que ele era negro. Aqui mesmo, teve um casamento que parou a cidade. Foi o casamento do ..., que, era branco. Mas, por ter cabelo preto, diziam que ele tinha algo de negro. E quando ele casou com uma alemã, a cidade inteira ficou em choque. Todo mundo saiu para ver. Em frente ali a Catedral, tava cheio, foi um alvoroço porque o pai da alemã deixou a filha casar com um “negro”. Só que ele nem era negro (risos), era branco. Mas, para eles, ter cabelo preto e bigode já era suficiente para não ser “tão branco assim. Essa mentalidade sempre existiu. (Raimundo, E. S.).

Na sequência desse contexto, o relato de Carlos evidencia que há uma certa desconfiança em relação às pessoas que não se enquadram no modelo de identidade associado, pela população santacruzense, ao perfil tradicional de “alemão”.

Aqui em Santa Cruz, eu observo muito isso... Se você não for loirinho, dos olhos azuis, você é visto como suspeito de qualquer coisa. (Carlos, E. S.).

Além disso, a história contada por Raimundo remete a um episódio ocorrido em 2010, com a escolha de uma rainha morena para a *Oktoberfest* de Santa Cruz do Sul, que gerou intensos debates na cidade. A vencedora não possuía as características tradicionalmente associadas às soberanas do evento, como ascendência alemã, cabelos loiros e olhos claros. Essa

decisão provocou discussões sobre identidade cultural e representatividade na festa, revisitando o debate sobre a necessidade de normalizar escolhas que reflitam a diversidade da população. A polêmica foi amplamente divulgada na mídia local e regional. Como discute Skolaude (2008), a construção da identidade local está fortemente atrelada ao reforço do mito germânico. Assim, qualquer desvio desse padrão tende a gerar desconforto e resistência.

Figura 14- Polêmica na *Oktoberfest*.

Polêmica na Oktoberfest: morena de origem italiana é eleita rainha de festa alemã

Coroação da jovem no domingo se tornou motivo de polêmica no município de colonização germânica

23/07/2010 - 04h45min
Atualizada em 23/07/2010 - 04h45min

 COMPARTILHAR



Fonte: Zero Hora- Portal GZH (2010).

Até este ponto da análise, é evidente o incômodo dos participantes diante da ausência de representatividade na história local e da falta de diversidade em espaços de visibilidade, como exemplificado na situação anteriormente citada. A entrevistada Luiza, inclusive, retoma discussões anteriores ao refletir sobre as diferenças históricas entre a chegada dos imigrantes europeus e das populações negras. Ela destaca como essas distinções permanecem presentes até hoje, refletindo, inclusive, as razões pelas quais há tanta celebração em torno da herança germânica, em contraste com a invisibilidade das contribuições negras:

As pessoas fazem tanta festa comemorando que os migrantes alemães, quando vieram, que construíram Santa Cruz do Sul, eles ganharam terras, ganharam incentivos e usaram força de trabalho escravo. Porque é que esses escravizados não tiveram a mesma oportunidade que os imigrantes? Os imigrantes vieram porque quiseram, porque precisavam sair da condição de risco no seu país. Os pretos, eles não vieram porque quiseram; eles foram arrancados inclusive da sua própria identidade. (Luiza, E. S.).

No relato de história de vida de Dalva, ela compartilha uma reflexão que, possivelmente, sintetiza a discussão desta subcategoria. Em um momento da entrevista em que demonstrou estar à vontade, Dalva oferece um testemunho sincero sobre como enxerga Santa Cruz do Sul. Uma perspectiva marcada por lutas pessoais e pelas dificuldades enfrentadas em sua trajetória de resistência ao racismo. Em sua fala, ela também destaca a necessidade de a comunidade negra santa-cruzensa afirmar-se diante da predominância da cultura alemã:

Ainda não há um confronto. Ainda não há um confronto porque tudo está no seu lugar, estruturado para permanecer assim. Isso começa pelo próprio hino de Santa Cruz. Quando entrei em contato com ele, percebi que foi escrito dentro de um contexto histórico, refletindo uma visão específica. Mas ele não pode permanecer eternamente preso a essa única perspectiva. Então, por que tudo continua tranquilo? Porque a cultura negra ainda não decidiu confrontar a cultura branca nesse preconceito estrutural. A questão do impacto cultural é clara. Por exemplo, as bandinhas podem fazer barulho até quatro da manhã, especialmente em certas épocas do ano. Eu moro em uma área onde isso acontece com frequência. Já o carnaval... O carnaval não podia nem ensaiar. Lembro de uma escola de samba ensaiando em um prédio que já estava em condições precárias. Não era um espaço adequado, mas era onde permitiam que acontecesse. E onde tentaram colocar o carnaval? Lá pra Ernesto Alves, depois lá pra *Oktober*, vão trocando, como se fosse algo à parte, algo a ser afastado. O carnaval, uma das maiores manifestações da cultura negra, ainda não encontrou espaço para se impor e confrontar a hegemonia da cultura germânica. E, Deus me livre, se uma mocinha negra se destacar. Muitas mulheres negras sequer têm filhos porque sabem que eles enfrentarão a mesma discriminação que elas sofreram. Já está tudo assimilado: a *Oktoberfest* é para a cultura germânica, e o Dia da Consciência Negra é tratado como algo secundário, sem a mesma relevância. O que falta é esse confronto. Nossa luta por igualdade racial deveria ser paritária, equilibrada entre os movimentos sociais e o poder público. Mas ainda não se decidiu por um embate real. Talvez, nem possa. A cultura germânica continua predominante, e falta um movimento mais organizado e legitimado. O Conselho da Cultura, por exemplo, está praticamente cancelado. Temos algumas diretrizes, algumas pessoas envolvidas, mas ainda falta esse enfrentamento. Porque, no dia em que houver um verdadeiro confronto, as desigualdades vão aparecer com mais clareza. (Dalva, H. V.).

Na fala de Dalva, emerge a dura constatação de que muitas mulheres negras sequer desejam ter filhos, conscientes de que estes enfrentarão as mesmas discriminações que marcaram suas próprias trajetórias. Ela também reflete sobre o quanto é desafiador para uma pessoa negra se destacar, considerando os inúmeros obstáculos que precisa enfrentar ao longo do caminho. Embora manifeste o desejo de ver pessoas negras ocupando posições de maior visibilidade e poder, Dalva reconhece as limitações impostas por um sistema estruturalmente excludente. A sub-representação em cargos de liderança, já evidenciada em outras falas ao longo da pesquisa, reforça essa realidade. Muitos dos entrevistados apontam a falta de oportunidades como um fator central que dificulta o acesso a esses espaços. Esse tema será aprofundado na subcategoria seguinte.

4.2.2 Representatividade

Essa subcategoria surge a partir das falas que destacam a demanda por representatividade negra no município. Um exemplo é a composição da Câmara de Vereadores de Santa Cruz do Sul, que conta com 17 membros, dos quais apenas um é vereador negro eleito. Este ano, mais um candidato assumiu como suplente, totalizando apenas dois homens negros na Câmara. Retratando uma realidade histórica do país, a baixa representatividade de pessoas negras em geral, e, em especial, a reduzida presença de mulheres negras em cargos de liderança em comparação com homens negros, pode ser compreendida a partir da análise de Lélia Gonzalez (2018) sobre a interseção entre racismo e sexismo na cultura brasileira. Em sua obra, Gonzalez demonstra como as mulheres negras enfrentam uma dupla opressão: além da discriminação, elas também sofrem com a desigualdade de gênero, o que as coloca em uma posição ainda mais marginalizada na sociedade. Enquanto os homens enfrentam barreiras raciais, as mulheres negras lidam simultaneamente com o racismo e o sexismo, o que restringe ainda mais seu acesso a espaços de poder. O machismo presente na cultura brasileira reforça a exclusão feminina dos espaços políticos e de liderança, ao mesmo tempo, em que o racismo desvaloriza a contribuição das mulheres negras na esfera pública.

A entrevistada Dalva é ativista política há muitos anos e entende que a falta de referências é prejudicial para os jovens. Para ela, é fundamental que esses espaços sejam ocupados, garantindo representatividade tanto para homens quanto para mulheres negras. Além disso, essa presença serve como um estímulo para demonstrar que elas têm plena capacidade de atuar e prosperar em diferentes áreas.

A gente precisa provocar essa reflexão, né? Até porque, como nós, negras e negros, ainda não ocupamos os postos de comando, fica muito mais difícil ter ascensão e demonstrar o nosso talento. Muitas vezes, para conseguir mostrar do que somos capazes, precisamos primeiro ocupar esses espaços de liderança. E isso ainda é um grande desafio. (Dalva, H. V.).

Sobre a representatividade na câmara municipal, os entrevistados apontam para a dificuldade de candidatos negros conseguirem votos suficientes para assumir uma cadeira. Antonieta expressa pessimismo quanto à aceitação de negros na política, atribuindo essa exclusão ao racismo e a falta de mudanças estruturais. João, por outro lado, sugere que a baixa representação pode estar ligada também à falta de apoio dentro da própria comunidade negra, já que há um número significativo de eleitores negros na cidade, o que poderia garantir mais cadeiras. Carlos complementa essa visão destacando a dispersão dos candidatos negros em

diferentes partidos, o que fragmenta os votos e dificulta a eleição de representantes da comunidade:

A pessoa não consegue o número de votos necessário para assumir uma cadeira na Câmara de Vereadores. É algo muito complicado. Ontem, comecei a contar quantos candidatos negros temos concorrendo a vereador em Santa Cruz. E o que podemos esperar depois das eleições? Será que algum deles vai entrar? A gente já sabe que não. A gente tenta, mas, como sempre digo, os partidos dizem: "Precisamos de negros, precisamos de mulheres." Aí a gente se candidata. Mas a população... a população ainda é muito racista. A verdade é que nossa sociedade não muda. Eles jamais vão aceitar um negro na Câmara de Vereadores... Não temos esperança de chegar à Câmara de Vereadores, muito menos à prefeitura. É muito constrangedor sentir isso. É triste, mas é a realidade. (Antonieta. E. S.).

A política, como eu tenho comigo, acho que o próprio negro faz racismo. Temos de 13 a 15 mil eleitores negros em Santa Cruz. Tu vê, né. Podia colocar ali no mínimo 3 mil a média, vamos dizer. Daria 5 vereadores, né. (João, H. V.).

Mas a política partidária, o que ela nos mostra? Nós temos que trazer pessoas para dentro do partido. Mas o que acontece? Colocamos cada um em um partido diferente, e isso acaba dividindo, não somando. E, assim, não conseguimos eleger essas pessoas. (Carlos, E. S.).

João, por exemplo, reproduz uma perspectiva já discutida na subcategoria “Impactos da Branquitude”, ao atribuir aos próprios negros a responsabilidade pelo racismo. Sua fala reforça o caráter estrutural de opressão e como o sistema transfere a culpa para as vítimas. As falas dos entrevistados refletem questões pertinentes que dificultam a inclusão de pessoas negras em espaços de poder. Lucena (2021) observa que essa realidade se manifesta de forma intergeracional, configurando uma luta histórica e contínua. Apesar de alguns avanços, estes ainda são tímidos diante da persistência de um ciclo de marginalização que dificulta o acesso da população negra ao ensino superior e a posições de liderança em diversas áreas.

O racismo presente nas instituições reforça as barreiras que dificultam o acesso da população negra a espaços de poder. Como discutido ao longo deste trabalho, a branquitude opera impedindo o reconhecimento de pessoas negras como lideranças legítimas ou especialistas em suas áreas de atuação. Para Carlos, ocupar esses espaços é fundamental não apenas como uma forma de representatividade, mas também como uma estratégia concreta de enfrentamento das desigualdades. No entanto, ele lamenta que, muitas vezes, as pessoas negras sintam-se obrigadas a adaptar suas posturas e discursos para não “incomodar”, como analisa Bento (2022). A esse respeito, ele relata:

Eu acho que ainda é interessante ter alguém lá dentro. Mesmo que essa pessoa não consiga fazer algo diretamente pela comunidade negra. Porque, veja bem, eu vou apresentar um projeto lá, mas, espera aí: qual é o conhecimento que eu tenho da minha realidade, da minha comunidade negra? Qual é o projeto que eu vou fazer? Se eu fizer um projeto diretamente voltado para a minha comunidade negra, que beneficie mais o lado dela, o que vai acontecer? 90% da Câmara vai reprovar esse projeto. Então, muitos preferem amenizar, apresentar um projetinho mais ou menos, algo que seja mais genérico. (Carlos, E. S.).

Outro aspecto fundamental é a falta de incentivos específicos, pois, embora as políticas afirmativas representem um avanço, ainda são insuficientes para promover a presença de pessoas negras em espaços de destaque. Tanto João quanto Carlos questionam a visibilidade de empresários e profissionais negros, por exemplo, destacando a importância de tê-los como referências para aqueles que estão iniciando a vida profissional. Para eles, essa representatividade é fundamental para demonstrar que o sucesso não é exclusivo de pessoas brancas.

Porque não tem? Não tem nenhum grande empresário negro? Existem alguns que trabalham com mão de obra, isso sim. (João, H. V.).

Gente, cadê os empresários negros aqui em Santa Cruz? Onde eles estão? Só vemos microempreendedores. E os grandes empresários? Por que não investem em Santa Cruz? Sabemos que existem negros do dinheiro no Brasil. Mas por que não vencem aqui? Por que as portas continuam fechadas para eles? (Carlos, E. S.).

A difusão de programas voltados à formação de professores universitários negros, ao fortalecimento de candidaturas negras na política e à ampliação de oportunidades de qualificação profissional são exemplos de iniciativas essenciais para superar a sub-representação nesses espaços. No entanto, essas ações ainda são escassas ou implementadas de forma limitada, mantendo as discrepâncias sociais vivenciadas (Oliveira, 2021). O entrevistado Carlos questiona a escassez de educadores negros na educação básica do município:

Então, assim, aqui em Santa Cruz, quanta história linda deve ter dos nossos negros aqui que tá tudo abafado? Cadê o professor negro preparado pra colocar essa história em prática? (Carlos, E. S.).

Já o grupo focal expressou incômodo com a ausência de professores negros na universidade local, refletindo sobre conhecidos e familiares que precisaram buscar oportunidades acadêmicas fora da cidade.

Minha filha conseguiu uma vaga na Unisc. Estava tudo certo. Tinha tudo organizado, mas, na hora... nada. No dia em que ela deveria fazer o exame, disseram: Não vai dar, Fulana. Não dá. Depois, descobrimos o motivo. A vaga foi para o sobrinho de um candidato... Não temos professores negros...eu acho que a gente tem dois professores negros na universidade. Aí tu começa a pensar, não é? Não pode ser só isso, né? Tem que ter outras razões por trás disso. (Maria, G. F.).

Tem muita gente nessa situação, muitos acabam saindo para trabalhar fora. (Carolina, G. F.).

Minha própria filha, poderia estar dando aula ali. Lembro que ela voltou para casa arrasada. Mas se manteve firme, decidida a seguir em frente. (Maria, G. F.).

Essa sub-representação gera um sentimento de pessimismo entre a população negra quanto à possibilidade de ver representantes cargos de liderança, especialmente nas esferas políticas (Dos Santos, 2023). Apesar de o Brasil ser um país de maioria negra, essa realidade

não se reflete nas esferas de poder. Segundo o Portal de Notícias do Senado Federal (2024), nas eleições municipais de 2024, houve um aumento na participação de candidaturas negras, que representam 52,7% do total, superando pela segunda vez consecutiva as candidaturas brancas. No entanto, essa maior presença não se traduziu em uma representatividade proporcional entre os eleitos. Apenas 37% dos cargos eletivos foram ocupados por homens negros, revelando que, para cada quatro candidatos brancos eleitos, apenas um candidato negro alcançou sucesso nas urnas. Além disso, as mulheres negras continuam significativamente sub-representadas, ocupando menos de 18% das vagas disponíveis, mesmo com um aumento de 2,2% em relação às eleições anteriores. Esses dados permitem observar que, embora haja avanços na inclusão de candidaturas negras, os desafios para alcançar uma representatividade equitativa nos cargos políticos ainda são expressivos. A falta de representatividade reforça a percepção de exclusão e o desânimo entre as pessoas negras, que não se veem adequadamente representadas nas decisões políticas que impactam diretamente suas vidas (Dos Santos, 2023).

Para reivindicar direitos e pautas históricas, a união torna-se fundamental. Mais do que assistir passivamente a essa realidade, é necessário reagir de forma coletiva e articulada. É justamente essa mobilização que será abordada na subcategoria a seguir.

4.2.3 Movimento de Enegrecimento

O nome desta categoria faz referência a um termo utilizado pelo Movimento Negro Unificado (MNU) da Bahia, uma iniciativa política, cultural e social que centraliza as experiências, vozes e saberes das pessoas negras na construção de narrativas e práticas transformadoras. Fundado em 1978, o MNU representou uma nova fase na organização do movimento negro no Brasil. O movimento foi decisivo ao denunciar o mito da democracia racial, combater a ideia de mestiçagem como apagamento da identidade negra e exigir a introdução da História da África e da população negra nos currículos escolares, antecipando a Lei nº 10.639/2003 (Moreira, 2024).

Diferentemente de uma abordagem meramente reativa ao racismo estrutural, o enegrecimento representa uma valorização ativa e afirmativa da identidade negra, celebrando a ancestralidade, a cultura e as contribuições históricas da população negra brasileira. Trata-se de um processo que promove não apenas resistência, mas também afirmação, transformando a maneira como pessoas negras se percebem e são percebidas na sociedade.

O enegrecimento, tal como compreendido nesta pesquisa, não se limita à resistência: constitui uma reivindicação por um futuro mais equitativo e plural, no qual as narrativas negras

sejam reconhecidas como centrais para a transformação social e para a construção de uma sociedade verdadeiramente inclusiva.

Entre os diversos exemplos está o Ilê Aiyê, fundado em 1974, em Salvador na Bahia, considerado o primeiro bloco afro do Brasil. O Ilê transcende o espaço do carnaval ao consolidar-se como um projeto político-cultural voltado à valorização da estética negra, à difusão de saberes afro-brasileiros e ao enfrentamento do racismo estrutural (Moreira, 2024). Outro exemplo emblemático é o Grupo Nzinga – Coletivo de Mulheres Negras, criado em 1985, em Belo Horizonte, Minas Gerais. Com atuação centrada na articulação entre raça e gênero, o coletivo se destaca na defesa dos direitos das mulheres negras, enfrentando as intersecções do racismo e do sexismo que marcam suas trajetórias (Gonçalves, 2016). Também merece destaque a UNEGRO – União de Negros pela Igualdade, fundada em 1988. Trata-se de um movimento de abrangência nacional, que atua em diversas frentes, como educação, cultura, juventude e combate à violência policial. A UNEGRO tem sido protagonista na luta pela implementação de ações afirmativas e por políticas de reparação histórica, buscando transformar as estruturas sociais que perpetuam a desigualdade racial no país (Geledés, 2018).

No município, um exemplo significativo desse movimento é o já amplamente citado S.C.B. União, que desempenha um papel crucial na valorização da história e da cultura negra, tanto em nível local quanto regional. Sendo um dos clubes negros mais antigos do estado, o S.C.B. União, ao longo dos anos, tornou-se um espaço de acolhimento, reunindo não apenas pessoas negras da cidade, mas também de localidades vizinhas. Sua trajetória reflete a importância de iniciativas que promovem o fortalecimento da identidade negra e a preservação de memórias e tradições (Silveira, 2021).

Figura 15- S.C.B. União.



Fonte: Resgatado dos arquivos do S.C.B. União e publicado no Portal Gaz (2021).

É importante destacar, ainda, que o clube não está situado no centro da cidade. Embora localizado no Bairro Goiás, uma região próxima à área central e a pontos turísticos como o Parque da *Oktoberfest*, sua posição geográfica não o torna visível para quem circula pelas principais vias de Santa Cruz do Sul. Essa localização contribui para uma menor visibilidade no contexto urbano do município. Além disso, o clube encontra-se próximo ao Bairro Bom Jesus, historicamente habitado por populações em situação de vulnerabilidade social, conforme apontado pelo Portal Gaz (2022). Foi nesse bairro que viveu, por muitos anos, Tia Inácia (Figura 1), figura de referência na memória da comunidade negra local. Diversos moradores do Bom Jesus mantêm vínculos com o clube, o que reforça sua relevância como espaço de pertencimento e resistência cultural.

Figura 16- Localização do S.C.B. União.



Fonte: Elaborado pelo autor a partir do aplicativo *Google Maps* (2025).

O clube faz parte da história de vida de João, que nasceu e cresceu próximo de sua sede. Seus pais já eram membros ativos da instituição, o que lhe proporcionou um contato contínuo desde a infância. João relembra com carinho os momentos em que o clube o acolheu em períodos marcantes de sua trajetória, especialmente durante as perdas de sua esposa e filha. Ao longo dos anos, construiu uma forte ligação com a Escola de Samba do Clube União e, até hoje, permanece engajado nas atividades promovidas pela entidade. Ele também recorda o período em que o clube realizou ações sociais financiadas por meio de projetos viabilizados com recursos externos, uma prática recorrente na busca por sustentabilidade de suas atividades. Em

2008, João destaca sua atuação como responsável por um desses projetos, conforme será apresentado no relato a seguir:

Nosso foco era a periferia, porque, independentemente de a pessoa ser branca ou negra, a questão era social. Quando iniciamos o projeto, a prefeitura cedia um ônibus para buscarmos as crianças nos bairros Faxinal, Bom Jesus e Arroio Grande. Levávamos as crianças menores para participar das atividades... Foi um trabalho muito bom e até hoje vemos os resultados. Os guris que participaram já estão trabalhando, crescendo na vida. E sempre agradecem a nós pelo projeto social da União, que ajudou na inclusão social de muitas crianças. (João, H. V.).

A importância do Clube União reside justamente nos laços sociais que estabelece e no acolhimento oferecido à população negra local. A participação de pessoas negras em grupos que promovem e discutem eventos culturais é essencial para o fortalecimento da identidade coletiva e para o resgate da ancestralidade, contribuindo para a valorização da cultura afro-brasileira no contexto local. Esses espaços vão além da celebração de manifestações culturais, como a música, a dança, a culinária e a literatura, eles também se tornam importantes plataformas para debates sobre questões raciais, inclusão social e a formulação de políticas públicas. Por meio dessas iniciativas, é possível promover a conscientização, a valorização da história negra e a luta por uma sociedade mais equitativa e plural.

O Clube União é mencionado com carinho por alguns entrevistados, mesmo aqueles que não fazem parte do quadro atual de sócios, mas que o reconhecem como um espaço significativo:

Nesse sentido, dentro da União também, que é a nossa Sociedade Cultural Beneficente União dos Negros aqui em Santa Cruz, a gente sempre teve um vínculo muito forte com a escola de samba do União. Até hoje, ela representa a nossa Sociedade, sendo o clube representativo da comunidade negra em Santa Cruz. (Lino, E. S.).

Por alguns anos frequentei o União, ele sempre esteve lá para os negros da cidade. (Raimundo, E. S.).

Como expressado por João e Lino, o carnaval sempre foi e continua sendo um evento importante ligado à cultura negra local, e organizado, principalmente, por escolas de samba formadas por moradores das periferias, onde há uma maior concentração da população negra. O evento representa um espaço essencial para a expressão cultural, contrastando com a predominância da cultura alemã na cidade. Muitos sambas-enredos, ao longo dos anos, destacaram a cultura e a história negras, reforçando o papel do carnaval como espaço de afirmação identitária e resistência. No entanto, em comparação com a *Oktoberfest*, o carnaval historicamente recebe menos recursos financeiros e infraestrutura (Da Silva; Da Rosa, 2016).

Figura 17- Participação do Clube União no Carnaval.

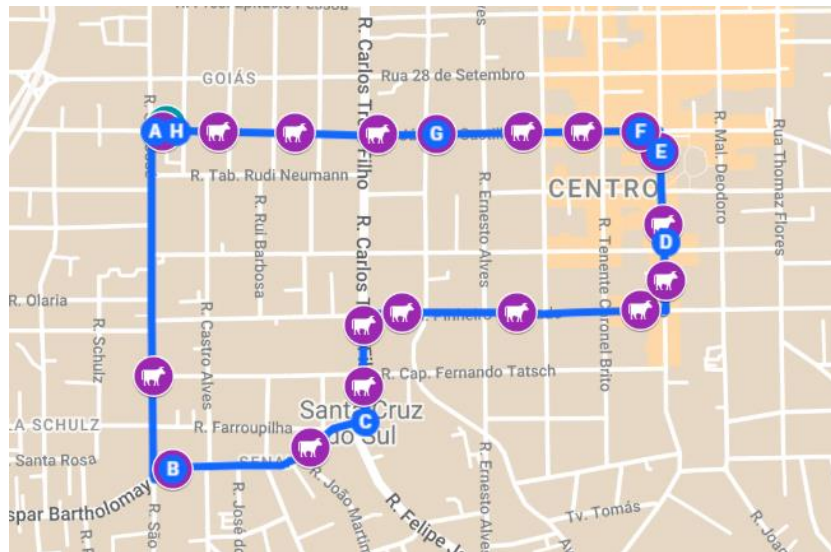


Fonte: Resgatado dos arquivos do S.C.B. União e publicado no Portal Arauto (2023).

Além disso, há recorrentes atrasos na liberação de verbas para as escolas de samba, o que compromete a qualidade dos desfiles e reforça a percepção de que a cultura negra é tratada como secundária na cidade. Para alguns moradores, o carnaval é visto como um evento alheio à identidade local, fortalecendo a ideia de que a comunidade negra e sua cultura são “estranhas” ao contexto de Santa Cruz do Sul (Da Silva; Da Rosa, 2016).

Nesse contexto, destaca-se o S.C.B. União, que, além da escola de samba, sempre buscou promover iniciativas para ocupar espaços na cidade, fortalecendo sua presença no território. Um dos eventos de grande relevância foi a chamada “Farra do Boi”, descrito na pesquisa de Oliveira (2023). O evento aparece em diversos relatos orais que compõem a memória dos entrevistados. Como parte desse resgate, a autora elaborou um mapa (Figura 18) para ser destacado na exposição fotográfica realizada em comemoração ao centenário do S.C.B. União. A Farra do Boi, consistia em uma intervenção cênica e festiva de caráter público, organizada visando arrecadar recursos para a realização das festas de Carnaval do União. Iniciado por volta dos anos 1950, o evento perdurou por mais de duas décadas, reunindo pessoas negras tanto de Santa Cruz do Sul quanto de localidades próximas.

Figura 18-Trajeto da Farra do Boi.



Fonte: Silveira (2023).

Outro evento significativo é a “Descida da Júlio”, um desfile carnavalesco que ocorre na Rua Júlio de Castilhos, no centro de Santa Cruz do Sul. Tradicionalmente realizado no período do Carnaval, em 2017 passou a ser um evento oficial do clube. Com o apoio da prefeitura, foi estabelecida uma data em que a rua é liberada para o desfile. Inicialmente, a Descida da Júlio surgiu como uma resposta à inconstância do apoio público ao Carnaval de rua, mas, ao longo dos anos, consolidou-se como uma marcha cultural significativa.

Figura 19-Divulgação Descida da Júlio 2025.



Fonte: Instagram S.C.B. União (2025).

Ao promover eventos que enaltecem a cultura negra, o clube desempenha um papel crucial na desconstrução de estereótipos e na ampliação do reconhecimento das riquezas culturais provenientes das diásporas africanas. Além de celebrar tradições, os eventos criam espaços para articulação política e construção de redes de apoio.

Para além das possibilidades oferecidas pelo clube, uma experiência significativa é a de Carlos, que encontrou na religião um espaço para refletir e discutir as questões raciais. Para ele, a espiritualidade não apenas proporciona conforto e fortalecimento emocional, mas também serve como um espaço de reflexão e diálogo sobre o racismo e a identidade negra:

Eu comecei a fazer parte do movimento negro, onde eu juntava as pastorais do negro, né, por intermédio da religião católica, Era pároco, na época, em Rio Pardo. Então, a gente, através desses trabalhos regionais que fazíamos ali no município de Rio Pardo, ajudou, né, aqui em Santa Cruz mesmo, em vários outros municípios, lá na região das Missões. A gente viajava com muita frequência, né, tanto aqui no Rio Grande do Sul quanto fora, em alguns países da América do Sul, nesses grandes congressos. Isso por fazer parte da coordenação estadual do movimento negro, né. Então, a gente tinha uma percepção muito grande de como éramos vistos, né. (Carlos, E. S.).

As comunidades e religiões de matriz afro-brasileira também se constituem como ambientes acolhedores e de fortalecimento identitário, mantendo presença significativa no município. No entanto, conforme discutido no Capítulo 3, essas expressões religiosas ainda enfrentam forte resistência dentro do território. Apesar disso, Antonieta e Luiza seguem vivenciando essas práticas com compromisso e pertencimento, reafirmando sua espiritualidade. Antonieta faz parte da Umbanda Esotérica, enquanto Luiza participa do Candomblé: “Eu sou Yalorixá de nação Gêge” (Luiza, E. S.). Como ela mesmo explica, no Candomblé, a Yalorixá é a sacerdotisa responsável por liderar o terreiro e conduzir os rituais religiosos. A Nação Jeje, por sua vez, é um conjunto de culturas de povos africanos que praticavam o culto ao Vodun. O termo 'Jeje' surgiu na Bahia no século XVIII para designar os escravizados provenientes do Reino do Daomé. Tanto Antonieta quanto Luiza valorizam experiências mais relacionadas à cultura negra, ressaltando a importância desses espaços como ambientes onde a presença e as tradições negras são mais fortalecidas, contrastando com a predominância da branquitude em outros contextos sociais.

Nesse sentido, destaca-se também uma iniciativa da qual Dalva fez parte: a homologação do Dia da Consciência Negra em Santa Cruz do Sul, na Câmara de Vereadores. Esse processo ocorreu a partir de eventos que ela ajudou a promover em parceria com o Conselho Municipal de Cultura. A proposta era trazer personalidades negras para a cidade e organizar uma Semana Cultural que fosse além de festividades e música, promovendo debates, aprofundamento e estudos sobre a cultura e a história negra. Assim, ela relata:

A ideia era trazer alguns negros de destaque para a cidade e realizar uma Semana Cultural. Mas o nosso objetivo principal, naquela semana, não era apenas fazer um evento de pagode, samba e folia. A gente queria algo maior. Queríamos uma semana de cultura de verdade, com estudo e aprofundamento. Trouxemos pessoas de fora para dar palestras aqui, em Santa Cruz. Lembro que, na época, trouxemos o Neguinho da Beija-Flor. Também trouxemos um negro que se destacava na cultura gaúcha, agora não me lembro do nome dele... mas ele esteve aqui, participou de um show e contribuiu bastante com o evento. Foi uma oportunidade importante, e, a partir desse movimento, conseguimos criar o Dia da Consciência Negra em Santa Cruz do Sul. (Dalva, H. V.).

Já Theodosina relata o desejo de ter um espaço para promover a cultura negra. Apesar das dificuldades relacionadas à disponibilidade de agenda e local, ela considera a iniciativa fundamental.

Inclusive, o meu sonho é um dia formar um grupo de percussão só de mulheres negras. Dá pra fazer! Lá atrás, eu até comecei a organizar algo assim, mas acabou não indo adiante. (Theodosina, E. S.).

Essas iniciativas também têm um papel pedagógico importante, alcançando públicos diversos e contribuindo para a conscientização sobre o racismo estrutural e a desigualdade social. Através dessas ações, cria-se um movimento de resistência e celebração que não apenas empodera as comunidades negras, mas também educa a sociedade sobre a importância de uma cultura plural e inclusiva.

O legado de muitas dessas iniciativas pode ser observado atualmente na atuação de grupos que celebram e promovem a cultura negra em Santa Cruz do Sul, especialmente por meio das redes sociais virtuais. Entre esses coletivos destacam-se o *4Blacks* e o *DiPretas*. Esses grupos não apenas fortalecem a identidade e a visibilidade da população negra, como também colaboraram diretamente com esta pesquisa, indicando interlocutores e facilitando contatos com possíveis participantes para as entrevistas. É importante ressaltar que, em algum momento, suas trajetórias se cruzaram com o S.C.B. União, seja porque seus integrantes se conheceram no clube ou realizam eventos em parceria com ele.

Durante alguns anos, o União perdeu um pouco de sua visibilidade, como mencionado pelos participantes do Grupo Focal. Mas, todos celebram o momento de retomada, marcado por um novo entusiasmo na realização do Carnaval, no qual a escola foi campeã em 2024, além da revitalização da Descida da Borges e de diversos outros eventos que agora acontecem anualmente. Esse processo de retomada refletiu-se também nos movimentos orgânicos de jovens negros nas redes sociais virtuais, que passaram a articular coletivos e espaços de resistência, fortalecendo ainda mais a presença da cultura negra na cidade. Aqui, brevemente, eles relatam este fato:

- Acho que o União, hoje, realmente se estabeleceu como um espaço de reflexão, um lugar onde as pessoas pensam, discutem e constroem ideias. (Luís, G. F.).
- Sim, eu também adoro isso! Por muito tempo, achei que ele estava meio sumido, meio apagado... Mas não. Ele vive. (Carolina, G. F.).

Nesta última subcategoria, a discussão evidencia que os movimentos de enegrecimento em Santa Cruz do Sul, ancorados em iniciativas históricas como o S.C.B. União e em ações culturais, políticas e religiosas protagonizadas pela população negra, representam não apenas formas de resistência ao racismo estrutural, mas, sobretudo, afirmações identitárias e estratégias coletivas de construção da liberdade.

No entanto, diante dessas experiências, surge uma questão fundamental: e quanto às liberdades? A partir dos relatos apresentados, é possível pensar em formas dignas de viver? Essas reflexões serão aprofundadas na seção a seguir.

4.2 As Velhices Negras e o Sonho Adiado da Liberdade

Quando confrontada com os relatos obtidos nesta pesquisa, a teoria do Desenvolvimento como Liberdade revela que as pessoas idosas negras de Santa Cruz do Sul enfrentam restrições severas em praticamente todas as dimensões de liberdade descritas por Amartya Sen (2010).

A primeira dessas dimensões, a liberdade política, mostra-se apenas parcialmente assegurada. Embora alguns participantes relatem formas de engajamento político, seja por meio da militância antirracista, seja pela ocupação de espaços institucionais, os relatos sobre a sub-representação negra na Câmara de Vereadores, a fragmentação das candidaturas e o descrédito generalizado em relação ao sistema político evidenciam limites concretos à participação democrática. As experiências vividas pelos entrevistados indicam que as liberdades de expressão e de participação são condicionadas por um contexto de racismo estrutural, que restringe o pleno exercício da cidadania.

As facilidades econômicas, segunda dimensão proposta por Sen (2010), revelam-se severamente comprometidas no contexto analisado. Os relatos evidenciam que o acesso ao trabalho digno, a oportunidades de crescimento profissional e à mobilidade social é profundamente atravessado por mecanismos de exclusão racial. Exigências baseadas em códigos de conduta eurocêntricos, como o domínio da língua alemã para determinadas funções, a naturalização da subalternização dos corpos negros e a presença do chamado “teto de vidro” limitam significativamente as possibilidades de ascensão, mesmo entre aqueles que possuem qualificação. A estrutura de oportunidades permanece marcada por desigualdades profundas, e

as trajetórias narradas pelos participantes indicam que, para a maioria, o esforço individual não é suficiente para romper as barreiras impostas pelo racismo institucionalizado.

A dimensão das oportunidades sociais, especialmente no que se refere à educação, também apresenta sérias limitações. Com escassez de professores negros e os diversos obstáculos enfrentados para o ingresso e a permanência no ensino superior, fica evidente que a ampliação das capacidades humanas, conforme preconizada por Sen (2010), continua comprometida. A falta de representatividade no corpo docente, reflete um sistema educacional que ainda não assegura condições equitativas de desenvolvimento.

No que diz respeito às garantias de transparência, observa-se um cenário marcado por fragilidade institucional. As denúncias de práticas discriminatórias, aliadas à ausência de respostas efetivas por parte das estruturas formais, revelam não apenas a ineficácia dos mecanismos de proteção, mas também a falta de confiança dessas pessoas nas instituições. Essa omissão contribui com injustiças e perpetuação do racismo.

A segurança protetiva, por fim, configura-se como uma das dimensões mais gravemente violadas nas experiências analisadas. O cotidiano das pessoas negras é marcado por diferentes formas de violência, institucional, verbal e psicológica, que comprometem profundamente o bem-estar e a dignidade desses sujeitos. A constante vigilância sobre os corpos negros e o estresse crônico provocado pela exposição contínua ao racismo tornam essa dimensão particularmente sensível, revelando a ausência de garantias mínimas de proteção que assegurem uma vida livre de medo e vulnerabilidade.

Dessa forma, observa-se que, à luz da teoria de Sen (2010), as velhices negras retratadas nesta pesquisa vivenciam um processo de não desenvolvimento. A ausência de liberdades fundamentais compromete o pleno exercício da agência individual e coletiva. Sem a superação das barreiras estruturais impostas pelo racismo, o ideal de desenvolvimento como liberdade permanece, para essa população, como uma promessa ainda não cumprida.

Se as experiências de velhices negras relatadas até aqui refletem um histórico de desvalorização da negritude e de enfrentamento contínuo ao racismo estrutural, o desenvolvimento enquanto liberdade, conforme proposto por Amartya Sen, ainda se apresenta como uma realidade distante no contexto brasileiro. No entanto, em Santa Cruz do Sul, os movimentos de enegrecimento podem ser compreendidos como expressões de liberdade, ainda que em menor escala, mas já capazes de produzir transformações significativas.

Sen (2010) reconhece o papel das organizações comunitárias e dos valores sociais na promoção da liberdade, afirmando que pequenos grupos, como associações e clubes podem contribuir substancialmente para a expansão das liberdades substantivas, desde que fomentem

inclusão e participação. Além disso, o autor destaca que as discussões públicas e os debates promovidos no interior dessas comunidades são essenciais para a formação de valores sociais e para o fortalecimento da democracia. Esse princípio é refletido na fala de Carolina sobre o Clube União, ao afirmar: “Ele vive.” Sua declaração simboliza a vitalidade dos movimentos negros em Santa Cruz do Sul e reafirma sua importância tanto para a valorização da negritude quanto para o fortalecimento da luta por liberdade e justiça social.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta dissertação, buscou-se compreender como as pessoas idosas negras de Santa Cruz do Sul-RS vivenciam as manifestações de racismo ao longo de suas trajetórias de vida, analisando essas experiências a partir da perspectiva do Desenvolvimento como Liberdade, proposto por Amartya Sen.

Os objetivos foram alcançados, considerando que os relatos dos participantes revelaram discriminações vividas da juventude até a velhice. As falas destacaram o impacto do racismo estrutural e das barreiras sociais em suas trajetórias, evidenciando como essas dinâmicas moldaram suas vidas cotidianas e limitaram suas oportunidades de desenvolvimento pleno ao longo do tempo.

A pesquisa também destacou a centralidade da branquitude na narrativa histórica do município, que resultou na exclusão da população negra. Aprofundando os impactos nas suas identidades, levando, em muitos casos, à tentativa de adaptação ao ambiente. Esse processo envolveu a busca por reconhecimento ou a evitação de discriminação, tendo a branquitude como referência ideal de comportamento e cultura.

Os participantes enfatizaram a importância dos espaços de acolhimento, como o S.C.B. União, para o fortalecimento da autoimagem e a valorização de suas próprias histórias. Demonstrando que não são passivas ao racismo, mas, ao contrário, encontram e moldam seus próprios espaços de resistência e fortalecimento.

A análise fundamentada no conceito de Desenvolvimento como Liberdade permitiu uma compreensão aprofundada das privações enfrentadas por essas pessoas idosas. Identificou-se que, enfrentam severas restrições em todas as dimensões de liberdade propostas por Sen, política, econômica, social, de transparência e de segurança. A participação política é limitada pela sub-representação e pelo descrédito institucional; as oportunidades econômicas possuem barreiras sociais; o acesso à educação é dificultado pela exclusão e pela baixa representatividade; as instituições falham em garantir transparência e resposta a injustiças; e a segurança é comprometida por formas diversas de violência. Assim, a pesquisa aponta um cenário de não desenvolvimento, em que a liberdade permanece uma promessa distante diante das estruturas persistentes do racismo.

Portanto, evidencia-se a necessidade de transformar as estruturas sociais para que as ideias de Amartya Sen possam ser adaptadas, sendo essencial adotar políticas públicas inclusivas que reconheçam a diversidade e promovam a equidade.

A discussão também contribui para o campo do desenvolvimento regional ao oferecer uma análise sobre as dinâmicas de exclusão e resistência, além de indicar caminhos para novas investigações, especialmente no que tange à interseção entre território e racismo estrutural.

Além disso, ouvir as pessoas falarem sobre suas experiências de vida é fundamental e está em consonância com as ideias de Amartya Sen, uma vez que elas vivenciam diariamente os efeitos das decisões tomadas em nome do progresso. Dessa forma, torna-se evidente que um modelo de desenvolvimento focado exclusivamente no aspecto econômico já não faz sentido, considerando a profunda desigualdade e a baixa qualidade de vida de uma parcela significativa da população. Pensar a liberdade como um pilar do desenvolvimento no contexto brasileiro ainda é um desafio, mas é um processo que precisa começar o quanto antes. Somente assim será possível vislumbrar um futuro em que todas as pessoas tenham, ao menos, uma vida digna.

É importante destacar que as realidades apresentadas estão inseridas em um microcosmo santacruzense. Estudos futuros poderão ampliar esse recorte, aprofundando as discussões sobre gênero no contexto das velhices negras, bem como as influências das diferentes classes econômicas e níveis de escolaridade. Dessa forma, será possível verificar se as experiências observadas neste estudo se repetem ou apresentam diferenças significativas.

Cabe acrescentar que, durante a escolha do tema e o levantamento de dados, frequentemente surgiram questionamentos de pessoas próximas sobre a existência de pessoas idosas negras no município e sobre a relevância de investigar a questão do racismo. Essas indagações, no entanto, apenas reforçam o que foi discutido até agora: como as narrativas construídas ao longo dos anos têm contribuído para silenciar essa questão, tornando-a menos visível ou buscando minimizar sua importância. Esse processo acaba por omitir um problema real, presente e persistente em Santa Cruz do Sul, que precisa ser problematizado e enfrentado.

Ademais, a importância de um trabalho que discuta as questões raciais dentro da área de desenvolvimento regional é fundamental, especialmente porque grande parte dos projetos e políticas de desenvolvimento no país foram realizados a partir da exploração violenta da população negra. Esse processo consolidou um modelo de desenvolvimento excludente, que marginaliza principalmente as comunidades negras, indígenas e demais minorias.

Nesse sentido, é essencial valorizar autores e pesquisadores negros, ampliando as referências na área e garantindo sua inclusão no debate acadêmico. Ressalta-se que novas pesquisas com o tema podem incorporar epistemologias afrocentradas e decoloniais, oferecendo novos caminhos teóricos e metodológicos, rompendo com a hegemonia do pensamento eurocêntrico que domina as ciências sociais e os estudos sobre desenvolvimento.

Portanto, a construção de um referencial teórico que dialogue com intelectuais negros e negras, bem como com abordagens decoloniais, é essencial para repensar o desenvolvimento regional de forma mais inclusiva e justa. Esse movimento não apenas reconhece as contribuições históricas e contemporâneas da população negra para a sociedade, mas também possibilita a formulação de políticas públicas mais equitativas e socialmente transformadoras.

Convém mencionar que já está prevista, em acordo com os participantes da pesquisa, uma devolutiva dos resultados, a ser realizada nas dependências da UNISC. A proposta é promover um evento aberto à comunidade, para dialogar sobre o tema e ampliar sua visibilidade. A atividade contará com a participação do S.C.B. União e de coletivos negros da cidade, fortalecendo o compromisso com a escuta, a valorização das vozes negras locais.

E, finalizando, vale lembrar de Conceição Evaristo em seu poema “Tempo de Nos Aquilombar” e Angela Davis no título de um de seus livros, “A Liberdade é uma Luta Constante”, que a liberdade não é uma concessão, mas uma conquista diária, fruto da luta coletiva e da memória daqueles que vieram antes de nós. Que essa luta permaneça viva, pois, como ensinam essas grandes autoras, resistir é existir. É fortalecer o caminho para a liberdade.

REFERÊNCIAS

BELING, Romar. 200 anos de imigração alemã: comunidade negra (e também escravos) sob a luz do tempo. **Portal Gaz**, Santa Cruz do Sul, 28 jan. 2024. Disponível em: <https://www.gaz.com.br/200-anos-de-imigracao-alema-comunidade-negra-e-tambem-escravos-sob-a-luz-do-tempo/>. Acesso em: 21 jan. 2025.

BENDER, Milena. Comunidade pode colaborar com a restauração da Catedral São João Batista: saiba como ajudar. **Portal Gaz**, Santa Cruz do Sul, 28 jun. 2023. Disponível em: <https://www.gaz.com.br/comunidade-pode-colaborar-com-a-restauracao-da-catedral-sao-joao-batista-saiba-como-ajudar/>. Acesso em: 21 jan. 2025.

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BICA, Guilhaermer. Idosos vão ter atendimento especializado na Polícia Civil de Santa Cruz. **Portal Gaz**, Santa Cruz do Sul, 22 set. 2022. Disponível em: <https://www.gaz.com.br/idosos-vao-ter-atendimento-especializado-na-policia-civil-de-santa-cruz/>. Acesso em: 21 jan. 2025.

BOAVA, D.; MACEDO, F. Contribuições da fenomenologia para os estudos organizacionais. **Cadernos EBAPE**, Rio de Janeiro, v. 9, n.1, p. 469-487, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cebape/a/7cSyzMbfmni7C89y7vwGZBG/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 21 jan. 2025.

BOCCHINI, Bruno. População negra encarcerada atinge maior patamar da série histórica. **Agência Brasil**, Brasília, 20 set. 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-07/populacao-negra-encarcerada-atinge-maior-patamar-da-serie-historica>. Acesso em: 21 jan. 2025.

BOLZANI, Isabela. Datafolha: 60% dos pardos não se consideram negros. **G1**, Rio de Janeiro, 24 nov. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2024/11/24/datafolha-60percent-dos-pardos-nao-se-consideram-negros.ghtml>. Acesso em: 21 jan. 2025.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. **Boletim sobre a desigualdade racial no mercado de trabalho**. Brasília: MTE, nov. 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/trabalho-e-emprego/pt-br/assuntos/estatisticas-trabalho/o-pdet/boletim-desigualdade-racial/BoletimsobreadesigualdaderacialnomercadodetrabalhoVF.pdf>. Acesso em: 21 jan. 2025.

BRASIL. **Lei nº 12.288, de 20 de julho de 2010**. Institui o Estatuto da Igualdade Racial. Diário Oficial da União, Brasília. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12288.htm. Acesso em: 21 jan. 2025.

BRASIL. **Portaria nº 992, de 13 de maio de 2009**. Institui a Política Nacional de Saúde Integral da População Negra. Diário Oficial da União, Brasília, 14 maio 2009. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-sem-racismo/publicacoes/politica-nacional-de-saude-integral-da-populacao-negra-1-edicao-2010/view>. Acesso em: 21 jan. 2025.

BRASIL. **Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003**. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. Brasília: Diário Oficial da União, 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.741.htm. Acesso em: 21 jan. 2025.

BRASIL. **Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989.** Define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor. Diário Oficial da União, Brasília. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/17716.htm. Acesso em: 21 jan. 2025.

CAMARANO, A. A. **Os idosos brasileiros: muito além dos 60?** Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2022. *E- book*. Disponível em: arca.fiocruz.br/bitstream/handle/icict/53502/TD_89.pdf?sequence=2&isAllowed=y. Acesso em: 21 jan. 2025.

CARNEIRO, Sueli. **Escritos de uma vida.** São Paulo: Pólen, 2022.

CENTRO BRASILEIRO DE ANÁLISE E PLANEJAMENTO. **Envelhecimento e desigualdades raciais.** São Paulo: Cebrap, 2023. Disponível em: <https://cebrap.org.br/envelhecimento-de-desigualdades-raciais/>. Acesso em: 21 jan. 2025.

CIECELSKI, Luana Daniela. **Midiatização da identidade:** a narrativa da revista Alto Falante e a Oktoberfest de Santa Cruz do Sul. 2021. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2021. Disponível em: <https://repositorio.unisc.br/jspui/handle/11624/3127>. Acesso em: 21 jan. 2025.

CONCEIÇÃO, Willian Luiz da. **Branquitude:** dilema racial brasileiro. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2020.

CORRÊA, R. L. T.; Guiraud, L. Possibilidades e limites de histórias de vida por meio de depoimentos orais na história da formação de professores. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 9, n. 28, p. 671-686, 2009. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/view/3373/3289>. Acesso em: 21 jan. 2025.

CÔRTE, B., & LOPES, R. G. da C. **Velhices Plurais:** Subjetividades no Envelhecimento. São Paulo: Portal do Envelhecimento, 2024. *E- book*. Disponível em: <https://edicoes.portaldoenvelhecimento.com.br/novo/produto/verbetes-velhices-plurais/>. Acesso em: 21 jan. 2025.

CUSTÓDIO, Mônica. Unegro: 30 anos de luta pela igualdade racial, de gênero e de classe. **Portal Geledés**, São Paulo, 18 jul. 2018. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/unegro-30-anos-de-luta-pela-igualdade-racial-de-genero-e-de-classe/>. Acesso em: 21 jan. 2025.

DA SILVA, M. L. S; DA ROSA, C. F. Sujeitos e Culturas Governadas: O negro e o carnaval em Santa Cruz do Sul. In: **XII Encontro Estadual de História da ANPUH-RS**, 2016, Santa Cruz do Sul. Disponível em: http://www.eeh2016.anpuh-rs.org.br/resources/anais/46/1469057536_ARQUIVO_SujeitoseCulturasGovernadas.pdf. Acesso em: 21 jan. 2025.

DARTIGUES, André. **O que é fenomenologia?** São Paulo: Centauro, 2005.

DOS SANTOS, G. *et al.* Barreiras estruturais para a inclusão política de negros no Brasil. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, v. 38, n. 1, p. 45-70, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br>. Acesso em: 28 jan. 2025. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ts/a/d6pLPZfmMdXqvJY6CrM8Cgz/?lang=pt>. Acesso em: 21 jan. 2025.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas.** Salvador: EDUFBA, 2008.

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. **IFDM - Índice FIRJAN de Desenvolvimento Municipal: edição 2021.** Rio de Janeiro: FIRJAN, 2021.

Disponível em: <https://www.firjan.com.br/publicacoes/publicacoes-de-economia/ifdm-indice-firjan-de-desenvolvimento-municipal.htm>. Acesso em: 21 jan. 2025.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes**. São Paulo: Ática, 1978.

FERREIRA, Luis Fernando. A presença de Tia Inácia em Santa Cruz do Sul resiste ao esquecimento. **Portal Gaz**, Santa Cruz do Sul, 12 jun. 2022. Disponível em: <https://www.gaz.com.br/a-presenca-de-tia-inacia-em-santa-cruz-do-sul-resiste-ao-esquecimento/>. Acesso em: 21 jan. 2025.

FOLHA DE SÃO PAULO. Entidades propõem mudança de hino de cidade por considerá-lo racista. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 25 maio 2001. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2505200133.htm>. Acesso em: 21 jan. 2025.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **18º Anuário Brasileiro de Segurança Pública**. São Paulo: FBSP, 2024. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2024/07/anuario-2024.pdf>. Acesso em: 21 jan. 2025.

FOUR COMUNICAÇÃO. Oktoberfest movimentou R\$ 60 milhões e teve 410 mil visitantes; confira números. **Portal Gaz**, Santa Cruz do Sul, 25 nov. 2024. Disponível em: <https://www.gaz.com.br/oktoberfest-movimentou-r-60-milhoes-e-teve-410-mil-visitantes-confira-numeros/>. Acesso em: 21 jan. 2025.

GARSKE, Caroline. A vida no bairro: onde o povo ajuda o povo. **Portal Gaz**, Santa Cruz do Sul, 3 jul. 2022. Disponível em: <https://www.gaz.com.br/a-vida-no-bairro-onde-o-povo-ajuda-o-povo/>. Acesso em: 21 jan. 2025.

GASKEL, G.; BAUER, M. W. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002.

GAÚCHA ZH. Polêmica na Oktoberfest: morena de origem italiana é eleita rainha de festa alemã. 2010. **Portal GZH**, Porto Alegre, 23 set. 2010. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2010/07/polemica-na-oktoberfest-morena-de-origem-italiana-e-eleita-rainha-de-festa-alema-2981051.html>. Acesso em: 2 maio 2025.

GOMES, F. S.; LAURIANO, J.; SCHWARCZ, L. M. **Enciclopédia Negra: Biografias afro-brasileiras**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

GOMES, F. S.; VARGAS, J. H. C. **Branquitude: estudos sobre a identidade branca no Brasil**. Rio de Janeiro: Pallas, 2015.

GOMES, F. S.; VARGAS, J. H. C. **Pessoas em movimento: novas perspectivas sobre racismo e resistência negra no Brasil**. São Paulo: Annablume, 2015.

GONÇALVES, Viviane. Nzinga Informativo: a imprensa feminista feita por negras e para negras. **Medium**, São Francisco, 22 nov. 2016. Disponível em: <https://medium.com/@demode/nzinga-informativo-a-imprensa-feminista-feita-por-negras-e-para-negras-87eeabed6271>. Acesso em: 21 jan. 2025.

GONZALEZ, L; HASENBALG, C. **Lugar de negro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

GONZALEZ, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cidades@Santa Cruz do Sul**. Rio de Janeiro: IBGE, 2025. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/santa-cruz-do-sul/panorama>. Acesso em: 21 jan. 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua)**: Educação. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2102068>. Acesso em: 21 jan. 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo 2022: Número de idosos na população do país cresceu 57,4% em 12 anos**. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br>. Acesso em: 21 jan. 2025.

INSTITUTO MOBILIDADE E DESENVOLVIMENTO SOCIAL. **Expectativa de vida por raça ou cor no Brasil**. Rio de Janeiro: Imds, 2024. Disponível em: <https://imdsbrasil.org/publicacao/expectativa-de-vida-por-raca-ou-cor-no-brasil>. Acesso em: 21 jan. 2025.

JARDIM, V. C. F. da S.; MEDEIROS, B. F. de; BRITO, Ana Maria de. Um olhar sobre o processo do envelhecimento: a percepção de idosos sobre a velhice. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 9-20, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbagg/a/tzGHq3mphTxJ5jtvX5pRM6z/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 21 jan. 2025.

JUNIOR, Adriano. Movimento quer erguer estátua para Exu em trevo de Santa Cruz. **Portal Gaz**, Santa Cruz do Sul, 2 set. 2024. Disponível em: <https://www.gaz.com.br/movimento-quer-erguer-estatu-a-para-exu-em-trevo-de-santa-cruz/>. Acesso em: 21 jan. 2025.

KRONBAUER, Ingo. Germanismo e nacionalização em Santa Cruz do Sul, RS. **Revista Acadêmica de História e Cultura**, Santa Cruz do Sul, v. 34, n.1, 2016. Disponível em: <https://online.unisc.br/acadnet/moduloEleicoes/documentos/germanismo.pdf>. Acesso em: 17 jan. 2025. Acesso em: 21 jan. 2025.

LÉON, Lucas Pordeus. Apenas sete estados possuem secretarias de combate ao racismo. **Agência Brasil**, Brasília, 20 nov. 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2023-11/apenas-sete-estados-possuem-secretarias-de-combate-ao-racismo>. Acesso em: 21 jan. 2025.

LIMA, Marcos Eugênio Oliveira. O. **Psicologia social do preconceito e do racismo**. São Paulo: Editora Blucher, 2020.

LUCENA, Layla Chaves. **Racismo estrutural, violência e a necro-bio-política em contextos de repressão e resistência**. 2022. Dissertação (Mestrado). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2022. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/1265719>. Acesso em: 21 jan. 2025.

MARTINS, E. M.; HIRT, C. Santa Cruz do Sul & Oktoberfest: tradução ou tradição alemã? **Boletim Gaúcho de Geografia**, Porto Alegre, v. 34, p. 78-94, 2009. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/bgg/article/view/37429>. Acesso em: 21 jan. 2025.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994.

MORAES, R. Análise de Conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4125089/mod_resource/content/1/Roque-Moraes_Analise%20de%20conteudo-1999.pdf. Acesso em: 21 jan. 2025.

MOREIRA, A. de J.; SILVA, M. C. de P. O lazer no Ilê Aiyê: inspirações do movimento negro pós-abolição. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 36, n. 67, p. 01-18, 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/99571>. Acesso em: 21 jan. 2025.

NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro**. São Paulo: Perspectiva, 1980.

NÚCLEO DE ESTUDOS RACIAIS DO INSPEP. **Estudo sobre desigualdade salarial racial no Brasil no segundo trimestre de 2024**. São Paulo: Insper, 2024. Disponível em: <https://repositorio.insper.edu.br/entities/publication/cc454cad-48dd-4eae-bec2-7d3fbfcfe1ee>. Acesso em: 21 jan. 2025.

OKTOBERFEST SANTA CRUZ. Público visitante da 37ª Oktoberfest chega a 400 mil pessoas. Oktoberfest Santa Cruz, 2022. Disponível em: <https://www.oktoberfestsantacruz.com.br/publico-visitante-da-37a-oktoberfest-chega-a-400-mil-pessoas/>. Acesso em: 21 jan. 2025.

OLÁ JORNAL. Lançamento da Christkindfest de Santa Cruz do Sul ocorre nesta terça-feira. **Olá Jornal**, Santa Cruz do Sul, 23 nov. 2021. Disponível em: <https://olajornal.com.br/lançamento-da-christkindfest-de-santa-cruz-do-sul-ocorre-nesta-terça-feira/>. Acesso em: 2 maio 2025.

OLIVEIRA, Dennis de. **Racismo Estrutural: Uma Perspectiva Histórico-Crítica**. São Paulo: Dandara; Friedrich Ebert Stiftung, 2021.

OLIVEIRA, Fábio Lopes de. **“Nosso Ilê é Nosso Lar” Territorialidades negras no carnaval de rua de Porto Alegre–RS: a raiz permanece viva de um ponto quilombola a batucada coletiva**. 2021. Dissertação (Mestrado). Instituto de Geociências, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/239087>. Acesso em: 21 jan. 2025.

OLIVEIRA, Franciele Rocha de. A Farra do Boi. **Google Maps**, Santa Cruz do Sul, 2 de out. 2023. Disponível em: <https://www.google.com/maps/d/u/0/edit?mid=18tUqQkFdxS9dSWR5Zv3eUoXwKuN4w6Q&ll=-29.7279837293719%2C-52.43926629569345&z=14>. Acesso em: 21 jan. 2025.

OLIVEIRA, J. dos S.; SILVA, A. C. de. Revisão sistemática sobre grupos focais com idosos no SUS: procedimentos metodológicos e desafios. **Revista Brasileira de Pesquisa em Saúde**, v. 23, n. 1, p. 35-50, 2023. Disponível em: <https://seer.unirio.br/cuidadofundamental/article/view/12928>. Acesso em: 21 jan. 2025.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Guia Global: Cidade Amiga do Idoso**. Genebra: OMS, 2008. Disponível em: https://www.mds.gov.br/webarquivos/arquivo/Brasil_Amigo_Pessoa_Idosa/publicacao/guia-global-oms.pdf. Acesso em: 21 jan. 2025.

OXFAM BRASIL. **A distância que nos une: um retrato das desigualdades brasileiras**. São Paulo: Oxfam Brasil, 2017. Disponível em: <https://www.oxfam.org.br/um-retrato-das-desigualdades-brasileiras/>. Acesso em: 21 jan.

OZIMA, Leonardo. Religiões de matriz africana são os principais alvos de intolerância e racismo no Brasil. **Jornal da USP**, São Paulo, 21 nov. 2024. Disponível em: <https://jornal.usp.br/campus-ribeirao-preto/religioes-de-matriz-africana-sao-os-principais-alvos-de-intolerancia-e-racismo-no-brasil/>. Acesso em: 21 jan. 2025.

PAIM, E. T. **História, identidade e racismo na formação da sociedade Santa Cruzense**. 2014. Monografia. Departamento Humanidade e Educação, Curso de História, Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Ijuí, 2014. Disponível em: <https://bibliodigital.unijui.edu.br:8443/xmlui/handle/123456789/2726>. Acesso em: 21 jan. 2025.

PEREIRA, E. A. da S. *et al.* A cor do cuidado: experiências de mulheres negras e os impactos do racismo na saúde mental. **Revista Polis e Psique**, Porto Alegre, v. 10, n. 2, p. 128-147, 2020. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/porta/resource/pt/biblio-1422407>. Acesso em: 21 jan. 2025.

PORTAL GAZ. **A corte do Carnaval 2025 de Santa Cruz do Sul foi definida na noite desse sábado, 19 [...]**. Santa Cruz do Sul, 19 jan. 2025. Instagram: @portalgaz. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DFAgkikxZ0E/?igsh=OXprdXMwNGI3c3Jw>. Acesso em: 21 jan. 2025.

PORTAL GAZ. Conselho do Povo de Terreiro registra ato de discriminação, **Portal Gaz**, Santa Cruz do Sul, 05 set. 2024. Disponível em: <https://www.gaz.com.br/conselho-do-povo-de-terreiro-registra-ato-de-discriminacao/>. Acesso em: 21 jan. 2025.

PORTAL GAZ. Prefeitura se manifesta após movimento apresentar intenção de erguer estátua para Exu em Santa Cruz. **Portal Gaz**, Santa Cruz do Sul, 05 set. 2024. Disponível em: <https://www.gaz.com.br/prefeitura-se-manifesta-apos-movimento-apresentar-intencao-de-erguer-estatu-a-para-exu-em-santa-cruz/>. Acesso em: 21 jan. 2025.

PORTAL GAZ. **Homenagear Exu, uma das entidades e figuras mais louvadas e estigmatizadas da umbanda e do candomblé, com a construção de uma estátua ganha força em Santa Cruz do Sul [...]**. Santa Cruz do Sul, 2 set. 2024. Instagram: @portalgaz. Disponível em: https://www.instagram.com/p/C_ae3RDxou2/?igsh=NjFmY29kaWRxOXRz. Acesso em: 21 jan. 2025.

PORTAL GAZ. **Em um espetáculo de cultura, beleza, dança e tradição, foram escolhidas neste domingo, 30, no Ginásio Poliesportivo, as soberanas da 39ª Festa da Alegria [...]**. Santa Cruz do Sul, 30 jun. 2024. Instagram: @portalgaz. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C83EM-ZxSKl/?igsh=MWc1eXMwYmVqdjF5cA==>. Acesso em: 21 jan. 2025.

PORTAL GAZ. Proposta é tornar Santa Cruz cidade amiga do idoso. **Portal Gaz**, Santa Cruz do Sul, 26 fev. 2023. Disponível em: <https://www.gaz.com.br/proposta-e-tornar-santa-cruz-cidade-amiga-do-idoso/>. Acesso em: 21 jan. 2025.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTA CRUZ DO SUL. Centro de Referência do Idoso. **Prefeitura do Município de Santa Cruz do Sul**, Santa Cruz do Sul, 10 jan. 2025. Disponível em: <https://santacruz.rs.gov.br/conteudo/centro-de-referencia-do-idoso>. Acesso em: 21 jan. 2025.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTA CRUZ DO SUL. Conselho Municipal dos Direitos da Pessoa Idosa. **Prefeitura do Município de Santa Cruz do Sul**, Santa Cruz do Sul, 11 nov.

2024. Disponível em: <https://www.santacruz.rs.gov.br/conteudo/cmdpi>. Acesso em: 21 jan. 2025.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTA CRUZ DO SUL. Hino oficial do município de Santa Cruz do Sul, **Prefeitura do Município de Santa Cruz do Sul**, Santa Cruz do Sul, 07 out. 2024. Disponível em: <https://www.santacruz.rs.gov.br/municipio/hino> Acesso em: 21 jan. 2025.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTA CRUZ DO SUL. Serviços para o turista. **Prefeitura do Município de Santa Cruz do Sul**, Santa Cruz do Sul, 13 jan. 2023. Disponível em: <https://www.santacruz.rs.gov.br/servicos/servicos-para-o-turista>. Acesso em: 21 jan. 2025.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTA CRUZ DO SUL. Bonecos Fritz e Frida. **Prefeitura do Município de Santa Cruz do Sul**, Santa Cruz do Sul, 29 ago. 2019. Disponível em: <https://www.santacruz.rs.gov.br/conteudo/bonecos-fritz-e-frida>. Acesso em: 21 jan. 2025.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTA CRUZ DO SUL. Parque da Santa Cruz. **Prefeitura do Município de Santa Cruz do Sul**, Santa Cruz do Sul, 04 maio 2018. Disponível em: <https://www.santacruz.rs.gov.br/municipio/parque-da-santa-cruz>. Acesso em: 21 jan. 2025.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTA CRUZ DO SUL. Monumento ao Imigrante. **Prefeitura do Município de Santa Cruz do Sul** Santa Cruz do Sul, 23 abr. 2018. Disponível em: <https://www.santacruz.rs.gov.br/municipio/monumento-ao-imigrante>. Acesso em: 21 jan. 2025.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTA CRUZ DO SUL. Brasão e slogan oficial. **Prefeitura do Município de Santa Cruz do Sul**, Santa Cruz do Sul, 27 jul. 2017. Disponível em: <https://www.santacruz.rs.gov.br/municipio/brasao-e-slogan-oficial>. Acesso em: 21 jan. 2025.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTA CRUZ DO SUL. **Lei nº 1140, de 29 de dezembro de 1964**. Adota o brasão municipal como símbolo do Município e da cidade. Santa Cruz do Sul: Câmara de Vereadores, 1964. Disponível em: <https://www.camarasantacruz.rs.gov.br/documento/lei-ordinaria-no-1140-29-12-1964-55834>. Acesso em: 21 jan. 2025.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual Antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

S.C.B. UNIÃO. **Quem mais tá ansioso(a) para a Descida da Júlio? [...]**. Santa Cruz do Sul, 23 jan. 2025. Instagram: @uniaoscb. Disponível em: https://www.instagram.com/p/DFK_nsgJTLn/?igsh=MXdiNmJuMXFzbXI5bw==. Acesso em: 21 jan. 2025.

SANTOS, Milton. **Por uma outra Globalização: do pensamento único à consciência universal**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

SCHUCMAN, Lia Vainer. **Entre o encardido, o branco e o branquíssimo: branquitude, hierarquia e poder na cidade de São Paulo**. São Paulo: Annablume, 2014.

SCHWARCZ, L. M.; GOMES, F. S. **Dicionário da escravidão e liberdade**: 50 textos críticos. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SECRETARIA DA SAÚDE DO RIO GRANDE DO SUL. Secretaria da Saúde alerta que o racismo é fator de risco para suicídio entre a população negra. **Secretaria da Saúde Gov. RS**, Porto Alegre, 20 mar. 2025. Disponível em: <https://saude.rs.gov.br/secretaria-da-saude-alerta-que-o-racismo-e-fator-de-risco-para-suicidio-entre-a-populacao-negra>. Acesso em: 29 mar. 2025.

SEHN, Danúbia Cremonese. **A contribuição da Oktoberfest para o discurso identitário germânico de Santa Cruz do Sul**. 2009. Dissertação (Mestrado). Programa de Desenvolvimento Regional, Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2009. Disponível em: <https://repositorio.unisc.br/jspui/handle/11624/665>. Acesso em: 21 jan. 2025.

SEN, Amartya. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. SENADO FEDERAL. Resultado das eleições municipais mostra baixa representatividade de mulheres e negros. **Senado Notícias**, Brasília, 2024. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/2024/10/24/resultado-das-eleicoes-municipais-mostra-baixa-representatividade-de-mulheres-e-negros>. Acesso em: 21 jan. 2025.

SEVERO, Paola. SCB União completa 100 anos de resistência e cultura negra. **Portal Arauto**, Santa Cruz do Sul, 30 jun. 2023. Disponível em: <http://portalarauto.com.br/30-06-2023/scb-uniao-completa-100-anos-de-resistencia-e-cultura-negra/>. Acesso em: 21 jan. 2025.

SEVERO, Paola. Uniaozinho comemora aniversário de 98 anos com feijoada drive-thru. **Portal Gaz**, Santa Cruz do Sul, 2 ago. 2021. Disponível em: <https://www.gaz.com.br/uniaozinho-comemora-aniversario-de-98-anos-com-feijoada-drive-thru/>. Acesso em: 21 jan. 2025.

SEYFERTH, Giralda. Colonização, imigração e a questão racial no Brasil. **Revista USP**, São Paulo, n. 53, p. 117-149, mar./maio 2002. Acesso em: 18 jan. 2025. Disponível em: <https://revistas.usp.br/revusp/article/view/33192>. Acesso em: 21 jan. 2025.

SILVA, Marcela Mary José da. **Envelhecimentos no Brasil**: Verdades, Equívocos e Necessidades. Bahia: Arco Editores, 2023.

SIMÕES, Nataly. 61% das vítimas de racismo no trabalho não denunciam por medo. **Terra**, São Paulo, 31 mar. 2022. Disponível em: <https://www.terra.com.br/nos/61-das-vitimas-de-racismo-no-trabalho-nao-denunciam-por-medo,c1d2380fc97e59bc95b9dc8125190ed428w1fqnl.html>. Acesso em: 21 jan. 2025.

SKOLAUDE, M. S., & PAREDES, M. DE M. Fotos e multiculturalismo étnico em Santa Cruz do Sul: um estudo de caso no jornal Gazeta do Sul sobre os concursos de beleza da rainha da Oktoberfest e o Mais Bela Negra do Rio Grande do Sul. **Momento - Diálogos Em Educação**, Rio Grande, v. 22, n.2, 87–104, 2014. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/momento/article/view/4408>. Acesso em: 21 jan. 2025.

SKOLAUDE, Mateus Silva. História, identidade e representação social: o caso da comunidade afrodescendente de Santa Cruz do Sul. In: **Anais do 5º encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional**, Porto Alegre, 2010. Disponível em: <https://repositorio.unisc.br/jspui/handle/11624/736>. Acesso em: 21 jan. 2025.

SKOLAUDE, Mateus Silva. **Identidades Rassuradas**: o caso da comunidade afrodescendente de Santa Cruz do Sul (1970-2000). 2008. Dissertação (Mestrado). Programa

de Desenvolvimento Regional, Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2008. Disponível em: <https://repositorio.unisc.br/jspui/handle/11624/736>. Acesso em: 21 jan. 2025.

SOUZA, Jessé. **Como o Racismo Criou o Brasil**. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2021.

SOUZA, Neusa Souza. **Tornar-se Negro**. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

SPINDLER, G.; RADÜNZ, R.; VOGT, O. P. Escravos na povoação de Santa Cruz na segunda metade do século XIX. **Revista Jovens Pesquisadores**, Santa Cruz do Sul, v. 6, n. 2, p. 83-98, nov. 2016. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/jovenspesquisadores/article/view/7386>. Acesso em: 21 jan. 2025.

TELES, D. A.; Mariano, E. B. Desigualdade racial no Brasil sob a perspectiva da teoria de Amartya Sen: uma análise documental em relatórios de organizações governamentais e não-governamentais. In: **Anais do XXVII Simpósio de Engenharia de Produção Economia Circular**, Bauru, 2020. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/346239523>. Acesso em: 21 jan. 2025.

TELES, D. A.; MARIANO, E. B. Desigualdade racial no Brasil sob a perspectiva da teoria de Amartya Sen: uma análise documental em relatórios de organizações governamentais e não governamentais. In: **XXVII Simpósio de Engenharia de Produção: Economia Circular e Suas Interfaces com a Engenharia de Produção**, Bauru, 2020. Disponível em: https://www.simpep.feb.unesp.br/anais_simpep.php?e=15. Acesso em: 21 jan. 2025.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: A pesquisa qualitativa em educação - O positivismo, a fenomenologia, o marxismo**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2009.

VICTORA, C.G; KNAUTH, D.R.; HASSEN, M.N.A. Técnicas de pesquisa. In: VICTORA, C.G; KNAUTH, D.R.; HASSEN, M.N.A. (org.). **Pesquisa Qualitativa em Saúde**. Porto Alegre: Tomo editorial, 2000. p.61-78.

VIEIRA, P. *et al.* **Envelhecimento, cuidado e raça**. São Paulo: CEBRAP, 2024. *E- book*. Disponível em: https://www.itauvivermais.com.br/wp-content/uploads/2024/10/Publicacao_Envelhecimento_Cuidado_Raca_CEBRAP.pdf. Acesso em: 21 jan. 2025.

VOGT, O. P. Germanismo e nacionalização em Santa Cruz do Sul, RS. **Ágora**, Santa Cruz do Sul, v. 7, n. 2, p. 49-92, 2001. Disponível em: <https://online.unisc.br/acadnet/moduloEleicoes/documentos/germanismo.pdf>. Acesso em: 21 jan. 2025.

ANEXO A- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) senhor(a),

Você está sendo convidado/a para participar como voluntário da pesquisa intitulada "Experiências de Velhices Negras em Santa Cruz do Sul/RS", que pretende analisar de que forma as pessoas idosas negras de Santa Cruz do Sul/RS vivenciam as manifestações de racismo sofridas em suas trajetórias de vida, vinculado ao Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Regional da Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC. O pesquisador responsável por esta pesquisa é Diorginis Luis Fontoura da Rosa, que poderá ser contatado a qualquer tempo através do número (51) 999525054 e do e-mail dluis@mx2.unisc.br.

Sua participação é possível, uma vez que você atende aos critérios de inclusão estabelecidos na pesquisa. Estes critérios incluem ser uma pessoa autodeclarada negra, ter 60 anos ou mais e residir no município de Santa Cruz do Sul/RS. Além disso, é necessário estar integrado(a) ao Clube S.C.B. União. Alternativamente, é possível participar como uma figura política ou representativa da comunidade negra local, desde que os demais critérios sejam atendidos, sem a necessidade de vínculo com o Clube S.C.B. União. O envolvimento na pesquisa implica em participar de diferentes procedimentos, cada um adaptado ao seu perfil. Se você está participando como membro do grupo focal, estará envolvido em debates complexos para aprofundar a compreensão do tema geral. Planeja-se até quatro encontros, com duração de 50 minutos cada, no Clube S.C.B. União. Caso você esteja participando da História de Vida, expressará relatos e experiências pessoais significativas, envolvendo entrevistas extensivas e profundas, com duração aproximada de 3 horas, que podem ocorrer em sua residência ou nas dependências do Clube S.C.B. União. Se você está participando como figura política e representativa da comunidade negra de Santa Cruz/RS, será conduzido(a) por meio de uma entrevista semi-estruturada, respondendo a um roteiro de perguntas elaboradas que visam a compreensão da interação entre a população negra e o enfrentamento do racismo em Santa Cruz do Sul/RS. A entrevista terá uma duração aproximada de 1 hora e poderá ser realizada em sua residência ou em um local apropriado dentro da Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC.

Nessa condição, é possível que surjam alguns desconfortos, como potencial constrangimento ou mal-estar ao responder a determinadas questões sensíveis. Caso esses desconfortos ocorram, saiba que o pesquisador está preparado para oferecer um momento de escuta qualificada, visando minimizá-los. Vale ressaltar que o pesquisador também possui formação e experiência como psicólogo, o que o capacita a lidar com essas situações de forma acolhedora e eficaz. Por outro lado, a sua participação trará benefícios, especialmente considerando a escassez de estudos dedicados especificamente a essa temática. Este estudo proporcionará às pessoas idosas negras de Santa Cruz do Sul um espaço valioso para compartilhar suas experiências e histórias, reconhecendo e destacando suas vivências e importância dentro da população. Ao analisar as manifestações de racismo presentes em suas vivências durante a velhice, a pesquisa tem o potencial de elevar a consciência sobre as persistentes desigualdades raciais. Essa compreensão mais profunda das barreiras históricas enfrentadas ao longo dos anos pode, por sua vez, impulsionar medidas que visem a redução dessas desigualdades.

Para sua participação nessa pesquisa, você não terá nenhuma despesa com transporte, alimentação, exames, materiais a serem utilizados ou despesas de qualquer natureza. Ao final da pesquisa, você terá acesso aos resultados através de uma reunião a ser realizada no Clube S.C.B. União. Nesta reunião, serão destacados os principais pontos obtidos nas discussões realizadas, proporcionando uma visão abrangente e elucidativa do estudo.

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido eu _____, RG ou CPF _____ declaro que autorizo a minha participação neste projeto de pesquisa, pois fui informado/a, de forma clara e detalhada, livre de qualquer forma de constrangimento e coerção, dos objetivos, da justificativa e dos procedimentos que serei submetido, dos riscos, desconfortos e benefícios, assim como das alternativas às quais poderia ser submetido, todos acima listados. Ademais, declaro que, quando for o caso, autorizo a utilização de minha imagem e voz de forma gratuita pelo pesquisador, em quaisquer meios de comunicação, para fins de publicação e divulgação da pesquisa, desde que eu não possa ser identificado através desses instrumentos (imagem e voz).

Fui, igualmente, informado/a:

- a) da garantia de receber resposta a qualquer pergunta ou esclarecimento a qualquer dúvida acerca dos procedimentos, riscos, benefícios e outros assuntos relacionados com a pesquisa;
- b) da liberdade de retirar meu consentimento, a qualquer momento, e deixar de participar do estudo, sem que isto traga prejuízo à continuação de meu cuidado e tratamento;
- c) da garantia de que não serei identificado quando da divulgação dos resultados e que as informações obtidas serão utilizadas apenas para fins científicos vinculados ao presente projeto de pesquisa;
- d) do compromisso de proporcionar informação atualizada obtida durante o estudo; ainda que esta possa afetar a minha vontade em continuar participando;
- e) da disponibilidade de tratamento médico e indenização, conforme estabelece a legislação, caso existam danos a minha saúde, diretamente causados por esta pesquisa; e,
- f) de que se existirem gastos para minha participação nessa pesquisa, esses serão absorvidos pelo orçamento da pesquisa.

O presente documento foi assinado em duas vias de igual teor, ficando uma com o voluntário da pesquisa ou seu representante legal e outra com o pesquisador responsável.

O Comitê de Ética em Pesquisa responsável pela apreciação do projeto pode ser consultado, para fins de esclarecimento, através do seguinte endereço: Av. Independência, 2293, Bloco 13 - Sala 1306; ou pelo telefone (51) 3717-7680; ou pelo e-mail cep@unisc.br

Local:

Data:

Nome e assinatura do voluntário

Nome e assinatura do responsável pela
apresentação desse Termo de Consentimento Livre
e Esclarecido

ANEXO B- PARECER APROVAÇÃO CEP

UNISC - UNIVERSIDADE DE
SANTA CRUZ DO SUL



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Experiências de Velhices Negras em Santa Cruz do Sul/RS

Pesquisador: Diorginis Luis Fontoura da Rosa

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 79327724.4.0000.5343

Instituição Proponente: Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.824.791

Apresentação do Projeto:

Trata-se de um projeto de dissertação apresentado ao Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Regional da Universidade de Santa Cruz do Sul, orientado pela Profa. Dra. Silvia Virginia Coutinho Areosa

Objetivo da Pesquisa:

Objetivos presentes, claros e exequíveis. Quais sejam:

Objetivo Primário: Analisar de que forma as pessoas idosas negras de Santa Cruz do Sul/RS vivenciam as manifestações de racismo sofridas em suas trajetórias de vida.

Objetivo Secundário: Investigar as vivências das pessoas idosas negras relacionadas ao fenômeno do racismo no município de Santa Cruz do Sul/RS; Identificar as percepções das pessoas negras residentes no município de Santa Cruz do Sul/RS em relação a construção de suas identidades; Compreender as interrelações entre o território e o racismo no município de Santa Cruz do Sul/RS

As informações foram retiradas do arquivo Informações Básicas do Projeto

PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2329524.pdf

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos: O estudo envolve riscos mínimos, podendo haver constrangimento ou mal-estar dos participantes para responder a determinadas questões. E se houver incômodo com

Endereço: Av. Independência, nº 2293 -Bloco 13, sala 1308

Bairro: Universitário **CEP:** 96.815-900

UF: RS **Município:** SANTA CRUZ DO SUL

Telefone: (51)3717-7880

E-mail: cep@unisc.br

UNISC - UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL



Continuação do Parecer: 6.824.791

determinadas situações e temas discutidos, neste caso e se necessário, será oferecido um momento de escuta qualificada para minimizar qualquer desconforto. Vale ressaltar que o pesquisador também possui formação e experiência como psicólogo, o que o capacita a lidar com essas situações de forma acolhedora e eficaz. Benefícios: Quanto aos benefícios, o estudo oferecerá às pessoas idosas negras do município de Santa Cruz do Sul um espaço valioso para compartilhar suas experiências e narrativas, elevando o valor de suas vivências e conferindo-lhes um papel central. Ao conceder voz ativa a esse grupo e ao analisar as manifestações de racismo presentes em suas experiências de velhice, a pesquisa possui o potencial de ampliar a conscientização sobre as persistentes desigualdades raciais, contribuindo para um entendimento mais profundo das barreiras históricas enfrentadas por esses indivíduos.

As informações foram retiradas do arquivo Informações Básicas do Projeto
PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2329524.pdf

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa abordará a complexidade do racismo e suas implicações sociais e subjetivas, com foco na experiência das pessoas negras diante da discriminação ao longo da vida. O estudo tem como objetivo analisar como as pessoas idosas negras de Santa Cruz do Sul/RS vivenciam as manifestações de racismo em suas trajetórias de vida. Utilizando uma abordagem qualitativa, a pesquisa emprega técnicas próximas da fenomenologia para compreender os significados e ações das pessoas a partir de suas vivências. Inicialmente, será realizado um grupo focal com pessoas idosas negras integrantes do Clube Sociedade Cultural e Beneficente União de Santa Cruz do Sul. Posteriormente, até quatro participantes desse grupo serão convidados para compartilhar histórias de vida de maneira mais aprofundada, enquanto uma terceira fase da pesquisa envolverá entrevistas adicionais com representantes da comunidade negra que não fazem parte do Clube. O envelhecimento da população negra no Brasil é marcado por condições mais precárias em diversos aspectos, desde inclusão produtiva até acesso à saúde. Essas desigualdades se acumulam ao longo da vida, tornando-se particularmente evidentes e prejudiciais na velhice. Portanto, compreender as complexidades do envelhecimento no Brasil requer uma análise sensível às diferenças individuais e ao enfrentamento do racismo, visando garantir um envelhecimento mais equitativo e justo para a população idosa.

As informações foram retiradas do arquivo Informações Básicas do Projeto

Endereço: Av. Independência, nº 2293 -Bloco 13, sala 1306
Bairro: Universitário CEP: 96.815-900
UF: RS Município: SANTA CRUZ DO SUL
Telefone: (51)3717-7680 E-mail: cep@unisc.br

UNISC - UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL



Continuação do Parecer: 6.824.791

PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2329524.pdf

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Termos obrigatórios apresentados e adequados

Recomendações:

Vide campo "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações".

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Projeto APROVADO e em condições de ser executado conforme documentos anexados à Plataforma Brasil e validados pelo CEP-UNISC.

Considerações Finais a critério do CEP:

PROTOCOLO APROVADO e em condições de ser executado conforme documentos anexados à Plataforma Brasil e validados pelo CEP-UNISC.

Alerta-se o pesquisador responsável para a necessidade de realizar e encaminhar ao CEP-UNISC, via Plataforma Brasil, os Relatórios Parciais de Acompanhamento da Pesquisa e o Relatório Final de Acompanhamento da Pesquisa. Os formulários para os relatórios estão disponíveis no link do CEP-UNISC (<https://www.unisc.br/pt/pesquisa/comite-de-etica>), aba Documentação, Arquivo "Modelo de Relatório Parcial ou Final de Pesquisa". É o mesmo formulário para ambos os relatórios (as marcações no próprio formulário é que diferem, a depender da natureza do projeto).

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2329524.pdf	25/04/2024 15:15:52		Aceito
Outros	CARTA.pdf	25/04/2024 15:13:58	Diorginis Luis Fontoura da Rosa	Aceito
Outros	CONFIDENCIALIDADE.pdf	25/04/2024 15:04:50	Diorginis Luis Fontoura da Rosa	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	25/04/2024 14:53:25	Diorginis Luis Fontoura da Rosa	Aceito
Orçamento	ORCAMENTO.pdf	25/04/2024 14:50:35	Diorginis Luis Fontoura da Rosa	Aceito
Projeto Detalhado	PROJETO.pdf	25/04/2024	Diorginis Luis	Aceito

Endereço: Av. Independência, nº 2293 -Bloco 13, sala 1306

Bairro: Universitario CEP: 96.815-900

UF: RS Município: SANTA CRUZ DO SUL

Telefone: (51)3717-7680

E-mail: cep@unisc.br

UNISC - UNIVERSIDADE DE
SANTA CRUZ DO SUL



Continuação do Parecer: 6.824.791

/ Brochura Investigador	PROJETO.pdf	14:49:01	Fontoura da Rosa	Aceito
Folha de Rosto	FOLHA_DE_ROSTO.pdf	25/04/2024 14:41:54	Diorginis Luis Fontoura da Rosa	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SANTA CRUZ DO SUL, 14 de Maio de 2024

Assinado por:
Renato Nunes
(Coordenador(a))

Endereço: Av. Independência, nº 2293 -Bloco 13, sala 1306

Bairro: Universitario

CEP: 96.815-900

UF: RS

Município: SANTA CRUZ DO SUL

Telefone: (51)3717-7680

E-mail: cep@unisc.br

APÊNDICE A – ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

Perguntas direcionadas aos representantes da comunidade negra no município.

- 1- Em sua experiência, como o racismo afeta as pessoas negras em Santa Cruz do Sul/RS?
- 2- Quais são os principais desafios que você identifica em relação ao combate do racismo em Santa Cruz do Sul/RS?
- 3- Como você percebe o papel das instituições e da política local em relação às questões de racismo e discriminação racial na cidade?
- 4- O que você considera que lhe ajudou a superar as barreiras e se tornar uma pessoa representativa na cidade?
- 5- Qual é a importância da representatividade de pessoas negras em cargos políticos e liderança comunitária, especificamente em relação ao combate do racismo e ao apoio às pessoas negras na cidade?
- 6- Há algo mais que você gostaria de compartilhar sobre as manifestações do racismo em Santa Cruz do Sul/RS?